O HYSSOPE,

POÊMA

HEROI-COMICO.

Reinava a doce paz na sancta Igreja;
O *Bispo*, e o *Deão*, ambos conformes
Em dar, e receber o bento *Hyssope*,
A vida em ócio sancto consumiam.

Hyssope, cant. 1

O HYSSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

. . . . . Ridentem dicere verum
Quid vetat ?
HORAT. lib. 1, Sat. 1.

Nova edição revista, correcta e ampliada de Notas.

PARIZ,

NA OFFICINA DE P. N. ROUGERON, RUA DE L'HIRONDELLE, N.º 22.

1821.

AO

BENEVOLO LEITOR.

Offerecemos ao Publico uma nova ediçom (1) do *Hyssope*, segunda da que saíu á luz, em 1817, impressa n'esta cidade per A. Bobée. Essa empreza, ja premiada com geral e indulgente favor, penhorou por tanto na sua actual repetiçom todo o esmero nosso, e justamente devido a tam lindo e acreditado poema.

Pouco nos demoraremos em preambular mais encomios a esta obra de nosso Diniz; quando no prefacio da precedente ediçom, o qual vai inserto n'esta, (pag. 119 e seg.) temos dito quanto a nosso limitado saber era possivel proferir em seo abono : diremos somente que, sentindo muito que as nossas forças nom hajam equiparado a nossa vontade e desejos, mais nos pena nom haver apparecido

(1) Nom te espantes, amigo Leitor, logo verás outras estranhezas : mas no fim d'este prologo te darei de todas a possivel satisfacçom.

quem, por honra do Poeta e da Naçom, acudisse a nosso reclamo, e empenho de antepôr n'esta obra, segundo cumpria, uma noticia biographica de seo autor. Dada ao Publico esta devida satisfacçom, passamos a lhe expôr as differenças, per nos suppostas melhoradas, entre esta e a nossa precedente ediçom.

Accomodamos a orthographia á do manuscrito per nós antecedemente reputado melhor (vid. pag. 123 e 124); nom somente por ella nos parecer mais arazoada e análoga á fonte primeira de nossa linguage, mas por ser tambem a mais seguida pelos nossos Classicos do melhor tempo.

Por tanto, observarás, Benevolo Leitor, um constante, distincto e bem adequado emprego das preposições — *Per* e *Por* —. Si com-nosco nom convieres em tam acertada distincçom, pedimos-te que recorras a nossos maiores de boa nota, cujos escritos te darám exemplos bastantes d'essa dialectica differença; e si nos pedires a razom grammatical d'ella, ap-

pellaremos para o juizo de *Duarte Nunes do Lião* (1), do sabio *Jeronymo Soares Barbosa* (2), e do nosso illustre Bispo *Hieronymo Osorio* (3). Confiamos que nom recusarás tam insignes juizes, e que grato obedeças a seo julgado. O ultimo d'estes tres mestres, em uma de suas cartas dá-nos um exemplo assaz notavel d'essa differença, e n'uma so phrase. Falando dos *Jesuitas*, ou P.P. da *Companhia*, diz Osorio: « e viu o Rei-
» no, que as pessoas *per* que se gover-
» nava ElRei, eram da *Companhia*, da
» sua cevadeira, e feitos *per* ella, e *por*
» ella, e *para* ella ser tudo em tudo;
» etc. » pag. 44.

Deverás fazer o reparo de que em todas

---

(1) Orthogr. da Ling. Portug. Regra X.

(2) As duas Linguas, ou Grammatica philosophica da Lingua Portugueza, comparada com a Latina, etc. Coimbra, 1807, em 8°. (pag. 124 e 125).

(3) Cartas Portuguezas de D. Hieronymo Osorio, Bispo de Silves, etc. Pariz, 1819, em 12°.

as conjugações, as terceiras pessoas do numero plural de todos os tempos dos diversos modos, as quaes muitos hoje fazem terminar em *ão*, acham-se impressas em *am*; e que a desinencia *ão* foi somente conservada ás terceiras pessoas do plural nos futuros do indicativo. Mais adiante te diremos, Amigo Leitor, a nossa opiniom acerca d'esta maneira de *Orthographar*, que nom quizemos alterar, tanto por nos parecer mais arazoada, como por ter sido, ha muito ja, seguida pelos nossos melhores Classicos.

Acharás tambem que, por concordar em tudo com o indicado Manuscrito, reformamos n'esta ediçom o modo de escrever a terceira pessoa singular do presente no modo indicativo do verbo *Ser*; e que a escrevemos *he*, e nom *é* como na precedente publicaçom d'este poema em 1817 (V. pag. 129). Assi ficará este vocabulo bem distincto da conjunçom *e*, em quanto esta nom se escrever &, como a escreviam os bons Autores de nosso seculo de ouro.

Estas sam todas as differenças orthographicas entre as edições, actual, e precedente. Cumpre porém que te informemos de outras mais essenciaes, e respectivas ás *Variantes* ja anteriormente annunciadas, e que agora, pelos conselhos de doutos juizes em literatura, dispozemos n'este poema em seos competentes logares.

Pag. 1, verso 4.

Que o *Sena* bordam de arvores viçosas.

Nas precedentes duas edições, e alguns Manuscritos acha-se

Que o *Sena borda* de arvores viçosas.

Preferimos a liçom que adoptâmos.

Pag. 2, vers. 16.

Labyrinthos, Acrósticos Sonetos,

Em alguns M. S. e nas 2. ed. anteriores, lê-se

Labyrinthos, Acrósticos, *Segures,*

Adoptamos *Sonetos*, bem que Filinto Elysio nos haja asseverado que deve ser— *Segures* —. Eis o que elle nos escreveu:

« *Segures* erão certas composições mui
» tolas, em que as prosas, ou alcunhados
» versos tomavão a forma d'uma segure,
» ou machado;...... etc.: como ha exem-
» plos nas que se podem vêr n'um gordo
» livro em 4.° que Fr. Francisco da Cun-
» ha, *Augustiniano*, imprimio á custa
» da R.ª mulher de D. João V. — *Elo-*
» *gio da Rainha de Hungria.* — »

Como nom temos a esperança de achar similhante livro em Pariz, adoptamos a liçom — *Sonetos* —, como mais intelligivel. Aos curiosos residentes em Portugal será mais facil verificar a asserçom de Filinto: si se achar certa, a força memorativa de um velho, com mais de 80 annos, nom será menos recommendavel que o seo talento, como poeta.

Pag. 11, verso 15, e os oito seguintes:

Olha do illustre *Almeida* à feliz sorte,

Na precedente Ediçom, e alguns M. S. lê-se do seguinte modo:

Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.
Da noite a maior parte assim consome

N'estes projectos *vãos*, e em nada assenta.

Até que junto ao toque da alvorada,
A *Lisonja*, tomando a leve forma
D'um doce sonho, (apenas cerra os olhos)
Entre mil *vãos* phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla :......

A dureza de sentido d'esta ultima liçom he mui obvia e pouco grammatical: na precedente Ed. tentâmos de aclara-la com parenthesis. A divisom do paragrapho ainda he menos regular.

Pag. 61, vers. 1 e os 10 seguintes :

— O Padre-mestre vendo-se obrigado
A recontar, etc.....

Nas 2 preced. Ed.s, e em todos os M. S. que tivemos á nossa disposiçom, fallecem estes onze versos que achamos no ja lembrado manuscrito. Ora Diniz, n'este dialogo do *Deão* com o *Frade*, tem sempre distinguido as falas de ambos, com os incisos — lhe volve o *Padre*, — diz o *Deão*, o *Padre* lhe tornou, — o *Lara* proseguiu, etc : por-tanto inserimos no seo competente logar esses versos. Protestamos que nom tivemos a menor tençom

de contrastar o pio melindre dos R.mos Capuchos, e esperamos nom ter provocado a sua santa raiva.

Pag. 79, vers. 4.

Não devéra escapar, por innocente;

Nas 2 preced. Ed.s e outros M. S. vem este verso assi:

Nem se quer escapou por innocente;

Ora o adverbio *se-quer*, sendo synonymo de — *ao menos*, dá a este verso um sentido contradictorio; adoptamos por tanto a liçom que achamos no M. S.

Pag. 88. Vers. 10.

Outros porém mais justos o defendem,

Estes dez versos, na primeira ediçom, e em quantos M. S. vimos antes da nossa de 1817, nom concordam em ordem e expressom; por tanto adoptamos a liçom do Manuscrito que os dá mais claros de sentido, e com mais regularidade de narraçom.

Pag. 98, vers. 27.

Cai a grossa saraiva, alaga os campos;

Assi se lê no Manuscrito; mas nós ou-

tros que nos forom presentes, bem como nas duas precedentes Edições, acha-se do modo seguinte :

Cai a grossa saraiva, *enchendo* os campos.

A palavra *enchendo* diz aqui muito pouco e nom equivale ao verbo *alagar*, que tem a triplice significaçom de inundar, encher, e destruir; o que he muito proprio da saraiva.

Pag. 107, vers. 11.

Na minha mocidade, instituida
Fui..... etc.

He de notar que na Ed. de 1802, e em todos os M. S. que com ella conferîmos, este verso acha-se manco, na maneira seguinte:

Eu, sendo moça, instituida
Fui....... etc.

Manco tambem o demos na Ediçom nossa de 1817, nom tendo querido atrever-nos a endireital-o: felizmente o manuscrito, que alcançâmos, o traz como o imprimimos n'este livro.

Estas sam as variantes mais importantes, de que cumpria darmos conta.

Convem outrosi saber-se que existe n'este poema uma quebra, mas nom defeito que deva ser imputado a seo Autor: e vem a ser que o Canto V, que tanto excede em extensom aos mais, formava a principio dous Cantos separados: terminando pois o dito C. V. no verso

» Com a pesada massa o duro casco.... »(1)

tudo o que segue pertencia ao Canto que Diniz encurtou por motivos de propria conservaçom: ora como o dito Canto ficasse troncho, e com insufficiente numero de versos para poder condizer com os outros, Diniz o reuniu ao V. N'esse C. supprimido, ou encurtado, o dialogo entre o Deão e o Guardiam era muito mais extenso, e versava sobre as reformas que houverom logar em Portugal, durando o

---

(1) Bem como Camões acaba o VII. C. da sua Epopea, com os versos

Um ramo por insignia na direita.... Est. 77, v. 8.
Um ramo na mão tinha............ Est. 78, v. 1.

E começa o C. seguinte, repetindo:

Que por divisa um ramo na mão tinha. Est. 1, v. 3.

reinado de D. José I. A reedificaçom de Lisboa, a expulsom dos Jesuitas, a fundaçom do Collegio dos Nobres, a reforma da Universidade de Coimbra, o estabelecimento de estudos menores em todas as cidades, e villas do Reino etc. etc.; tudo dava motivo a emphaticos argumentos do Deão, e ás objecções que, mui civil e recatado, lhe tornava o Guardiam dos Capuchos. Esta suppressom, que devemos sentir, foi causada pelo receo que teve o Autor de ser mal visto do Ministerio que succedeu ao do Marquez de Pombal; pois bem notoria he a reacçom que experimentou Portugal, apoz a morte d'ElRei D. José, tanto em administraçom e politica, como em doutrinas e economia publica; e nom menos sabidos sam os vexames que soffrerom os que elogiaram esse Monarcha, ou o seo Ministro. José Basilio da Gama, autor do poema *Uraguai*, esteve a ponto de perder o seo logar de official da secretaria d'Estado: o Capitam Manuel de Sousa, por haver traduzido o *Tartufo*, foi preterido na promo-

çom do posto que requeria, e a que tinha direito : o Ultramontanismo resurgindo á voz do Nuncio, sob os auspicios d'um Ministerio ignorante e agastado, perseguia, pela fervorosa agencia do Principal Furtado, o grande Ant. Pereira de Figueredo. Estes e outros eguaes acontecimentos, que por brevidade deixamos de memorar, eram mais que sufficientes avisos para o Poeta haver de se acautelar, attendendo á contínua dependencia em que se via para seo adiantamento na magistratura. Por tanto Diniz prudentemente, com o pretexto de emendal-os, recolheu os poucos exemplares que havia dado a seos amigos, e restituiu outros com a reforma que temos mencionado. Esta anecdota, que sabemos e abonamos, até se prova pelo mesmo Canto V, na maneira em que agora se acha : pois des-que o Padre Guardiam manda ao Padre Jubilado que vá passar a certidom, até que este vem com ella, apenas medeam 64 versos que, recitados com todo o vagar, nom levam cinco minutos. Ora, si em todo Drama, o

tempo moralmente preciso para qualquer acçom indicada fora da scena he de regra indispensavel: na Epopéa todo o incidente interposto, que n'ella requer conclusom, tambem necessita de tempo arazoadamente bastante para seo acabamento. Como podia pois o Padre Jubilado, em tam breve espaço, ir á sua cella, e d'esta voltar, ja com

« A grande certidão, que passar fôra »?

Emfim tornamos a dizel-o, impute-se esta quebra ao Despotismo Ministerial, e nom ao Poeta: pois n'uma Monarchia das que chamam (nom sabemos por que!) *absolutas*, a morte de um Rei sempre traz com sigo trastorno de *cousas*, e vexames de *individuos*; e na conta dos escravos passivos do Ministerio, o novel Rei deve ser reputado o mais sujeito; e de certo, mais que todos, he elle prejudicado; mormente pela mingua geral de respeito e amor, imprudentemente provocada e affincadamente promovida per Lisonjeiros ministros, e Valídos insolentes.

Agora, Benevolo Leitor, vamos dar-te a satisfacçom promettida, em nota no fim da primeira pagina d'este prologo, acerca das estranhezas que haverás encontrado na sua orthographia. Confessamos que, ha muito, temos, e teremos sempre por alvo singular, quanto nos será possivel, eliminar de nossa bella linguage alguns vicios com que, a despeito de nossos bons Classicos, a tem manchado a teimosa ignorancia, ou o mal entendido preceito do costume: como si o costume, quando mal fundado, devesse ser reputado lei impreterivel, que nom possa ser reformada. Advertiremos em tanto que nom damos as nossas ideas como axiomas, mas sim como problemas que offerecemos ás pessoas eruditas e apaxonadas da mais bella das linguas derivadas da Latina, para que hajam de os meditar e resolver.

A lingua franceza que, desd'o tempo do Cardeal de *Richelieu*, tem sido o objecto constante de 40 sabios, perennalmente empregados na conservaçom

de sua pureza; a pezar de ser já, e desd'o tempo de Luiz XIV, considerada como lingua fixamente circonscrita em suas locuções e orthographia, admittiu, ha pouco, e sanccionou algumas reformas propostas per Voltaire, e outros literatos. A Orthographia portugueza, ha mais de dous seculos, he assumpto de controversia em que se tem publicado muitas más e algumas boas razões: mas ate o presente esta lide ainda nom tem achado juizes que a sentenciassem, e nos dessem cabaes razões de seo julgado. A regia Academia de Lisboa, dignando-se de proferir o seo juizo em uma causa de sua alçada, fará ao Publico o serviço que d'ella he esperado, ha tantos annos; e com justiça, reconhecendo as fontes de que derivamos o methodo seguido n'este prologo, tornará mais precisa, arazòada e simples a nossa actual multiforme orthographia.

Em breve diremos quanto á desinencia *ão*, que a tal ponto de confusom tem chegado o seo emprego em nomes (e tambem verbos, como logo diremos), e tanto se

cem vulgarisado em o numero *singular* dos vocabulos que no *plural* têm as diversas terminações de *ães*, e *ões*; que, a analogia grammatical e a etymologia pouco e pouco esvaecendo-se, as desinencias *pluraes* de muitos nomes ja se acham affectas pela ignorancia com sons e letras que lhe nom competem: o que em summo grao difficulta o nosso idioma aos sabios estrangeiros que d'elle sam estudiosos. Estes, acostumados ás antigas edições de nossos Classicos, que muito bem entendem, somente com assaz de trabalho e enojo podem applicar-se á leitura das melhores producções de nossos modernos autores. Cumpre pois, com exemplos darmos a conhecer o theor perque se formam estas varias desinencias.

1.º Nas palavras cuja terminaçom singular he *ão*, a plural deve ser ãos:

S. *Grão : Irmão : Cidadão :* } *etc.*
P. *Grãos : Irmãos : Cidadãos :* }

2.º As palavras que no singular acabam em *am*, e sam mui poucas, terminam no plural em *ães*.

S. *Cam : Pam : Capitam :* } *etc.*
P. *Cães : Pães : Capitães :* }

3.° As desinencias pluraes em *ões* so podem derivar da singular em *om*.

S. *Acçom : Sermom : Leom :* } *etc.*
P. *Acções : Sermões : Leões :* }

4.° Os vocabulos que no singular fenecem em *ãa*, no plural terminam em *ãas*.

S. *Lãa : Rãa : Irmãa :* } *etc.* (1)
P. *Lãas : Rãas : Irmãas :* }

Facil he conhecer que as desinencias *ão* e *ãos*, *ães*, *ões*, *ãa* e *ãas* nos indicam, no signal ~, uma nota levemente nasal que affecta a vogal em que he posta, sem ferir a vogal seguinte. Esse signal, que bem pode ter nome de *accento*, supre o *n* que a etymología demostra nas termi-

---

(1) Si houvéramos de seguir o exemplo de algumas pessoas, que em seos escritos nos tem largueado novos preceitos de linguage portugueza, deveriamos escrever *lan*, *van*, *ran*, *irman*, *christan*, *joven*, *etc.* : mas em quanto as suas producções literarias nom alcançarem o titulo de *Classicas*, o que raras vezes succedeu aos mais abalisados Autores, durando

nações latinas em que entra esta letra: V. G. *granum*, grão; *canes*, cães; *actiones*, acções; *lana*, lãa; etc.

Este modo de prolaçom em taes desinencias de nossa linguage, onde a consoante etymologica *n* se torna quasi nulla, pode bem comparar-se com egual uso dos Hespanhões na pronuncia de suas desinencias em *do*, *dos*, e *das*, onde o *d* he mui pouco soante, e quasi nom fere a vogal que o segue.

Quanto ás desinencias em *ão* das 3.as pessoas pluraes dos verbos em todas as conjugações, fizemol-as terminar em *am* excepto no preterito, onde as acabamos em *om*, como Fran.co de Moraes, no seo

---

a sua vida; e como lhes desejamos dilatados annos, em proveito da publica e nossa instrucçom; escreveremos por hora esta desinencia como a escreverom nossos Classicos, e fugiremos sempre de *acastilhanar* a nossa lingua com uma nasal sonora, que *Duarte Nunes do Lião* nom admitte na conta das 5 letras consoantes (l, m, r, s, z), *per que se podem acabar as dicções da lingua portugueza.*

Palmeirim; P. de Andrade Caminha, e outros: assi conservâmos mais, n'essas desinencias portuguezas, a sua analogia com as latinas de identicos tempos. Em portuguez os futuros do indicativo em todas as conjugações, sendo formados do infinito, como radical, e do presente do verbo *haver*, como desinencia, damos lhe a desinencia accentuada do presente do mesmo verbo *haver*, e dizemos nas 3as pessoas do plural, *amarám*, *defenderám*, *ouvirám*. (1)

Acerca da voz negativa *nom*, escrevémol-a assi; e ignoramos o motivo por que, contra a etymologia, se deva escrever *não*; quando nossos Classicos a escreverom *nam*, como Lucena e muitos:

---

(1) O verbo auxiliar *haver*, com-sigo mesmo tambem produz o seo futuro; o que bem se dá a conhecer na decomposiçom euphonica *havel-o hei*, *havel-o has*; *havel-o ham*, por *o haverei*, *o haverás*, *o haverám*, *etc.*; o accento suprindo o *h*, da mesma forma que, em outras palavras portuguezas, o *h* supre o accento da vogal que o segue, etc.

nom, como Caminha e outros. Na 1.eira Ed. dos *Lusiadas*, esta negativa achando-se impresssa *nam*, observamos que, quando seguida do adverbio *mais*, reassume a vogal *o* de sua etymologia latina e perde o *m* final: o que tambem achamos em Bernardim Ribeiro, Fernam Mendes Pinto e outros muitos, (1) Poetas e Prosadores.

---

(1) Bern. Ribeiro. *Menina e moça*. Cap. 8.

Nomais disse pera sempre; etc.

Fern. Mendes Pinto. *Peregrinações*. Cap. 83.

A velha acenando com a máo nos disse: *Nomais*, *nomais*; porque me doe ver-vos chorar, etc.

Camões. *Lusiadas*.

Nomais que so sessenta de cavallo. C. III. Est. 68.

Nomais, Musa, *nomais*, etc. C. X. Est. 145.

Com a extracçom do *m* nas vozes *nom*, *com*, *tam*, *quam*, *etc*, forom formados os vocabulos compostos *nomais*, nom mais; *comigo*, com migo; *tamanho*, tam magno; *camanho*, ou *quamanho*, quam magno, etc.: e dizemos que este *no* seguido de *mais*, tanto n'esses exemplos, como em outros muitos, que por brevidade omittimos, nunca se poderá tomar, parece-nos, pol-a contracçom *em o*, nem por erro typographico.

A nom ser ja grande a extensom d'este prologo, muito teriamos que discorrer sobre esta letra *m* : diremos só por hora que em *latim*, como ensinam os antigos Grammaticos (1), e em portuguez, como o prova a nossa poesia do bom seculo, esta letra, nas palavras que começa tem som diverso do em que ella as acaba; e que no fim dos vocabulos, em ambas as

---

(1) Da liçom dos antigos Grammaticos da lingua latina, podemos reconhecer o direito de primogenitura que á nossa compete sobre todas as que hoje consideramos como mais ou menos derivadas da do *Lacio*. A nossa, sem duvida, avantaja-se a todas com essa primazia, tanto em prosodia de vocabulos, e prolaçom de desinencias, quanto em etymologias. Por fugir da prolixidade de exemplos, e inda mais da taxa de pedantismo, recommandamos a leitura de um livro intitulado : *Gammaticæ latinæ Auctores antiqui*, in-4.° *Hanoviæ* 1605; e pedimos ás pessoas, que nos honrarem com suas criticas, hajam de o ler e meditar : assi poupar-se ham o trabalho de dar, por falhas nossas, o que possa talvez somente ser descuido seo.

linguas, o *m* so serve de sumir o tom da vogal que o precede. N'isto he perfeitamente conforme a lingua portugueza co'a latina; pois os nossos bons poetas, quando lhes convinha, faziam synalepha das desinencias em *m* com a vogal per que começava a palavra seguinte; e Diniz assi a fez no verso 26 da *pag.* 115.

Acção bem digna so d'um *home' indigno!*

Bem como J. Franco Barreto, vertendo os seguintes versos do VII. Liv. da Eneida;

. . . . aeriam sed gurgite ab alto
Urgeri volucrum raucarum ad littora nubem.

Na est. 164, disse:

Mas, mais ser *nuve' aos* ares levantada
De roucas aves certo crêr podia.

Infindos sam os exemplos d'esta licença commum aos poetas latinos e portuguezes classicos (4); e nom se créa que

(4) Pedro de Andrade Caminha.

Celestes vozes, cheas de doçura,
Que converte' em brandura a mor dureza. *pag.* 17.

indifferentemente nossos maiores escrevessem *nuvem* e *nuve*, *homem* e *home*, etc. pois elles formavam as desinencias dos vocabulos derivados dos latinos, com analogia systematica e quasi sempre uniforme. Os substantivos que no *singular* acabam per *em*, e no *plural* per *ées* e hoje per *ens*, (e sam mui poucos os derivados do latim) como farragem, nuvem, imagem, margem, homem, ferrugem, sam derivados, per contraccom, do accusativo singular de *farrago*, *nubes*, *imago*, *margo*, *homo*, *ferrugo*, etc. — Os nomes neutros que em latim acabam em *n*, *numen*, *nomen*, *lumen*, *pecten*, *gluten*, *etc.* em portu-

---

Nom soffre' as Musas ser assi tratadas. *p.* 81.
No'é amor andar de amores. *p.* 178.

CAMÕES.

Debate'e na porfia permanecem. *Lus. C.* 1, *est.* 34.
Que em tanta antiguidade no'ha certeza. *C.* 2, *est.* 29.
Comecerá' a seguir sua longa rota. *C.* 1, *est.* 29.
Se'aproveitar dos homens força e arte. *C.* 6, *est.* 73.

Estes dous ultimos versos têm dado motivo a grandes e mui doutos commentarios!!

guez terminam per *e:* nume, nome, lume, pente, grude, etc.: egualmente os monosyllabos *ars, mors, fons, sors, pons, mons, dens, etc.* em portuguez: arte, morte, fonte, sorte, ponte, monte, dente, etc.; e tambem os vocabulos tomados do Francez, verb. gr. *viaje, vantaje, ultraje, salvaje, homenage, village, lavage, parage, passage, linguage, message,* (5) *etc.* aos quaes vocabulos muitos Classicos nom davam a desinencia desagradavel e quasi nasal, de *em,* pois o accento competindo n'elles á syllaba penultima, e a ultima syllaba sendo pouco soante, a addiçom do *m,* alem de inutil, e absurda quanto á etymologia,

(5) Por conservar a analogia orthographica entre os nomes e seos derivados, em algumas d'estas palavras acha-se a ultima consoante escrita com *j,* quando nas outras o he com *g.* A razom de uniformidade pede, parece-nos, que nom podendo escrever-se-viajar, avantajar, vantajoso, ultrajar, assalvajar sem *j,* adoptemos esta letra nas palavras de que derivam taes verbos ou adjectivos, etc.

n'estas

n'estas palavras torna-se ingrata ao ouvido, e avessa á prosodia de nossa linguage. He com tudo bem singular a variedade que acerca d'esta desinencia temos notado em algumas edições antigas: para exemplo, citaremos as palavras *message*, e *messageiro* que, em Barros, Fr. Luiz de Souza (6), e outros, assi se acham impressas, quando em todas as edições das Obras de Camões achamos *mensagem*, e *mensageiro*. Estas palavras vindo-nos da lingua franceza que as formou das duas vozes latinas — *missum gerens*, ou *qui missum gerit*, messager, — e *missum gestum*, message, d'ellas egualmente fizerom os Italianos *messaggio* e *messaggiero*: parece pois bem extraordinario que Camões, bom sabedor que foi nom so das linguas grega, latina e da nossa, que tanto enriqueceu; mas até da italiana e da franceza, como nol-o certi-

(6) *Messageiro* de todos os corações. Vid. do B. Henr. Suso, Cap. 10.

Despachou um *messageiro*. Vid. do Arceb. L. 2, c. 2.
Despachado o *messageiro*. Id. L. 2, c. 5.

fica Fern. Alv. do Oriente (prosa VI, liv. 2, da Lusit. transform.), houvesse de escrever *mensagem*, e *mensageiro* (7); quando a *propriedade de nossa lingua*, segundo Duarte N. do Lião, e a prova constante da etymologia nas palavras derivadas do latim, *he de fugir o n* (8). Devemos imputar a amanuenses, e impres-

---

(7) Manda seos *mensageiros* que passaram. Lus. C. 4. Est. 61.

Ja chega a Portugal o *mensageiro*. C. 6, Est. 51.

Mas vendo emfim que a força da *mensagem*. C. 7, Est. 26.

(8) De quasi todas as palavras latinas, vindas á lingua portugueza, nas quaes entra a consoante *n*, esta letra foi eliminada pelos nossos maiores: por brevidade, citaremos somente os seguintes exemplos: *monasterium*, mosteiro; *monimentum*, moimento, *monstrare*, mostrar; *minutus*, miudo; *frenum*, freo; *arena*, area; *mensa*, mesa; etc. etc. Ja mais poderemos acreditar que, contra a etymologia, e a indole particular de nossa linguage, Camões escrevesse os vocabulos *message* e *messageiro*, com as absurdas e inuteis addições das nasaes *n*, e *m* final.

sores anomalia tam desarazoada, e nom a Camões que certamente nom teve a pretençom de adulterar tal palavra com sons nasaes, nas syllabas primeira e ultima. Em quanto nom apparecer algum autographo de Camões, d'essa e de outras poucas falhas em orthographia, que se acham na 1.era Ediçom dos *Lusiadas* de 1572, nom lhe faremos cargo: e quando fôra possivel apparecer com ellas, diriamos que, alguma vez tambem, poude *dormitar*, qual outro Homero.

Apezar da manifesta aversom de nossos maiores contra a letra *n*, que em todas as desinencias elles supprirom com a consoante *m*, como pouco soante e muito menos nasal; notaremos porém que, para evitar os *hiatos*, costumavam em algumas desinencias conservar o som e a força do *n*, para ferir com elle a vogal que desse principio á palavra seguinte, mormente sendo artigos. Em alguns manuscritos dos XVI e XVII seculos temos encontrado palavras açabando em *n* em vez de *m*, la onde a

voz seguinte principia per vogal; e todos nossos poetas e prosadores dam-nos repetidas e sobejas provas d'este uso que, a favor da euphonia, reclama o emprego do *n;* mas achamol-o impresso de um modo que desfigura totalmente a razom de sua origem: Na Lusitania transformada de Fern. Alv. do Oriente, vemos o exemplo seguinte (pag. 45, ed. de 1781.)

E os pastores *accata no*,
Ensinando o teu nome á faia, ao platano.

O douto editor d'este Classico, em seo indice, pag. 529, diz: «Acáta-no *por* » acátão-no, *isto he respeitão-no. Fez* » *aquella terminação por servir de* » *consoante. Isto mesmo praticou em* » *outras partes.* » O editor, quanto a nós, enganou-se: Fern. Alv. nom *fez aquella terminaçom;* muito antes d'elle, ja era *praticada* assi na prosa, como em poesia (9): si mal representada a vê-

---

(9) Fran. de Moraes.

Saem lhe cinco cavalleiros, e *vencen-o* logo. Palmeir. *Part.* 2, *c.* 74.

mos em nossas edições, imputemos este e mais outros defeitos graphicos a impressores ignorantes, ou descuidados, e nom aos Autores, que de certo tiverom, bem como alguns modernos, frequentes e justos motivos de arguir de negligencia a esses fabricantes copistas de alheas obras. Repetiremos pois estes dous versos de Fern. Alv., e damos os

---

Non-o hajais por pouco. *Ib.*, *c.* 133.

Lancén-o aos Leões, *encampen-o* aos escudeiros. *Dial. pag.* 14.

Joam de Lucena, *vid. do B. Xavier.*

Dotáran-as logo os portuguezes tambem. L. X., c. 9

Mas *non-o* soffrendo sua extrema fraqueza. L. X, c. 29.

Fr. Luis de Sousa.

Fizéron-o assi os frades. *Vid. do b. Suso. C.* 9.

Olhávan-o com espanto, *acatávan-o* como a santo. *Vid. do Arceb. L.* 2, *c.* 34.

Camões.

A ventura que *non-o* fez visinho. C. 6. Est. 1.

Non-o dá a Patria; nom, que está mettida.

Fran. de Sá de Miranda.

Almas que sonhando andais,
O muito *non-o* troqueis
Por nadas, como o trocais:
As perolas orientais
Aos porcos *non-as* lanceis

} Carta 2.a ao Senhor de Basto, Quintilha 36.

outros exemplos que vam em nota, com a orthographia que nos parece mais arazoada:

E os pastores *acátan-o*,
Ensinando o teo nome á faia, ao *plátano.*

D'este exemplo colhemos a prova de que nossos Maiores eram muito menos, que nós, caroaveis da nasal e *protracta* desinencia *ão*. As terceiras pessoas do plural de todos os verbos, as quaes nossos Classicos terminavam em *am, om*, e *ám*, por terem hoje a desinencia commum de *ão*, tanto na pronuncia, como na escrita, assumem uma uniformidade anomal que, alem de monótona, muitas vezes se torna amphibológica. Sendo no susodito exemplo a palavra *acátan-o* considerada como um so vocabulo, pela uniom do artigo *o* suffixo ao verbo que o accusa; e tendo a 3.ª pessoa plural do presente indicativo do verbo *acatar* o accento prosodico na syllaba penultima, fica certo que a ultima nom pode ser representada pelo diphthongo *ão*: pois nom conhecemos em lingua alguma diphthongos breves; e

escrever-se, n'este e em outro qualquer caso, uma desinencia breve, ou de tom sumido, com o diphthongo *ão*, parece-nos um vicio contra a orthographia, o qual dá origem a outro de pronunciaçom.

Nom pretendemos, Amigo Leitor, dar-te regras que tu hajas de observar como leis: offerecemos-te unicamente, ja t'o dissemos, duvidas que te pedimos de pesar e resolver. Com este fim seguimos, na orthographia d'este prologo, o exemplo que, na prefaçom de sua grammatica franceza, deu M.r *de Wailly*, escrevendo a dita prefaçom com uma nova orthographia, para servir como ensaio da reforma que propoz. A differença, entre o seo programma e o nosso, consiste em que elle, por diminuir o numero das letras que julgava excusadas, innovou methodos de escrever as palavras, até seo tempo desusados na lingua franceza; e nós, nom te propomos algum que nom possas achar nos nossos Classicos. Si pois tu te esmeras em imitar estes no estylo, porque te negarás tu a seguil-os

na orthographia que tanto pode e deve influir sobre a euphonia da linguage?

Polo que respeita á orthographia do Hyssope de nosso Diniz, advertimos que nom nos temos afastado da do manuscrito, e que com ella conformamos o mais que vai em seguimento do dito poema: posto que n'esse manuscrito hajamos notado alguns vicios nasaes, desconhecidos de nossos Classicos, v. g. *assim* por *assi*, *mim* por *mi*, e poucas outras pequenas falhas que algumas pessoas, aliás prezadas de literatas, vam descuidosas propagando pela autoridade de seos escritos. Nom he, nem jamais será nosso alvo contrastar estylos, ou opiniões d'outrem; bem como das nossas, somente si convencidos de seos erros, desistiremos logo. Por isso, quanto á doutrina de alguns *Aristarchos* acerca de *accentos*, confessamos ingenuamente que nom podemos percebel-a; pois, além de adversa á de Joam Franco Barreto (10),

(10) Barreto. *Orth.* 16. Quando *a* he preposição se assinalará com accento agudo; por

classico que nos parece digno de algum credito; temos notado que a lei, que promulgarom sobre essa questom, acha-se até per elles transgredida, e de modo identico ao que reprovam, como vicio reprehensivel, e da alçada do *Tribunal da Opiniom Publica*. Perante os *Promotores* espontaneos de tam subida Jurisdicçom, declaramos outro-si que nunca escreveremos *á cerca*, em logar de *acerca*; nem *punir por* alguem, ou *por* alguma cousa, em vez de *pugnar por etc.* A nossa teimosa ignorancia, cujo atrevimento nom podemos sofrear, engeita e sempre engeitará essas, e outras taes locuções, mui particulares d'esses *Fiscaes d'accentos*. Possa a confissom de tam decisiva pertinacia dar assumpto a algum libello, para publico e nosso divertimento! Como renitentes contumazes, deixal-o-hemos julgar á revelia per

---

que então he longo : e o mesmo se faz quando esta preposição se ajunta com o articulo, e debaixo desta unica figura *á* se incluem ambos per syncopa, etc., etc.

quantos pedagogos quizerem n'elle tencionar; e a final, riremos da formidavel sentença.

Amigo Leitor, nom nos tenhas a arrogante disfarce o *numero plural* em que nos expressamos: assi falam os Frades, que professam humilde desapego á propriedade, bem como nós á philaucia, e ao *magistério*. D'este modo nos falavam nossos Reis, nos falam ainda as *Ordenações* do Reino, e até nos falarom os Philippes, usurpadores de nosso Portugal; por ser estylo proprio das Nações que legislam com seos Reis; como nós, ainda nom ha 123 annos, legislávamos. A tam antigo *plural* o Senhor D. Joam IV, (25 mezes depois de sentado no throno a que o levantáramos) o primeiro, substituiu o *singular*, em que nos declarou ser elle dotado nom só de poder Real, mas até do *absoluto*, e (o que mais he!) de *certeza de sciencia* (7). Nom tendo pois real certeza da

(7) Ord. do Reino, Ed. de Coimbra, 1789, em 4.º tom. 1, pag. viij, lin. 9 e 10.

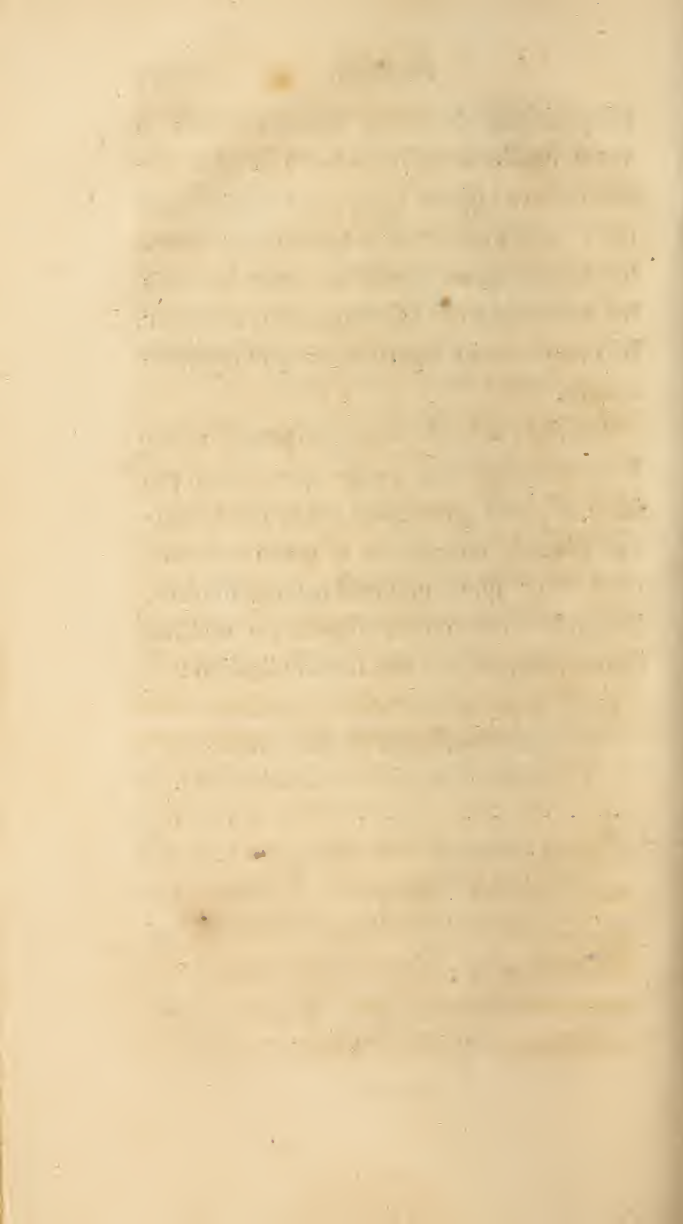
propriedade de nossa pouca sciencia, e antes confessando devel-a a muitos defuntos, e a alguns vivos, assentâmos que nom nos competia *singularisar* nosso modo de expressar-nos; em quanto nom for admittido em Direito, que o *devedor* he proprietario *legitimo* do que *está devendo*.

Emfim, acharás na ultima pagina d'este livro o indice dos erros que, nom per incuria, mas pela geral sorte das humanas obras, escaparom á nossa correcçom. Aos que, por mal intencionados, julgando a esmo esta ediçom, a maldisserem, responderá um nosso Classico:

He de *Vós*, de mui longe, conhecido
O argueiro pequeno no olho alheo;
E o madeiro no *Vosso* nunca he crido.

. . . .

Tem as *pennas* agudas mais que d'aço
Estes que querem ser graves censores;
Se lhes armas, caem logo em qualquer laço.

FIM.

O HYSSOPE.

ARGUMENTO
DO POEMA,
DADO PELO AUTOR.

José *Carlos de Lara*, Deão da Igreja *d'Elvas*, querendo obsequiar o seo Bispo, o Ex.mo e Rev.mo D. *Lourenço de Lancastre*, vinha offerecer-lhe o *Hyssope*, á porta da Casa do Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar as suas funções na Sé. Depois, esfriando esta amisade por motivos que nos são occultos, mudou o dito Deão de systema; o que o Bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita á sua ill.ma pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obséquio, maquinou com alguns seos parciaes do Cabido, que este lavrasse um *Accordão*, pelo qual o Deão fosse obrigado, debaxo de certas mulctas, a não o esbulhar da pretendida posse, em que se achava. D'este terrivel *Accordão* appellou o Deão para a Metropoli,

onde teve sentença contra si. Esta he a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreu o Deão, e lhe succedeu no Deado um sobrinho seo, chamado *Ignacio Joaquim Alberto de Matos*; o qual, recusando sujeitar-se, como seo tio, ao sobredito encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão de seo procedimento, este cheo d'um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal *Accordão*, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dá matéria ao vaticinio de *Abracadabro*, que he um dos episodios de que se reveste o presente poema.

O HYSSOPE,

POÉMA

HEROI-COMICO.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o *BISPO*, e a espantosa Guerra,
Que o *HYSSOPE* excitou na Igreja *d'Elvas*.
MUSA, Tu, que nas margens aprazíveis
Que o *Séna* bordam de arvores viçosas,
Do famoso *Boileau* a fertil mente
Inflammaste benigna, Tu me inflammà;
Tu me lembra o motivo; Tu, as causas
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegáram o Prelado, e o seo Cabido.

Nos vastos *Intermundios* de *Epicuro* (1)
O gran' paiz se estende das *Chiméras*,
Que habita immenso Povo, differente

Nos costumes, no gesto, e na linguagem.
Aquí nasceu a *Moda*, e d'aquí manda
Aos vaidosos mortaes as varias formas
De séges, de vestidos, de toucados,
De jogos, de banquetes, de palavras;
Unico emprego de cabeças ocas.
Trezentas bellas, caprichosas *Filhas*,
Presumidas a cercam, e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aquí seo berço teve a espinhosa
Escholastica vãa *Philosophia*,
Que os Claustros inundou; e que abraçáram
Até a morte os perfidos *Solipsos* (2).
Daquí saíram, a infestar os campos
Da bella Poesia, os *Anagrammas*,
Labyrinthos, *Acrósticos Sonetos*,
E mil especies de medonhos monstros,
A' cuja vista as *Musas* espantadas,
Largando os instrumentos, se escondéram
Longo tempo nas grutas do *Parnasso*.
Aquí (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida *Burletta*, que tyranna
Do Theatro desterra indignamente
Melpómene e *Thalía*, e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada.

Do denso Povo, que o paiz povoa,
Uns com pródiga mão ricos thesouros,

A troco d'uma concha, ou borboleta,
Ou d'uma estranha flor que represente
As vivas cores do listrado *Iris*,
Despendem satisfeitos: Outros passam,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo *Lácio* antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-consumidos;
Para depois tecer grossos volumes
Do—H—sobre a pronuncia; ou si se deve
A Conjunção unir ao Verbo, ou Nome
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente!) inutilmente
Compoem grandes *Ilíadas*, e tecem
Aos vaidosos Magnatas mil Sonetos,
Mil Pindáricas Odes, e Epigrammas,
Aque apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres *Anticyras* (3),
Abrazados se crêm d'um santo fogo,
E ter commercio com os altos Deuses:
Senhores da aurea fama e seos thesouros
Se inculcam aos Heróes, e em seos delirios,
Se julgam mais felizes e opulentos,
Que o grande Imperador da *Trapizonda*;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e de improperios
Dos Ricos ignorantes e dos Grandes,
Com mofa e com desprezo, são olhados.

D'este pois populoso, e vasto Império
Em paz empunha o sceptro poderoso
O *Génio tutelar das Bagatellas.*

N'um magestoso Alcáçar, que se eleva,
Com estranha structura, até as nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alí rege
A Lunática gente, a seo arbítrio.
De transparente talco fabricado
He o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantam,
Do Capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a matéria cede muito á Arte.

Aquí pois a conselho chama o Génio
Do seo Imperio os principaes Dynastas.

N'um vistoso salão, todo coberto
De papel prateado e lentejoilas,
Se ajunta a grande Corte; e alí, per ordem,
Assentando-se vai: aos pés do throno
De alambres e velórios embutido,
A *Lisonja* se vê, e a *Excellencia;*
Segue-se a *Senhoría*, e abaxo d'ella
O *Dom* surrado, as grandes *Cortezias*,
O *Whist*, o *Trinta e um*, os *Comprimentos*;
E logo o *Vampirismo*, os *Sortilégios*,

Os *Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos*
E os outros Génios da subtil *Cabala* (4).
De mil vãas *Ceremónias* rodeada,
Os assentos reparte a *Precedencia.*

Composto o gran' rumor, e socegado;
Assim do alto do throno o *Génio* falla:
« Illustres moradores d'este excelso
» Magnifico Palacio, bem sabído
» Já ha muito tereis o quanto deve
» O meo augusto Génio, a nossa Corte,
» Ao gran' Prelado que as ovelhas pasce
» Dos *Elvenses* redîs : notorio a todos
» Sem duvida vos he, como pospondo
» Das funções mais piedosas o cuidado
» Á's nossas bagatellas, so se empréga
» Em cousas vãas, ridículas e futeis.
» A corrupta, mas Real Genealogía,
» O roxo tercio-pelo dos sapatos,
» As pedras que lhe esmaltam as fivellas,
» A preciosa saphira, a linda caxa,
» Onde, (sobre *Amphitrite* que tirada
» De escamosos *Delphins*, n'uma aurea concha,
» Os verdes campos de *Neptuno* undoso,
» Cercada de *Tritões*, nua passêa)
» Do famoso *Martin* (5) o verniz brilha;
» Seo emprego so são, e seo estudo.
» Em fim, entre os mortaes, não ha quem renda

» A' minha Divindade maior culto.
» Agradecido pois ao grande empenho,
» Que mostra em nos honrar, tenho disposto
» Dar á sua vaidade um novo pasto:
» Que á uma escusa porta o *Deão* sáia,
» Co'o *Hyssope*, a espera-lo, determino.
» D'este meo parecer quiz dar-vos parte,
» Não so para escutar os vossos votos;
» Mas para que saibais e fiqueis certos,
» Que a corte não fazeis a um Nume ingrato».

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congresso o seo dictame,
Um sussurro no Conclave se espalha,
Ao do *Zéphyro* em tudo similhante;
Quando, nas frescas tardes suspirando,
A bella *Flora* segue, que travessa
Cá, e lá, entre as flores, se lhe furta.

Mas a vãa *Senhoria* que se lembra,
Que em casa do *Deão* sempre encontrára
A mais benigna, a mais certa guarida,
Que seo nome na boca do lacáio,
Do cusinheiro, da ama andava sempre,
A cabeça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a voz alçando,
D'esta sorte fallou ao gran' Despóta:

« Soberano Monarcha, que Tu queiras
» Premiar a quem te honra, empreza digna
» He de teo coração: eu mesma approvo,
» E mil vezes dictára este conselho:
» Mas que, para o fazer, hoje pretendas
» Que um *Deão*, de *crescente* e curta vista,
» A dignidade abata, e a esperar sáia,
» N'uma porta de escada, o seo Prelado;
» Nem justo me parece, nem louvavel.
» Si Tu queres honrar sua Excellencia,
» Outras maneiras ha de consegui-lo:
» Na mesma Igreja de *Elvas* e Cabido,
» Ha um *Bastos*, um *Souza*, dous *Aporros*,
» Que, juntos com os *Pittas*, podem todos
» Inda á mesma *commúa* accompanha-lo,
» Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
» Lavar-lhe o nédio cû, — e até beijar-lh'o.
» Estes, e outros d'esta mesma estoffa,
» De que o Bispado, quasi todo, abunda,
» A's costas vam buscar o gordo Bispo
» Que, inda que um pouco pesa, vem seguro;
» Que são Cavallos mestres, e possantes. »

Mais queria dizer o vão Dynasta,
Quando, de seo assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a *Excellencia*:
O furor que lhe inflamma o grave aspecto
As palavras lhe corta; principia

Cem vezes o discurso, e logo pára:
Até que n'estas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sala:

«Como! E he possivel que haja quem se atreva
» N'este Congresso, a oppôr-se, cara á cara,
» Aos obséquios que Tu, ó Nume, ordenas
» A' uma Reverendissima Excellencia?
» Um *Deão*, co'o seo *Bispo* comparado,
» Um cuminho não he? Si Tu, ó Nume,
» O teo grande projecto não sustentas,
» Eu só... » E n'isto bate o pé na casa.

Ao rijo som da bestial patada,
Tremeu o régio sólio, e o pavimento:
Assentos, e Assistentes assustados
Caíram pela terra. Então o *Génio*
Alçando um pouco a voz: « Basta (lhe disse)
» Eu disputas não quero em meo Conselho,
» Minha resolução está tomada;
» Eu a escrevi, eu mesmo, em meo canhenho,
» E o que escrevo uma vez, nunca mais borro.»

Aquí, co'o rosto um pouco carregado,
O Conclave despede; e logo chama
A vistosa *Lisonja* que, n'um ponto,
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente

De palavras e tom , segundo o gosto
Dos que o governo têm : e assim lhe falla :

« Magnata principal de minha Corte,
» Eu , para executar este projecto ,
» Entre todos te escolho ; diligente
» Parte a cumpri-lo ; pois de tuas artes,
» E de ti só confio a grande empreza. »

Acaba ; e mais veloz que a leve setta
Parte do *Itureo* arco, ou na alta noite
Cair se vê do Ceo brilhante estrella,
Vôa o falso ministro, abrindo os ares.

Junto da boca do cruel *Averno*, (6)
A Provincia se vê da *Dependencia*,
Cujos campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro de agua turva :
Não cria em suas margens tronco altivo;
Mas só hervas humildes, e rasteiras
Produz o seo humor ; si algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas :
Funesto influxo do liquor maligno,
Que o succo lhe ministra ! Aquí , voando ,
A *Lisonja* chegou ; e enchendo de agua
Uma pequena infusa, que trazia,
As azas abre, parte alegremente,
Fendendo os leves ares ; mil Cidades ,

Mil Povos deixa atraz, até que chega
Da famosa azeitona á grande terra.

Aquí, tomando a forma do Lacaio
Do farfante *Deão*, entra na casa,
A tempo que, de *chambre* e de chinelas,
Pela comprida sala passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
De quando em quando, sua Senhoria;
Ora á janella chega, e applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa na Praça vigiava;
Ora, arrotando, para dentro torna.
Ardia então em calma toda a terra,
E o calor, que as guélas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agua, e caramélos.

A *Lisonja*, que idoneo tempo víra
Para tamanha empreza, um copo enchendo
Da turva lympha do regato impuro,
Com quatro caramélos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo
Com muita mogiganga o fofo assucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vasa
Do maligno liquor dentro na pansa.
Acabou de beber, e pouco a pouco
O veneno se actua dentro na alma:
Uma chamma subtil, um vivo fogo

Lentamente se atéa : arde em desejos
D'ir o *Bispo* buscar, de offerecer-lhe
O mais activo incenso; mil obsequios
Na cabeça lhe rolam, e o transportam :
Da tarde em todo o resto não socéga,
Nem na profunda noite estas idéas
O deixam descansar um só momento :
Sobre os fofos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adula-lo :
Umas vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado papel sua prosapia,
Mas de Genealogia nada entende
O triste, por seo mal : outras, lhe occorre
Ir calçar-lhe os sapatos : com inveja
Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.

Da noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos, e em nada assenta :
Até que, — junto ao toque da alvorada,
Apenas, de cansado, cerra os olhos, —
Emboscada a *Lisonja* prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve forma,
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla : « O' grande Dignidade,
» Cabeça illustre do Cabido *Elvense*,
» Si de teo alto ingenho hoje pretendes
» Dar ao mundo uma prova, humildemente
» Tomando o bento *Hyssope*, á porta nova

» Com elle, o teo Prelado, prompto espera.
» Honrar nossos Maiores cousa he santa,
» Que a natureza inspira : da Syntaxe
» O cartapacio diz, que *mais illustres*
» *Seremos, quanto fórmos mais humildes.* »
N'este ponto acordou o Prebendado;
E vestindo-se á pressa, á Igreja corre :
Sem fazer oração, o *Hyssope* toma,
E com elle, na porta sinalada,
Sua Excellencia espera : alí apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Per terra se prostrou, e d'esta sorte
Ao Pastor, que se apéa, o *Hyssope* off'rece,
Que uma santa vaidade respirando,
N'elle alegre pegou, e o sacro *Asperges*
Circunspecto lhe lança; em si cuidando
Que todo este profundo acatamento
A seo illustre berço éra devido,
E, nestas vãas idéas engolfado,
Foi devoto cantar a grande Missa.

O HYSSOPE.

CANTO II.

Reinava a doce paz na santa Igreja;
O *Bispo*, e o *Deão*, ambos conformes
Em dar, e receber o bento *Hyssope*,
A vida em ocio santo consumiam.
O bom vinho de *Málaga*, o presunto
Da célebre *Montanche*, as galinholas,
As perdizes, a rola, o tenro pombo,
O gran' chá de *Pekin*, e lá da *Méca*
O cheiroso café, em lautas mesas,
Do tempo a maior parte lhes levavam;
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam sem senti-lo.

Em tanto a *Senhoría*, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da soberba *Excellencia* a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo,
Com-sigo mesma diz: « Que! Per ventura
» Não sou Eu a sublime *Senhoría*,
» Idolo de Pelões, e de Casquilhos?
» Quantas Moças gentís, em cujos rostos

» Entre lirios brilhar se vêm as rosas,
» A meo culto não rendem seos cuidados:
» Quantos graves Varões, que sobre os livros,
» De cãas se têm coberto, ou sob os elmos?
» Nas ricas, e faustosas assembléas
» Não tenho porta franca? Não me fazem
» Os Circunstantes todos mil lisonjas?
» Não correm apoz mim? não me festéjam?
» Pois, como soffro que a *Excellencia* altiva,
» A seos pés me derrube, e me atropelle?
» Que triumphe de mim impunemente?
» Ah! si esta injuria soffro; com desprezo
» Entre a gente será meo nome ouvido:
» Nem em casas armadas de damasco,
» Ou de pannos de raz, onde spumando
» Na rica transparente porselana,
» De *Carácas* se serve o chocolate,
» Roda o chá, o café, se joga o *Whist*,
» Terei, como costumo, entrada livre:
» E sómente nas lojes dos barbeiros,
» Ou pintadas boticas, entre as moscas,
» A vida passarei triste, e sem honra.
» A's armas pois corramos, e á vingança:
» Que desmaiar á vista dos perigos
» He de animo abatido indicio certo.
» Mil artes, mil maneiras de vingar-me
» Buscará minha astucia. O mundo inteiro
» Hoje conhecerá minha potencia. »

Disse : e sobre o veloz dourado carro
Que tiram seis Pavões , irada sobe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de *Rhódope* (7) escabrosa ,
Uma furna se rasga, tam medonha,
Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos timidos mortáes os ossos corre :
Aquí luttando sempre em viva guerra ,
Rugem mil furacões de oppostos ventos;
Aquí se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e *Cerastas*. A *Discordia*
Aquí morada tem, aquí seo throno.
A este horrendo hospicio a *Senhoría*,
Batendo as rédeas ás pomposas aves ,
Guia o soberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medonho alvergue,
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o soberbo tiro,
E tres vezes o Génio vingativo
Sacudindo, raivoso, o longo açoute,
O constrange , por fim , a tomar terra.
Alí do carro desce , e ás palpadelas ,
Pela cega caverna entra animosa.

No mais profundo da sombría estancia
Assiste a cruel Deusa, cujo rosto
Apenas se devisa , à luz confusa
Que espalham respirando de continuo

Per olhos e gargantas, mil Serpentes.
Aquí o Genio chega; e derribado
Pela terrá, que beija humildemente,
D'esta sorte fallou: « Nume terrivel
» Cujo grande poder, cuja vingança
» A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo;
» A teos pés hoje chega a *Senhoría*,
» Atrozmente ultrajada: o teo soccorro,
» Contra a fera *Excellencia*, humilde implora:
» Si de peitos illustres gloria, e timbre
» Foi sempre proteger os desvalidos,
» Tu me vale em meos males: Tu, castiga
» D'um Génio insultador a petulancia.
» Alem d'isto, presumo não ignoras
» Que o farfante *Deão* da Igreja de *Elvas*,
» Pela baxa *Lisonja* persuadido,
» Esquecido da sua dignidade,
» N'uma porta travessa, o bento *Hyssope*
» Vem, sem brio, off'recer ao gordo *Bispo*.
» D'aquí nasce a concordia que hoje reina,
» Em desprezo da tua Divindade,
» Na mesma Igrejá: o *Ocio* e a *Perguiça*,
» De teo poder zombando, n'ella habitam:
» Tu mesma, si o meo pranto te não móve,
» Para credito teo, perturbar deves
» Esta serena paz, que o *Ocio* nutre.
» Tu podes, si te agráda, a um so aceno,
» No seio da familia mais conforme,

» Dissenções semear, motins, e bandos;
» Banhar no fraternal sangue innocente
» O buido punhal; e n'um momento
» A Terra confundir, e o Mar profundo:
» Mil *Fraudes*, mil *Ciladas*, e mil *Tramas*,
» Como escravas fieis, promptas te servem.
» Do *Deão* fascinado pois desperta
» A innata presumpção, o génio altivo.
» Tu faze que conheça o desar grande
» Em que caido tem, e se arrependa
» Do baxo incenso, que á *Lisonja* rende:
» Tu lhe traze á memoria, que seo nome,
» Seo nome illustre, na futura edade,
» Dos *Deãos* no catálogo, com mofa
» De todos os vindouros, será lido
» Sabendo-se, que a tanto abatimento
» Seo 'spirito chegou: Tu furiosa
» Os animos altera, e a paz desterra. »

Disse: e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
D'esta sorte responde: « Bem conheço,
» O' nobre *Senhoria*, quanto devo
» A teo soberbo influxo; quantas vezes
» Auxiliado tens minhas cabálas.
» Sei, que, por teo respeito, se não falla,
» Na Terra, muita gente; as muitas mortes
» De que autora tens sido. Não me esquéço

» Do que devo aos amigos. Vae segura,
» Que eu já parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui, sobre um feroz Dragão montando,
Rápidamente vôa : incendios, mortes,
Sacrilégios, traições, roubos, ruinas
Vai deixando a Cruel, per onde passa.
Chega dos *Elvios* á Colonia antiga;
E vendo de passage os *Dominicos*;
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o chá, sobre o jogo, e sobre os doces
Que aos Tafues, com mão larga, dá na cella,
E sobre os trastes que ás Senhoras manda,
Tyrannamente excita : alguns gritavam
Que o Convento roubava, que a clausura
E religiosa vida se perderam :
Outros, chéos de colera, gritavam,
Que por jogar o *Whist*, e dar merendas,
As rendas dissipava do Mosteiro;
Que por isso, no santo Refeitorio,
A fóme cruelmente os consumia.
Mas o santo Prelado, todo chéo
De exemplar paciencia e de modestia,
Vociferar os deixa, — e vai jogando.

Entre tanto a *Discordia* encara a porta
Do grande Presidente do Cabido,
A tempo que estirado, á perna solta,
Sobre um molle *Sophá*, dormia a sesta.

Roncava mui folgado, e cado ronco
A grande sala estremecer fazia.
Alí, encarquilhando o feo rosto,
Um *Rosario* tomou, e na figura
Da velha e caruuchosa Ama se torna:
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Cónigo chegou; assim o acorda:

« Como, em tam doce paz assim repousa,
» Dorme, e descansa vossa Senhoria;
» Ao mesmo passo que, na Terra toda,
» De seo nome se faz ludibrio, e mófa?
» Como, (discorrem uns) como he possivel
» Que o bom Capitular, que viu o *Papa*,
» Que em *Roma* conversou com o *Datario*,
» E do sacro Palacio com o *Méstre*,
» Que jóga o *Trinta e um*, e mais o *Whist*,
» Que chá, e que assembléa dá em casa,
» A tanto abatimento hoje chegasse,
» Que á porta da *Commûa o Hyssope* traga,
» Para off'rece-lo a um *Bispo* de má mórte?
» Outros dizem: — Parece cousa incrivel,
» Que a principal figura do Cabido,
» Que tem loba de seda, e trouxe ás costas,
» Lá da famosa Italia, a *Senhoría*,
» Tanto de si se esqueça, e do seo cargo? —
» E Vossa Senhoría, ao ocio entregue,
» Dorme profundamente? Acorde, acorde

» D'esse molle lethargo, que he já tempo:
» Véja o que deve a si, aos seos Maiores,
» A' grande Dignidade que, brilhando
» Com seos raios, o cerca magestosa;
» E deixe a vil *Lisonja* que o arrastra. »

Aquí, os turvos ólhos esfregando,
O *Deão* abre a boca, estende os braços,
A cabeça levanta, e d'esta sorte
Ao Monstro enganador irado falla:
« Que frenezí he este, Vélha tonta?
» Está fora de si? ou bebeu vinho,
» Que o miolo lhe faz andar á roda?
» Reze nas suas contas: Quem a mette
» Em cousas a fallar, que não lhe tocam?
» Va-se logo d'aquí.... » N'estas palavras,
Outra vez, sobre o molle travesseiro
A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel Deusa, ardendo em ira:
« Pois não queres de grado (lhe tornava)
» Por teo brio acudir, a minha força
» Agóra provarás. » Isto dizendo,
A furtada figura prompta despe,
As hydras arrepella da cabeça,
E chéa de furor, uma arrancando,
No seio do *Deão*, feroz a lança,
E subito pelo ar desaparece.

Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
Do Cónigo nas miseras entranhas.
Em *Delphos* a famosa *Pythonissa*,
Toda agitada d'um furor Divino,
Não geme tam convulsa, tam raivosa
Não corre, não retorce os vivos olhos,
(Não podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre *Deão* : — Do *Sophá* salta;
Correndo furioso toda a sala,
« Armas, armas, (bradava) guerra, guerra. »

A estas vozes acode diligente,
Da casa toda a gente; e presumindo,
Que algum grave accidente lhe roubára
De todo o pouco siso, pegam n'elle,
E per força o leváram para a cama,
Onde, a crú cachação, a murro secco,
Lhe fizeram cessar parte da raiva.

O HYSSOPE.

CANTO III.

Era dia de festa; e, na alta torre
Da grande Cathedral, de vinte sinos
O grave Carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande Missa;
Quando sua Excellencia vigilante,
Montando a gran' Liteira, em que se via,
Com modestia exemplar, *Venus* pintada
Sobre um globo de tenros *Cupidinhos*,
Qual ao mancebo *Adónis* ou a *Páris*,
Na *Idalia* sélva já se apresentára,
Para a Sé lentamente se encaminha.

Tu, jocosa *Thalía*, agora dize
Qual seo espanto foi, sua *surpresa*,
Quando á porta chegando costumada,
N'ella o *Deão* não viu, não viu o *Hyssope*.
Tanto foi da *Discordia* o féro influxo!
Caminhante que vê subito raio
Ante seos pés cair, ferindo a terra
Tam suspenso não fica, tam confuso,
Como o gráve Prelado: á cor mudando,
Um tempo immóvel fica; mas a raiva

Succedendo ao desmaio, entra escumando
Na grande sacristia, e d'alí passa
Para o Altar mor, onde se reveste,
Onde, como costuma, em contrabaxo,
Sem saber o que diz, a Missa canta.
Toda aquella manhãa, uma só benção
Sobre o Povo não lança; antes confuso,
Em profundo silencio á casa torna,
Onde, logo a Conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

« Amigos, companheiros, que o Destino
» Fez de meo mal e bem participantes,
» O caso sabereis mais execrando,
» Que até hoje no Mundo se tem visto.
» O *Deão*... » (E aquí, dando um gran'soluço,
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e logo torna)
« O soberbo *Deão*, que sempre attento
» Ao meo alto decoro, o santo *Hyssope*
» Vinha trazer-me á porta do Cabido,
» Hoje não só deixou de vir render-me
» (Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)
» Este obséquio devido ao Real sangue,
» Que nas véas me pulsa heroicamente;
» Mas, na sua cadeira empantufado,
» Os Psalmos entoava, em mim fitando
» A carrancuda vista; de tal sorte,

«Que

» Que mostrava insultar-me, com desprezo.
» A raiva, e o gran'furor que a alma me occupam,
» Me têm fóra de mim : não sei que faça
» Para vingar tam grande e atroz delicto.
» Vós conselho, vós artes, vós maneira
» (Pois a vós tambem chega a grande affronta)
» Me dai, para punir este atrevido ».

Disse : e um grande Lacáio da liteira,
Famoso *Rodomonte* das tavernas,
A voz tomando a todos, d'esta sorte
Seo conselho propoz : « Tam grande caso,
» Senhor, se leva a páo : eu tenho um ráio
» De sége, ha muito já exp'rimentado
» Em funções similhantes, eu com elle
» De sua Senhoría tal vingança
» Hoje espero tomar, que de escarmento
» A todos sirva.... » Aqui o grande *Almeida*
Gentil-homem da Cámera, e da Boca,
Homem de Gabinete, e de Conselho,
Bom poéta, orador, *Petrus in cunctis*,
Que goza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha d'este modo:
« Si este horrendo, execravel attentado,
» Ao vê-lo, digno de que o *Sol* brilhante,
» Os rubidos cavallos affastando,
» Corresse a mergulhar-se eternamente
» Nas voragens da noite mais espessa,

» Se houvesse de levar, per força e armas;
» Eu armas, coração, e forças tenho:
» Mas violentos remedios só se applicam
» Em mal desesperado; isto supposto,
» Astucia, e mais astucia se precisa;
» Que, onde reina a *Prudencia*, nada falta.
» Vossa Excellencia conta no Cabído
» A muitos parciaes, e lisongeiros;
» Estes pois, sendo a Conclave chamados,
» Poderão sustentar o seo partido,
» E obrigar que o *Deão* faça per força
» O que fazer recusa voluntário. »

A estas vozes, babando-se de gosto,
O Prelado exclamou: « O' raro engenho!
» Meo poder, minha força, e meo conselho!
» O teo voto me praz; segui-lo quero.
» Chamem-me, logo logo, o douto *Andrade*,
» O *Gran'Penitenciario*, o secco *Marques*;
» E o jantar se prepare promptamente. »

Ja na soberba mesa cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciavel gula provocavam,
Quando chegam ao cheiro os Convidados
Que, feitos os devidos comprimentos,
Sem distincção, em torno, se assentáram.
Começam a chover logo os manjares,

Cem perdizes, cem pombos vêm voando,
Cem especies de molhos, cem de assados,
Grandes tortas, timbales, pasteis, crémes
Cobrem com symmetria a grande mesa:
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cusida em branco leite, ou doce vinho.
Mil frutas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam;
E em dourados crystaes, ó loução *Baccho*,
De tuas plantas brilha o roxo sumo.
Entre tanto na porta do Palacio,
A cem pobres o Bicho da cusinha,
Per ordem do Pastor caritativo,
Um caldeirão de caldo repartía.

Entre os copos que em torno sempre giram,
Brevemente propoz o gordo *Bispo*
Aos bons Capitulares seo projecto,
Que todos approváram, e ali juram
Pelo doce liquor, que impetuoso
Pelas véas e cérebro lhes corre,
De o sustentar — até darem as vidas
Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lauta mesa entre as delicias
Largas horas passáram docemente:
Em um quejo de *Parma* inda roia

A alegre Companhia, pastejando,
Quando das santas *Vesperas*, na torre,
Fez sinal o relogio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino,
Se levantam em pé os Prebendados,
E fazendo uma longa reverencia,
Correm velozes, por fugir da mulcta,
A ganhar no alto Coro os seos assentos:
Alí mesmo, primeiro que rezassem,
A seos sabios Collegas proposéram
Que, para resolver certo negocio
De maior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o *Deão* da Terra se ausentava,
Se ajuntasse o Cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordam.
Engrolados os Psalmos, para casa
Cada um se partiu, em si pensando
Qual seria o negocio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavam
Que a *Pia d'Agua Benta* se mudava:
Outros, chéos de gosto presumíam,
Que para se vender mais caro o trigo
Que no commum Celleiro se guardava,
Algum celeste arbitrio se encontrára.

Mas o famoso *Bastos*, d'outra sorte
Comsigo discorria: « Certamente,

» Para nos distinguir da baxa plebe
» Dos vis Beneficiados, d'esta feita,
» (E como se ufanava!) Se nos manda,
» Que de verde forremos as batinas;
» E que chapeo azul, com borlas brancas
» Tragamos na cabeça. » N'este ponto,
Em si proprio, de gosto, não cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não de outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros soterrados,
Se alegra, salta, e folga, e se imagina
Igual ao gran'*Sophí* da rica *Persia*;
Que o vão Capitular, que ja se pinta
Na sua extravagante phantasía
A par do gran'*Lamá*, no fausto e pompa,
Ou do fero *Muphti* dos *Musulmanos*.

Chéo destas idéas entra em casa,
E para dar seo voto na Assembléa
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rábula do *Céa* alguns Autores,
Que os Cánones sagrados commentáram.

O douto *Accursio*, todo satisfeito
De poder grangear um Prebendado,
Esperando medrar per esta via,
E vestir alguma hora a roxa murça,
Digno premio das suas gordas letras,
Lhe envia o *Bertachino*, o grande *Granha*,

Tamborino, *Escolano*, *Spada*, e *Pichler*,
Meninas de seos olhos, flor e honra
Da rançosa, indigesta Livraria.

O bom Cónigo, vendo os grossos tomos,
De prazer, em si proprio, não cabía:
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que d'elles qualquer seja Autor de arromba;
Já, sem demora ordena, que lhe tragam,
Para um voto lançar, que similhante
Nas Decisões da *Rota* não se encontre,
Papel de Hollanda, pennas, e tinteiro:
E para que completo em tudo fosse,
A *Roda da fortuna*, e *Crystães d'alma* (8)
Trazer manda tambem, fazendo conta
De, em partes, lhe sirgir alguns pedaços,
Que encantado o deixáram, quando os lera.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grosso monco assoa;
Toma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porém vendo
Que nada entende do que está escripto,
Para a céa se chega, e enchendo a pansa,
Se foi a repousar no brando leito.

Já a rosada *Aurora*, derramando,
Do candido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flores, despertava
Com a tremula luz de sette cores,

Os miseros mortaes a seos trabalhos;
Quando, na grande sala do Cabido,
Se ajuntam os zelosos Prebendados;
E tomando, per ordem, seos assentos,
Depois d'um breve espaço de silencio,
Se alçou o grande *Abreu*, com rosto grave,
E feita uma profunda reverencia,
D'esta sorte fallou: « Cabido illustre,
» Exemplar de Cabidos, e virtudes,
» Bem sabe vossa illustre Senhoria,
» Que goza felizmente a distincta honra
» De ter por Chefe, por Pastor e *Bispo*,
» Um ramo do Real *Portuguez* Tronco:
» Tambem sabe, que a gloria da cabeça
» Aos mais membros se estende; e alem d'isto
» Occulto lhe não he quanto se empenha
» Em honrar sua Sé este Prelado.

» Tu, *Santa Quarentena*, tu o dize;
» Pois viste a importantissima reforma,
» Que em nossas grandes Capas fez zeloso
» Este grande Prelado, não soffrendo,
» De seos Capitulares em desdouro,
» Os antigos franjados alamares,
» Que a moda ja ridiculos tornara. (9)
» Deixo por ora de fazer memoria
» D'outras grandes acções em que seo zelo
» Por nós, brilhar se viu; e só não posso
» Em silencio passar aquella rara,

» Grande, e quasi Real magnificencia,
» Com que sua Excellencia foi servido
» A muitos membros d'este grave Corpo
» Uns *Capitães* fazer, outros *Tenentes*,
» Alguns *Alféres*, *Adjudantes* outros,
» Este *Major*, *Sargento* e *Cabo* aquelles;
» Quando a *Furia* infernal da voraz Guerra,
» Rompendo as portas do espantoso *Averno*,
» Desbocada saiu, o ferro, o fogo
» Nas garras sacudindo; e furiosa,
» Depois de ter corrido largo tempo,
» Com sanguinosa planta, toda a Europa,
» Em *Portugal* entrou, ameaçando
» D'um estrago fatal nossas Prebendas:
» Nem o raro valor, com que seguindo
» De seos Avós as inclytas façanhas,
» Ao som da *Caxa* e *Pífaros*, na frente
» Da brava Ecclesiástica phalange,
» *Coronel General* dignou chamar-se:
» Acção, por certo, digna de ser lida
» Com letras de ouro, na Gazeta da *Haya*,
» Ou nas folhas volantes que em *Lisboa*
» Os Cegos apregoam pelas ruas.
» Estas razões, Senhores, nos obrigam
» A olhar, como propria, a honra sua.
» Ella ultrajada se acha indignamente
» Pelo altivo *Deão*; pois costumando
» (Nós testemunhas somos, nós o vimos!)
» Vir humilde esperar, co'o santo *Asperges*

» A' porta d'este Alcaçar, de repente
» Mudando de systema, hoje refusa
» Este obsequio render, este tributo
» De tam altas virtudes merecido;
» Turbando injustamente em sua posse
» O grandioso Prelado. Este desprezo,
» Esta pois tam atroz, e negra injuria,
» Que, em menoscabo seo, nas nossas barbas,
» Se fez ao seo caracter, nós devemos
» Promptamente vingar. Sim, consultemos
» Os Cánones sagrados, e vejamos
» A forma, o modo. » — Então o *Ramalhete*,
Theologo chapado, e Canonista,
Que o Dialectico *Pharo* de cor sabe,
Que de santo *Thomaz* tem lido a summa, (10)
O *Genet*, *Busembaum*, *Lacroix*, *Guimenio*;
Que sabe decidir magistralmente
A famosa questão, — si um Burro pode
O Baptismo beber, ardendo em sede; —
Que argumenta nas Theses dos *Capuchos*,
E inchando do pescoço as cordovéas,
Infere, grita, prova, e nada colhe;
A voz alçando grave, e magestosa,
N'esta forma votou: « Lavrar-se deve
» Um terrivel *Accordão*, que de exemplo,
» Da Historia nos annáes, a todos sirva:
» O farfante *Deão* seja obrigado,
» D'elle em virtude, a desistir da força
» Que ao bom Prelado faz na sua posse,

» Fulminando-lhe mulctas, e outras penas:
» Este Cabido tem autoridade
» Para o fazer : em muito bons autores
» Assim o tenho lido : este he o meo voto. »

—O *Bastos*, n'este instante, homem versado
Na lição de *Florinda*, e *Carlos Magno*,
Quiz metter seo bedelho : mas *Andrade*,
De seo discurso não fazendo caso,
Do douto *Magistral* o voto apoia
Com mil textos que aponta, a troxe moxe;
No *Sexto*, *Decretáes*, e *Clementinas*
Capitulos inteiros terminantes,
Para prova-lo, encontra; e a outra turba
Que, co'o queixo caido, os escutava,
Arqueando, de pasmo, as sobrancelhas,
No que dizem os dous, prompta, concorda.

Em vão o *Thesoureiro*, em vão o *Chantre*,
Homens austéros, que adular não sabem,
S'oppoem tres vezes ao sinistro *Accordão*;
Que a *Lisonja* astuciosa (que voando
Sobre suas cabeças invisivel,
Os seos votos inspira) faz que todos,
A calar-se, os obriguem : murmurando,
E levados da força da torrente,
Assináram tambem o vão Decreto.

O HYSSOPE.

CANTO IV.

N'UMA casa de campo, descuidado,
Entre tanto passava alégremente
O farfante *Deão* os longos dias
Em que *Phebo* insoffrido, unindo as furias
A's que raivoso vibra o *Cão* celeste,
Abraza as calvas terras *Transtaganas:*
Quando o Monstro veloz, que per cem olhos
Todas as cousas vê, e as cousas todas
Per cem bocas, cem linguas palra, e conta;
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do barbaro Decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhoria,
Ganhava um real *róber:* mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe caíram
Das mãos as Cartas. Pallido e suspenso,
Largo espaço, ficou. — Não de outra sorte
Immovel fica, que o mancebo ardído
Que seguindo no campo, com seos galgos,
O fugaz animal, subitamente

Ante os pés do cavallo, vê a terra
Em profundos abysmos despenhar-se; —
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgosto lhe embargára,
Escumando de raiva, entre si disse:
« Pois não querem a paz, haverá guerra.
» Vós, santos Céos, e Tu, Astro brilhante
» Que o dia trazes, e que o dia levas,
» E que eu nascer não vejo, ha longos annos!
» Vós testemunhas sois, si eu pretendía
» Mais, que em paz desfrutar minha Prebenda,
» Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
» Mas já que tu, ó *Bispo* revoltoso,
» E Tu, infame, adulador Cabido,
» A mudar me obrigais, com vis cabálas,
» De tam santo propósito, — até onde
» Chegam dos *Laras* o valor e o brio,
» D'esta vez provareis. » Isto dizendo,
Levanta-se furioso, e sem respeito
Ao real *Róber*, que ganhado tinha,
(Tanto pode a paixão no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á *Senhoría* andar á pata,
Ao caminho se poz, aos ilhaes dando,
Suando e melancholico entra em casa.
Alí, sem socegar, ora pásséa
Pela comprida Sala, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a mesa

Os Criados lhe põem; em vão os gordos
E tenros Perdigotos , a salada ,
A fruta , o vinho , os doces o convidam ;
Que , sem cêa , esta noite foi deitar-se.
Alí a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.
Mil cuidados o investem ; seo decoro
Atrozmente offendido , a todo o instante ,
A' memoria lhe vem : ora d'um lado
Os lassos membros volve , ora do outro :
Suspira , tosse , escarra , e abrindo a caxa
Toma o insulso *rapé*, e não socega.

A triste *Senhoría*, que chorando
A deshonra commum , aos pés do leito ,
Companhia lhe faz, compadecida
De seo desassocego , veloz parte
A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Entre as rochas do *Bósphoro Cimmerio* (11)
Uma gruta se vê , onde não entra –
Já mais a luz do sol : sombria alcova ,
Onde , em triste lethargo submergido ,
Repousa o *Deus do somno*, coroado
De brancas perguiçosas dormideiras.
Em torno ao torpe alvergue não se escuta ,
Com seo canto , chamar o esperto *Gallo*
Da *Aurora* a clara luz ; nem na alta noite

Ladrar raivosos cães ; mas só murmura
Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz e descanso.
Outros menores *Somnos*, fertil prole
Do indolente *Morpheo*, alí assistem.
Tanta espiga não doura a fertil *Ceres*
No caloroso Estîo ; tantas flores,
Na fresca Primavera, pelos prados
Fecunda não produz a *Madre Terra*,
Quantos alí se vêm, todos diversos
De genios, de costumes, de figuras !
Uns de lugubre aspecto, outros de ledo,
Muitos pesados são, muitos são leves ;
Estes, entre vãos sonhos, de contino
Pela escura Caverna andam voando ;
Os olhos tem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aquí se chega a triste *Senhoría*,
E um d'elles, pelas azas, agarrando,
A' Casa do *Deão*, comsigo o leva,
Que urrando de desgosto, não dormia :
Mas mal o lumiar tóca da porta,
Quando o humor somnolento, derramado
Do Somno pelas mãos, aos olhos chega
Do desperto *Deão*, que logo os cerra,
E a resonar começa docemente.

Então o Genio em sonhos lhe apparece,
E fallando com elle assim dizia:
« Que he isto, illustre *Lara!* Assim desmaia
» Teo forte coração! Como he possivel,
» Que quem poude soffrer o grave aspeito,
» Em *Roma*, das maiores Personagens,
» Sem susto, sem temor, — hoje esmoreça,
» Perca toda a constancia, trema, e gele,
» Só á vãa ameaça d'um Cabido,
» A quem faltou, sem ti, alma e cabeça?
» Animo pois, valor, e seguranca,
» Que o campo cederão os inimigos.
» N'esta Cidade tens discretas pennas,
» Tens de *Serpa* o Ouvidor, que o velho *Accursio*,
» E *Bártholo* o famoso só despreza, (12)
» Por que idólatras foram, e adoráram
» A *Jóve*, *Marte*, e *Juno*, divindades
» A quem aras ergueu o *Paganismo*.
» O *Céa* tens tambem, tens o *Fernandes*,
» Oraculos de *Astréa*, que seo dente
» Em Cánones tambem mettem ousados;
» Estes consulta, e segue os seos dictames,
» Para o orgulho abatter de teos contrarios. »

— « E tu, quem es, Espirito Celeste,
(O *Deão* encantado, lhe pergunta,
Da graça que no rosto lhe scintilla)
» Que a consolar-me vens nos meos trabalhos! »

— » Eu sou (Ella lhe torna) a *Senhoria*,
» A quem, com tanto extremo, tu adoras. »

A estas vozes, da cama salta fóra,
Per terra se lhe prostra, batte os peitos,
De gosto doces lágrimas derrama,
Bejar-lhe quiz os pés; mas n'este instante,
Ella desapparece, e elle acorda.

Já o sol, esmaltando com seos raios
A alegre terra, entrava ás furtadelas,
Das cerradas janellas pelas fisgas,
E as importunas moscas começavam,
Com seo lento sussurro, e com os curtos
Aguilhões, que nas cáras lhes cravavam,
Os poltrões a acordar, que inda dormiam:
Quando o nosso *Deão*, todo engolphado
Na Celeste visão, se veste alegre;
As meias *gris de fer*, e mais as luvas,
A casaca de seda, e mais a capa,
Em sinal de prazer, preparar manda;
O *crescente* pentea, e todo guápo
E do pó sacudido, sai de casa.

Ha d'*Elvas* na Cidade um Escriptorio,
Onde assiste a *Trapaça*, e o *Pedantismo*.
Alí os feos monstros consultados,
Do gritador *Fernandes* pela boca,
Suas respostas dam á rude plebe.
Aquí o reverendo Prebendado

Seos passos encaminha, e aquí chega,
A tempo que, de *chambre*, o novo *Caio*
A um rude Camponez que o consultava,
D'uma fraca jumenta sobre o escaimbo
Com outro seo visinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repete.
Mas si o rústico d'elles nada entende,
O Doutor muito menos entendia:
« O seo caso (lhe diz) proprio, escarrado
» N'este livro, aquí temos; vá seguro,
» Que, a seo favor, terá final sentença. »

N'este momento sua Senhoria
A' porta chega, e o gran'Consulto, ao vê-lo,
Logo o rustico deixa, e vai busca-lo.
A' parte se retiram; e no caso,
Que o *Deão* lhe propõe, ambos conferem.
Aquí a Livraria vem abaxo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que sai dos velhos, e traçados livros:
Em vão sacode os punhos, e a casaca
O bom *Deão*; que quanto mais sacode,
Mais poeira dos livros vem caindo.
Lê, e relê o gran'Jurisconsulto,
E depois consid'rando, assim conclue:
« A' Metrópole vossa Senhoria
» Deve logo appellar. Isto me ensinam
» Os Doutores, Senhor, que tenho lido. »

— « Inda assim (replicou o fófo *Lara*)
» Véja vossa mercé sempre o que dizem
» No ponto *Van-Espen*, *Dupin*, *Barthelio*:
» Estes livros louvar, e seos Autores,
» N'uma douta Assembléa tenho ouvido.

— « Que *Van-Espen*, *Dupin*, e que Demonio?
(Disse o Consulto então escandecido)
» Esses nomes jamais, esses escriptos,
» Nem ouvi repetir, nem meo peculio
» Com elles uma vez allega, e prova:
» Sem duvida serão d'alguns Hereges.
» Aquí temos o bom *Panormitano*
» Em grande letra góthica, os *Fagnanos*,
» *Valenças*, *Belarminos*, *Anacletos*:
» Estes sim, que são livros de mão-chéa;
» E não esses Autores estrangeiros,
» Que com sua doutrina a Igreja empestam:
» O que lhe digo, faça: *Appelle*, *Appelle*;
» E deixe-se do mais, que he parvoíce.
» Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
» De pedir os *Apostolos*; e sejam
» Os *reverenciáes*, por que suspendam
» Do malevelo *Accordão* os effeitos;
» E não uma só vez; mas muitas vezes,
» Com mais e mais instancia, instantemente. »

— « Isso (diz o *Deão*) he escusado:
» Eu conservo, entre varias baforinhas

» (De *Agnus Dei*, de *Verónicas*, de *Breves*,
» Que truxe lá de *Roma*, e ao despedir-me,
» Me deu o *Passionei*) uma Cabeça
» Do glorioso *san' Pedro*, cousa rara!
» Obra de insigne Mestre! Talvez este,
» Como Principe foi do Apostolado,
» Baste no nosso caso, a serem n'elle
» Os sagrados *Apostolos* precisos.
» Véja, Doutor, si tem isto caminho,
» Por poupar-me a vergonha de pedi-los. »

— « Não são esses (sorrindo-se, lhe torna)
» Mas outros, os *Apostolos* que digo,
» E que precisos são no nosso caso:
» Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,
» Tem diverso sentido, e significa
» O como a *Appellação* deve expedir-se.
» A alguns d'estes *modernos* tenho ouvido
» Que fôra no *Romano* Foro usada,
» E n'elle os Canonistas a pescáram:
» Eu porém d'este achado, e d'outros muitos
» De que elles se presumem os Autores,
» (Do bom *Phébo*, bom *Mendes*, e bom *Pegas*,
» A luz e norma dos que o Foro cruzão,
» Com punivel despejo motejando!)
» Ca para mim me rio; pois não acho
» Em meo peculio similhante nota.
» Faça pois, sem demora, o que lhe digo,

» Que outra estrada não tem, per onde possa
» Do *Accordão* escapar á sem-justiça ».

Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,
Do Doutor o *Deão* se depedia;
Quando o Consulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca estava aberto:
« Espere (lhe gritou) que n'este instante
» Uma cousa me lembra de substancia:
» De Juizes venáes, e corrumpidos
» Tudo esperar se deve; e deve tudo
» Com tempo prevenir, o qũe he prudente.
» E como os seos, Senhor, são d'esse porte,
» Se deve recear, que levemente
» A sua *Appellação* possam negar-lhe;
» Assim, por evitar longas ambages
» Que dinheiro, paciencia, e tempo gastam,
» Será melhor que Vossa Senhoría
» Appelle logo, — *coram probo viro*. »

— « E que querem dizer, Doutor amigo,
» Essas palavras, — *coram probo viro?*
» Que eu do *latim* estou quasi esquecido:
» Sem embargo de que (dizia o *Lara*)
» Quando fui estudante, era eu uma Aguia,
» (Não o digo, Doutor, por fanfarrice;
» Que eu de bazofia nunca tive nada)
» Em declinar veloz nominativos:

» E na Classe o trophéo levei mil vezes;
» Por sinal, que de tê-lo, boas fitas
» O Mestre me rapou, que éra um alambre.
» Mas vôam, vôam os ligeiros annos,
» E daninhos, comsigo, tudo levam,
» Os gostos, a saude, e a memoria;
» E qualquer rapazinho agora pode
» Rachar-me com quinãos afoutamente.

— » Querem dizer, que Vossa Senhoría
» (O Fernandes lhe volta) appellar deve
» Perante algum Varão, que em dignidade
» Constituido seja; *verbi-gratia*,
» O Guardião dos *Capuchos*, dos *Paulistas*
» O Reitor, o Prior dos *Dominicos*;
» Este foi efficaz, prompto remédio,
» Que os famosos letrados *Palma*, *Decio*,
» *Bartolo*, *Castro* e *Baldo* descobriram
» Contra injustos Juizes que denégam
» A justa *Appellação* aos Litigantes.
» Esta lembrança he minha; não entenda
» Que, por gabar-me, o digo; os meos estudos
» Assaz notorios são n'esta Cidade.
» Nove vezes (não trato por agora
» Do Autor da *Arte legal*, nem do *Perfeito*
» *Advogado*, ou do *Flaviense Gomes*,
» Por serem todos tres de menos polpa),
» Tenho lido, e cotado em mil lugares

» O grande Portuguez *Cabral*, *Vanguerve*,
» E o famoso *Bremeu*, de cujo livro
» Faz lógo ver o titulo a grandeza;
» O mesmo digo do moderno *Campos*;
» Sem que o nosso *Ferreira* me escapasse,
» Autores todos de maior chorume,
» Que esses seos *Zalweins*, que os seos *Barthélios*.
» Esta lembrança pois, a dizer torno,
» Nem todos a teriam; não o *Céa*,
» Não o Doutor *Caetano*, e a récua toda
» Dos novos *letradinhos á franceza*,
» Que sem trégoa as orelhas nos martélam,
» Não sei com que *Noodts*, nem com que *Strachios*
» E outros galantes nomes taes como estes,
» Que na boca não cabem, nem a lingua
» Pode, bem que se affanne, pronuncia-los:
» *Mouriscos* devem ser, ou eu me engano,
» Que *Christãos* nunca usáram de taes nomes.
» Vá pois, Senhor *Deão*, e sem recéo
» A sua *Appellação* prompto interponha,
» Que aos Juizes depois intimar deve,
» Si quer das mulctas escapar ao raio,
» Que o terrivel *Accordão* lhe fulmina.
» Não durma sobre o caso, nem descanse:
» Que, segundo a vulgar regra em Direito,
» *O direito aos que dormem não socorre* ».

— « Essa regra, Doutor, he o *Diabo* !

» Merecia , o que a fez, as mãos cortadas.
(O *Deão* assustado repetia.)
» Visto isso , por amor d'esta demanda
» Hei de eu perder a paz , e o meo socego,
» Não dormir , vigilar continuamente ?
» O' ditoso *Arganaz* , e tu , *Marmota* ,
» Que sem demandas ter , nem ter cuidados ,
» Passais dormindo quasi o anno inteiro !
» O' quanto mais feliz he vossa sorte ,
» Que a nossa, tristes homens ! Pois, si acaso
» Queremos defender nosso Direito ,
» O Direito nos deixa , si dormimos !
» Meo Doutor, si essa regra he verdadeira,
» Fique o malvado *Accordão* subsistindo ,
» Chovam embóra sobre mim as mulctas ,
» O vestido de seda , a loba , a murça ,
» Pela agua abaxo vam , tudo se perca ,
» Com tanto que eu não perca um so instante
» Dos meos suaves , regalados somnos. »

Aquí, com branda voz , o bom *Fernandes*
Ao afflito *Deão* assim consola :
« Senhor, os textos tanto ao pé da letra
» Se não ham-de entender, como imagina ;
» Não he da mente pois do gran' Consulto
» Que esta regra dictou prudentemente ,
» Que não devam dormir os pleiteantes,
» Que isso seria desmarcada asneira :

» Sua tenção somente foi lembrar-nos,
» Que quem litigios tem, e quer vence-los,
» Deve tudo attentar, e ser esperto. »

— « Isso agóra, (cobrando novo alento,
» Diz o Deão farfante) he outra cousa.
» Por esperto, não tenha, Doutor, medo,
» Que me haja de vencer o gordo *Bispo*;
» Que aquí, onde me vê, sou gran'laverco:
» Muitas vezes no *Whist* estando a nove,
» Na segunda partida, os meos Contrarios,
» De taes artes me valho, taes maranhas,
» Que, não tendo mais que um, lhes ganho o *róber*. »

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,
Do Doutor *Bartolista* se despede;
E mais ligeiro, que um ligeiro galgo,
Para casa direito o fio toma,
Onde, sem se despir, manda lhe tragam
Prestemente a comida, e prestemente
Engole, pensativo, alguns bocados;
E na mesma cadeira, sem deitar-se,
Umas vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.

CANTO V.

O HYSSOPE.

CANTO V.

AINDA o chylo bem não tinha feito
O farfante *Deão*; quando, lembrado
Do—*coram probo viro*—do *Fernandes*,
Abre a caxa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia:
« Que inércia he esta? Que perguiça, ó *Lara*,
» Que os membros e sentidos te adormenta,
» Quando por inimigos tens em campo
» O gordo *Bispo*, o *Abreu*, o *Ramalhete*,
» Velhacos todos da primeira plana?
» Al'érta, *Lara*, pois, al'érta, al'érta;
» *Que o Direito aos que dormem não soccorre*,
» E cumpre aos litigantes ser espertos. »

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E abrindo a boca, e os olhos esfregando,
A modorra sacode em que jazía;
E o suado *crescente* endireitando,
Sem attender ao sino que o chamava
A *Vésperas* tocando, nem á mulcta,

Que a bolsa lhe ameaça, sai de casa,
E per-baxo da calma, com que assava
Syrio, ladrando, a sequiosa terra,
Aos *Capuchos* de trote se encaminha.

Sobre uma agra montanha que se estende,
Em pequena distancia dos soberbos
Guerreiros muros da triumphante *Elvas*,
O célebre Convento se levanta.
Aquí, da molle *Inercia* no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da *Provincia* se vê cem Padres Graves,
Ex-Guardiães, *Ex-Porteiros*, *Ex-Leitores*,
Ex-Provinciaes, e alguns d'estes famosos
Pelas artes subtís, pela ardileza,
Com que forçado tem o *Sp'rito Santo*,
Nos rixosos *Capitulos*, mil vezes,
Os votos a seguir do seo partido.
D'estes tambem no meio, alí se encontram
Do gordo badulaque *Ex-Cusinheiros*,
Na fumosa cusinha, entre as tisnadas
Certãas fuliginosas, e marmitas,
Com grande gloria sua, *jubilados*.

Aquí, suando pois, como um cavallo,
Chega o *Deão*, a tempo que o *Porteiro*
A porta da Clausura prompto abria;
E vendo do *Deão* a gran'fadiga,
D'esta sorte lhe diz, sobresaltado:

« Que he isto, meo Senhor? Que estranho caso
» Aconteceu á Vossa Senhoria,
» Que per baxo de calma tam intensa,
» A' nossa Casa o traz tam affrontado?
» Mattou acaso algum dos seos Collegas?
» Roubou a Sacristia? ou, do *Diabo*
» Tentado, violou alguma virgem,
» E asylo vem buscar na nossa Igreja? »

— « Nenhum d'esses desastres, Deos louvado!
» Me succedeu; (o *Lara* lhe replica)
» Ao Padre Guardião somente quero
» N'um negocio fallar, si for possivel ».

— « Inda bem: pois cuidei que era outra cousa;
» (Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
» Fiquei sem sangue, em quasi todo o corpo.
» O Padre Guardião, antes das cinco,
» Não costuma da sesta levantar-se;
» Mas por servir á Vossa Senhoria,
» A desperta-lo vou: no em-tanto, pode
» Lá na Cerca esperar, tomando o fresco ».

Isto dizendo, ao Dormitorio sobe;
E o *Deão*, caminhando para a Cerca,
Com outro Reverendo acaso topa,
De gran'barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta, e acompanha.

Quiz então a fortuna, que este fosse
Um dos Padres mais graves da *Provincia*,
Ex-Guardião, *Ex-Leitor*, e *Jubilado*,
De todos o mais douto, excepto o *Arronches*,
Pregador de gran'fama na Cidade.

O bom *Lará*, que havia longo tempo,
Que n'esta santa Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seos olhos,
Na Cerca entrando, juntos se lhe off'recem
As areadas ruas, as estatuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flores cobertas, e que, em torno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na statua, que primeira alí se encontra,
Pergunta ao *Jubilado* : « Quem he este
« *Monsieur Parîz?* segundo diz a lettra
» Que per baxo, na base, tem aberta :
» Si se houver de julgar pela apparencia,
» O nome, a catadura, o penteado
» Dizendo-nos estám que este bilhostre
» Foi *Francez*, e talvez Cabelleireiro,
» Inventor do topete que o enfeita. »

— « *Páris*, e não *Parîz* diz o letreiro,
(Circunspecto lhe volve o *Padre Mestre*)

» Nem *Francez*, como crê, Cabelleireiro
» A personagem foi, que representa;
» Mas em *Troia* nasceu de stirpe regia. »

— « Pois, si *Francez* não foi, (replica o *Lara*)
» Como *Monsieur* lhe chamam? »
— Co'um sorriso
Lhe torna o *Padre Mestre*: « Não se admire
» Que isto está succedendo a cada passo:
» Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
» Se tratam de *Monsieurs* os *Portuguezes*.
» Isto, Senhor, he moda; e como he moda,
» A quizemos seguir; e sobre tudo
» Mostrar ao mundo, que *francez* sabemos. »

— « De tanto peso pois (lhe volve o *Lara*)
» He, *Padre Jubilado*, per ventura,
» O saber o *Francez*; que d'isso alarde
» Fazer quizessem vossas Reverencias?
» Per acaso, sem esse sacramento,
» Não podiam salvar-se, e serem sabios?
» Pois aquí, em segredo lhe descubro,
» Que o *francez*, para mim, o mesmo monta,
» Que a lingua dos selvagens *Boticudos*. »

— « Não diga, Senhor, tal; que n'este tempo,
» O' Tempos, ó Costumes! (diz o Padre)
» O saber o *francez* he saber tudo.
» He pasmar ver, Senhor, como um *pascasio* (15.)

» De *francez* com dous dedos, se abalança
» Perante os homens doutos e sisudos,
» A fallar nas sciencias mais profundas,
» Sem que lhe escape a Santa *Theologia*,
» Alta sciencia aos Claustros reservada,
» Que tanto fez suar ao grande *Scoto*, (14)
» Aos *Baconios*, aos *Lullos*, e a mim proprio.
» D'esta audacia, Senhor, d'este descoco,
» Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
» Quem mais sente as terriveis consequencias
» He a nossa *Portuguez*, casta linguagem,
» Que em tantas traducções anda envasada
» (Traducções, que merecem ser queimadas!)
» Em mil termos, e phrases *Gallicanas!*
» Ah! sí as marmoreas campas levantando,
» Saíssem dos sepulchros, onde jazem
» Suas honradas cinzas, os Antigos
» *Lusitanos* Varões, que com a penna,
» Ou com a espada e lança, a Patria ornaram;
» Os novos idiotismos escutando,
» A mesclada dicção, bastardos termos,
» Com que enfeitar intentam seos escriptos
» Estes novos, ridículos Autores;
» (Como si a bella, e fertil lingua nossa,
» Primogénita filha da *Latina*,
» Precisasse de estranhos atavios!)
» Subito, certamente, pensariam
» Que nos sertões estavam de *Caconda*,

» *Quilimane*, *Sofála*, ou *Moçambique*;
» Até que, já por fim, desenganados
» Que eram em *Portugal*, que os *Portuguezes*
» Eram tambem, os que costumes, lingua,
» Per tam estranhos modos, affrontáram,
» Segunda vez de pejo morreriam.
» Mas elles tem desculpa; a negra fome
» Os miseros mortaes a mais obriga:
» Sem saber o que escrevem, escrevendo
» Buscam d'ella o remedio, e como logram
» Os fins de seos intentos; o que escrevem,
» Seja ou não *Portuguez*, isso que monta?
» Quem desculpa não tem, nem a merece,
» He quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda.
» Mas por ora deixemos estas cousas,
» Que o mundo corrigir a nós não toca.
» Este, como dizia, foi *Troiano*,
» E nos Campos que o *Phrygio Xantho* corta,
» Guardando, em doce paz, o seo rebanho,
» Eleito foi Juiz do grande pleito,
» Que *Juno* e *Pallas*, entre si, com *Venus*,
» Sobre a belleza, um tempo, sustentáram;
» No qual, não sei porém si com justiça,
» Deu a favor de *Venus* a sentença,
» Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
» Que a *Discordia* lançára n'um banquete.

— » Ja n'esse pleito ouvi, si bem me lembro,

» E no pomo fallar : (lhe volve o *Lara*)
» Mas o tal *Monsieur Páris* foi um asno
» (Perdoe a sua ausencia). Si na causa
» De ser Juiz a sorte me coubéra,
» Daria, mal ou bem, minha sentença,
» Conforme o meo bestunto me ajudasse,
» Sem em nada gravar a consciencia;
» Mas a maçãa, havia d'eu papa-la,
» Pelas custas, por certo : e quando muito,
» Daria á Vencedora d'ella as cascas.
» Mas, diga-me, meo *Padre Jubilado*,
» Si gado apascentou esse marmanjo,
» Como de cortezão está vestido,
» De cabello, de bolsa, e penteado? »

— « Essa he boa! (replica o Reverendo)
» Pois parece-lhe, á Vossa Senhoria,
» Que lhe bastava o secco tratamento
» De *Monsieur*, que lhe démos, e um cajado,
» Um intonso cabello, uma samarra? »

— « Essa razão me quadra (diz o *Lara*).
» E esta *Madama Helena* (continua)
» Que d'elle está defronte, per ventura
» He *Troiana* tambem, ou hé *Franceza*,
» Como do penteado mostra o gosto? »

— « Não foi, Senhor, *Franceza*, nem *Troiana*;
» (Responde o Padre Mestre) d'alto sangue,

» Em a *Grecia* nasceu; e no seo throno
» *Esparta* um tempo a viu: mas sceptro, sposo,
» A patria, a fama, a gloria d'alta stirpe,
» Tudo deixou, por *Páris.*
— » Pois que! Sposo,
» A cara patria, o sceptro, a fama, a gloria,
» Tudo deixou, por esse *barbas-d'alho ?*
» Valente marafona foi por certo,
» A tal *Madama Helena!* E quem foi esta?
» Diz a letra, *Madama Pena-Lopes*,
» (Proseguia o *Deão*) tal vez seria
» Tam boa, como ess'outra? »
— « Essa (responde
» O douto *Jubilado*) he d'outra láia:
» A famosa *Penélope* foi esta,
» Do conjugal amor, da fé jurada
» Do sagrado Hymeneo nas castas aras
» Um perfeito exemplar, grande Matrona,
» Boa Mãe-de-familias, e estremada,
» Entre as mais de seo tempo, tecedeira.
» N'uma têa gastou mais de dez annos. . .

— » Que me diz, *Padre Mestre?* Está zombando!
(O *Deão* aturdido lhe replica)
» Em urdir e tramar uma só têa
» Dez annos consumia a tal *Madama!*
» E diz-me que foi grande tecedeira?
» A minha Ama. . . e mais he uma zonpeira,

» N'outro tanto não gasta nove mezes :
» E com tudo, não passa, entre as peritas,
» Por grande sabichona n'este officio. »

— » N'isso mesmo he que esteve a habilidade,
» (O Padre lhe tornou) pois que de noite,
» O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior! (diz o *Deão*) Isso he o mesmo,
» Que para traz andar, qual caranguejo.
» Jurarei em cem pares de *Evangelhos*
» Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— » Perdido o siso! Que galante cousa!
» (O Padre lhe tornou) antes no mundo
» Nunca mulher se viu tam atinada;
» E digna de passar á Eternidade,
» Sobre as azas da posthuma memoria.
» Foi prudencia, Senhor, o que loucura
» A sua phantasia lhe figura.
» Pois si assim praticava, era sómente
» Por enganar (em quanto o caro Sposo
» Da prolongada ausencia não volvia)
» Cansados rogos de importunos procos (15)
» Que aspirávam do seo consorcio á gloria.
» *Arachne*, que *Minerva* vingativa
» Em aranha tornou, por arrojar-se
» A competir com ella; certamente
» Lhe não levára no tecer a palma. »

— « Como he isso? (o *Deão* diz assustado)
» Pois, salvo tal lugar, um homem pode,
(Isto fallando, todo se persigna)
» Ou pode uma mulher, em feo bicho
» Ou animal quadrupede mudar-se? »

— « Isto fabulas são, com que os antigos
» Quizeram explicar aos seos vindouros
» De muitos animaes a industria, e a arte;
» E alem d'isso ensinar, que ás Divindades
» Se deve ter um grande acatamento.
» Mas, que acontecer possa, quem duvida?
(Dizia gravemente o douto Padre)
» Não fallo agora das antigas *Lámias*
» Que inteiros enguliam os meninos,
» De *Circe*, de *Medéa*, nem de *Alcina*,
» Ou da velha *Canidia*, de quem conta
» O bebado de *Horacio* as nigromancias;
» Todos sabem, que todas estas Bruxas,
» Em ossudos leões, manchados tigres,
» Em ardidos ginetes, negros ursos,
» Ou em toupeiras vis, vis musaranhos,
» A seo sabor, os homens convertiam.
» Alem disso, *Apuleio* nos informa (16)
» Que, per malicia d'uma certa *Fótis*,
» Em asno, n'um instante, se formára,
» E como asno passára mil trabalhos.
» Não tem ouvido Vossa Senhoria,

» Ruidosos cães uivar, lá na alta noite?
» Pois que querem dizer aquelles uivos,
» Senão, que anda no bairro *Lobis-homem*,
» Ou homem, por fadario, transmudado
» Em jumento orelhudo, ou em sendeiro? »

— « *Santo Bréve da marca!* (aquí exclama
O farfante *Deão*, de temor cheo;
E logo proseguiu.) « Si minha estrella
» Ordenado me tem, que per encantos
» De alguma Feiticeira ou Nigromante,
» Em fero bruto eu haja de mudar-me,
» Praza a vós, santos Céos! ao Fado praza
» Que, antes do que em sendeiro lazarento,
» Em brioso cavallo elles me mudem:
» Pois assim poderei, inda algum dia,
» A sorte vir a ter de ser Pae d'eguas:
» Que bons potros darei da minha raça!
» Mas, si muito julgais o que vos peço,
» Ao menos concedei-me, que em fuinha,
» Ou matreira raposa me transtornem;
» Só para do *Bispo* ir ao gallinheiro,
» De quantas aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o *Deão* do seo espanto,
Ao bom Padre pergunta: « E quem he este
» Circunspecto *Monsieur*, que cá se enxerga? »

— O Padre-mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recorda-los,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Sacca, nas espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado o leva á penca,
Com'strondo se assoa, e dobrado o colhe:
D'esturro então sorvida uma pitada,
O habito saccode, aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao *Deão* assim responde:
« Esse que ahí está, nem mais, nem menos,
» He o facundo decantado *Ulysses*,
» De *Madama Penélope* marido:
» De todos quantos *Gregos* aportáram
» Da *Neptunina Troia* ás curvas praias,
» O mais prudente foi, excepto o velho
» *Nestor*, que viu dos homens tres edades.
» Este, depois que a cinzas reduzido
» Foi o fero *Ilion*, per suas traças,
» E da altiva Cidade só ficára
» O campo, em que imperiosa antes estava;
» Voltando á Pátria amada, carregado
» De altos despojos da immortal victória,
» De *Neptuno* soffreu a cruel sanha,
» E dos ventos e vagas açoutado,
» Undívago correu per longos mares,
» Vendo de muitas gentes as Cidades,

» As várias artes, os costumes vários,
» Até que levantou, na foz do *Téjo*,
» A Rainha do mar, *Lisboa* invicta. »

— « O' grande Fundador da minha Pátria,
» (Aqui brada o *Deão*) si mãos tiveras,
» E si pernas e pés te não faltáram,
» Os pés e mãos, humilde, te bejára!
» Mas si manco, e maneta aquí te vejo,
» E *á Franceza* vestido, a mal não hajas
» Que *á Franceza* te beje a fria face. »
Disse: e ao collo, furioso se lhe lança,
E na face tres bejos lhe pespega.
Passado este pequeno enthusiasmo,
O *Lára*, proseguiu: « E aquell'outro,
» Que do Jardim no meio se impertiga
» Com cara de Ferreiro, he per acaso
» O grande *Ferrabraz* de *Alexandria?*
» Ou *Galafre* da ponte de *Mantible?*

— » Esse (responde o Padre) foi *Alcides*,
» Cujo tremendo braço, cujos feitos
» Ha-de, por certo, vossa Senhoria
» Ter ouvido exalçar discretamente,
» Em seos sermões, ao nosso Padre *Arronches*.

— » Engana se, Senhor: (O *Deão* volve)
» Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;

» E posto que, no Coro, muitas vezes,
» Em razão d'esta minha Dignidade,
» A meo pezar, alguns ouvir eu deva;
» Em quanto o Padre grita, estou dormindo:
» Pois d'outra sorte disfarçar não posso
» A fóme, que me attáca a essas horas.
» Si eu algum dia for eleito Bispo,
» (Como esperar me faz o Regio sangue
» De *Lára*, que nas véas me circula)
» Já, desde aquí, meo Padre, lhe prometto,
» Que estes sermões desterre do Bispado;
» E si n'elle inda achar quem tenha o flato
» De prégar, lhe darei prompto remedio:
» Mandarei, que cumprindo seos desejos,
» Vá prégar aos Heréges, e Gentios,
» Que o prémio lhe darão do seo trabalho;
» E escusem de quebrar-nos os ouvidos
» Com uma insulsa dilatada harenga,
» Que ouve, per uso, o Povo e não entende,
» E a pagar vem per fim, por alto preço;
» Dando, (cousa que muito a mim me espanta)
» Sem saber o porque, o seo dinheiro.
» Sermões?—E quando quer jantar a gente?
» A fóme só augmentam, causam somno.
» Mas, tornando, meo Padre, ao nosso ponto,
» Este *Alcides*, segundo tenho ouvido,
» Foi o maior tunante dos seos tempos. »

— « Foi amigo de Moças? Que tem isso?
» Vê-me aqui? Pois com ter mais de settenta,
» (Dizia o *Jubilado*) nem por isso
» Onde quer que as eu topo, lhe perdôo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta magoa!
» (O *Deão* exclamou) ó quanto pejo
» Me custa, *Padre Mestre*, o confessa-lo!
» Outro tanto de mim dizer não posso,
» E com tudo não passo dos sessenta;
» Mas isso he do burel virtude innata.
» Agora pois, si á vossa Reverencia
» Pesado lhe não fôr, dever quizéra
» Que d'este traficante toda a historia
» Me referisse; pois, segundo penso,
» Ha-de ser vária, e muito divertida.
» Lembra-me a mim, que sendo inda estudante,
» Do Bacharel *Trapaça*, e *Peralvilho*
» De *Cordova* a história portentosa
» Ouvi lêr (por sinal, que por ouvi-la,
» Na Classe pespeguei valentes gázios)
» A um Clerigo visinho, bom Poéta,
» Que sabia o *Borralho* todo inteiro,
» E tinha uma escolhida Livraria;
» E confesso-lhe, *Padre Jubilado*,
» Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
» Cousa, que ca no goto mais me desse. »

— « De bom grado o farei, por dar-lhe gosto
(O Padre lhe tornou, e assim começa :)
« Este grande varão *Alcmena* e *Jóve*
» Teve por Paes, ainda que gran'tempo
» Do forte *Amphitrião* passou por filho... »

—« Com que, de mais a mais o tal *Alcides*
» De barregãa foi filho? .... Avante, Padre,
» Que o começo promette grandes cousas. »
(Diz o *Deão* ,
— e o Padre proseguia :)
« De tantas forças foi, logo em nascendo,
» Que inda elle não contava bem dez mezes,
» Quando, (em lugar de berço, repousando
» N'um escudo de cobre, que a *Pterélas*,
» *Amphitrião* ganhára batalhando,)
» Duas Cobras, mais grossas que um madeiro,
» Que entráram a papa-lo surrateiras,
» No silencio da noite, per mandado
» De *Juno* que em ciumes se abrazava,
» Rompeu, espedaçou, com mais presteza
» De que eu trinchar costumo uma gallinha,
» Quando, com fome estou, na nossa cella :
» Digo — na cella — ; pois no Refeitorio
» Esta ave nunca entrou ; que n'elle reina
» Somente o *Bacalhão*, e talvez podre.
» Depois, sendo Mancebo, a estribaría
» De *Augias* alimpou, façanha grande... ! »

— N'este ponto o *Dèão* ter-se não poude ,
Sem que esta sábia reflexão fizesse :
« Filho de Barregãa ! Moço de mulas !
» Vejam de que relé era a criança ! »

— « Lógo (prosegue o *Padre Jubilado*)
» Fez maiores acções ; um Leão fero
» Na floresta *Neméa* , cara á cara ,
» Destemido affrontou ; e lhe machuca ,
» Com a pesada massa , o duro casco... »

Aquí chegava o Padre em sua historia ,
Quando o esperto *Deão* , á porta vendo
Da Cerca o *Guardião* , que a ve-lo vinha ,
Inda do somno os olhos esfregando ,
O fio lhe cortou , em altas vozes
Ao *Guardião* gritando : « *Appello* , *Appello* ,
» Perante vossa sábia Reverencia ,
» Varão constituido em Dignidade ,
» Da affronta que me faz o meo Cabido ,
» Pretendendo com mulctas constranger-me
» A vir apresentar ao gordo *Bispo* ,
» A' porta da latrina, o santo *Hyssope*.
» Peço tambem , com todo o acatamento ,
» *Os reverenciaes Apostolos* , *mil vezes* ,
» *Com mais e mais instancia, instantemente*.. »

— « Basta : (o Prelado diz) já interposta
» A *Appellação* está. Agora , em quanto

» O Reverendo Padre *Jubilado*,
» Pois Notario não ha que dê fé d'isso,
» A certidão lhe passa, nos sentemos
» Ao pé d'esta roseira a tomar fresco. »
Ditas estas palavras, se assentáram,
E o farfante *Deão* assim começa:
— « Por certo, que não pode duvidar-se
» Do augmento, Senhor, que em nosso dias
» Tem tido *Portugal*, per alto influxo
» Do grande, forte, e nunca assaz louvado
» Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,
» E do sábio Ministro que lhe assiste.
» Não fallo nas sciencias e nas Artes,
» Que eu d'ellas nada sei; pois meo emprego
» A's Lettras applicar-me me não deixa,
» Como meo gosto, e génio me pediam;
» E da *arte da cusinha* tam sómente
» (Que he obra, quanto a mim, mais proveitosa
» Aos homens, que o *Francez*, que anda na moda)
» Alguns pedaços leio, estando vago.
» Fallo, sim, no apparato dos banquetes,
» No polido dos trajes, e assembléas,
» Dos Jardins no bom gosto, e dos Palacios:
» Digo isto, meo Senhor, porque esta Cerca,
» Que era um chiqueiro, ha menos de dous dias,
» Hoje tornada está n'um Paraiso.
» Mas que não poderá um Génio grande,
» E tal, como o de Vossa Reverencia? »

— O Guardião então todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde:
« Aquí que pode haver, que os olhos encha
» De Vossa Senhoria, que tem visto
» As Terras estrangeiras tam gabadas,
» Si he tudo uma pobreza *franciscana!* »

— « Tanto não direi eu; (replica o *Lara*)
» Que ao ver d'este vergel a amenidade,
» O desenho dos buxos, o bom gosto,
» Com que são as figuras trabalhadas;
» A abundacia dos vasos, e das flores,
» Que no jardim estám, se me figura
» De *Castello Gandolfo*, ou de *Frascati*
» (Onde fallei mil vezes com o *Papa*)
» Ver o primor, e o curioso asseio.
» Tudo está primoroso; e só lhe falta
» Para em nada ceder aos mais gabados,
» Deliciosos jardins de *Italia*, e *França*,
» Uma Cascata, que a de *Terni* iguale.
» Si Vossa Reverencia quer a planta,
» Eu já mandar-lh'a vou; que a tenho em casa. »

— « Essa obra ha-de custar muito dinheiro
» (Responde o Guardião) e hoje as esmolas,
» Para encher a barriga a tantos frades
» Que têm fome canina, apenas bastam.
» Algum dia foi rico este Convento;
» Mas estas novas Leis testamentarias

» Deram um grande corte em suas rendas.
» He verdade, que os santos *Exorcismos*,
» O benzer dos feitiços e lumbrigas,
» O grande, e extraordinario privilegio
» De *Irmão*, ou *Mãe de frades*, e outros pios
» E santos institutos, que inventaram,
» Devotos e subtis, nossos antigos,
» E que nós pelo Povo propagamos,
» Com zelo e com destreza, maiormente
» Entre o devoto feminino sexo,
» Inda pingando vam de quando em quando.
» Mas isto tudo he nada, he um cuminho,
» A par do que rendia o *Purgatorio!*
» Senhor, o *Purgatorio*, e as *almas santas*
» Eram o *Potosi* da *franciscana*. » (17)

N'este ponto chegando o *Jubilado*,
O discurso lhe atalha, e ao *Lara* entrega
A grande Certidão, que passar fôra.
O *Deão* a recebe civilmente;
E com mil importunos comprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez, se despediu:
E correndo, e saltando, como um corço,
Risonho, e prazenteiro entrou em casa;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste *Luz*, que a honra goza
De tocar mal rabeca, na *Sé* de *Elvas*,

E de ser, em seo foro, mao Notario,
Ou pessimo escrivão, que vale o mesmo:
Alem d'isto, cursado tinha as classes;
E a todas estas cousas ajuntava
Uma profunda erudição, bebida
Nos *Autos de Reinaldo*, e *Valdevinos*,
E do Infante *Dom Pedro nas partidas*,
Florisel de Niquéa, e outros livros
Da andante, da immortal Cavallaria;
Ao qual o *Deão* disse: « Hoje um negócio
» De ti fiar pretendo, de importancia;
» Mas antes será bom, que ao grande *Baccho*
» Algumas libações, como costumas,
» Aquí faças. » Dizendo estas palavras,
Ordena, que lhe tragam promptamente
Do bom vinho de *Borba* tres garrafas.

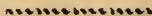
— O bom *Luz* transportado á sua vista,
Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
A's duas palhetadas, deixa enxuta:
Muito tempo não passa, sem que prove
Igual sorte a segunda; sem descanso
Com a terceira investe, largo espaço
O forte Campião entra por ella:
E depois que esquentada teve a bilis,
Assim com o *Deão* falla animoso:
« Que cousa pode Vossa Senhoría
» Querer d'este seo sérvo, que não faça?

» Que perigo haverá, que não arroste?
» Da nova *Zembla* os duros caramélos
» Irei a passear : ao meio dia,
» Na *Libya* soffrerei a calma ardente :
» Com Tigres, com Leões, com Crocodilos
» Audaz affrontarei: do Reino escuro,
» Para seo cão de fralda, si he seo gosto,
» N'um pulo, lhe trarei o Cão *Cerbéro;*
» Si mais d'isso se paga, co'uma corda
» A' porta lh'o atarei, como um macaco.

— » Menos que isso, (bradou o Prebendado)
» Menos que isso de ti hoje pretendo.
» Uma *Appellação* só quero que intimes
» Ao gordo e fero *Bispo :* isto somente
» De ti hoje desejo, e de ti fio. »

— Aqui, mudando a cor do triste rosto,
Começou a tremer o novo *Alcides,*
E com voz balbuciante, lhe replica :
« Muito illustre Senhor, tam grande empreza
» Minhas forças excede : o mesmo *Achilles,*
» *Mandricardo, Gradasso, Sacripante,*
» Commette-la, por certo, receáram,
» E *Orlando, inda que fôra verdadeiro.*
» D'ella pois me dispense; que eu sem pejo,
» Ante os Céos, ante a Terra, hoje confesso
» Que meo animo a tanto não se atreve. »

— A este breve discurso , ardendo em ira ,
O *Deão* exclamou : De minha vista
» Vae-te , indigno , Furão vil e rasteiro ,
» A quem , na cara e feitos , te pareces ;
» Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo , e semivivo o pobre *zóte*
Então se foi d'alí escapulindo ;
E o farfante *Deão* fica suspenso ,
No peito revolvendo a quem daría
A grande commissão : quando á memoria
Lhe traz a *Senhoría* (que a seo lado
Invisivel assiste) o bom *Gonsalves* ,
Escrivão atrevido , e sem piedade ;
Que a si mesmo prendera , se podera.
« Este sim , (exclamou então contente)
» Que he capaz de citar a *Jesus-Christo*. »
Isto dizendo , que lh'o chamem , manda.
A *Senhoria* então , tomando a forma
Do galopim de casa , veloz parte ,
E com elle voltou *in continenti* ;
A quem logo o *Deão* propõe a empreza ,
Que elle , sem duvidar , risonho aceita ;
E para a executar , tempo opportuno ,
Cheo de confiança , a esperar , parte.

CANTO VI.

O HYSSOPE.

CANTO VI.

JA o *Sol* grande espaço declinava
Do brilhante *Zenith*, para o *Occidente*,
E a socegada *Tarde*, conduzida
Nas frescas azas dos subtis *Favónios*,
A passeio os Peraltas convidada:
Quando, por divertir sua *Excellencia*
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Se dispõe a sair, como costuma,
A frescura a gozar do seo *Versalhes*.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão industriosa da *Excellencia*,
Para obriga-lo a não sair de casa)
Esta infausta jornada precedéram.
A' mesa posto, e a beber um copo
De generoso vinho da *Madeira*,
Em vinagre na boca se lhe torna
O suave liquor; e ao mesmo passo,
No aparador saltando um gato negro,
Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo,

Os dourados crystaes que n'elle estavam.
Depois, dormindo docemente a sesta,
Se lhe figura, no melhor do somno,
Que andando de passeio pela Quinta,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nora o velho Burro, e alçando o rabo,
Dous couces lhe pregava no vazio.
A' phantástica dor, gritando acorda;
E acudindo a familia promptamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado.
Mas, passado o primeiro sobresalto,
Desenganado em fim de que era sonho,
A vestir-se começa: então calçando
O polido sapato, das fivellas
Salta da guarda-roupa ao aureo tecto,
Com medonho estampido, a melhor pedra.
Finalmente, ao montar á carruagem,
Batendo um gran'Besouro as negras azas,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
E um Pardal lhe estercou no tejadilho.

N'este instante a *Excellencia*, que tomado
Tinha do grande *Almeida* a gentil forma,
Vendo que estes agouros não bastavam
Para aterrar do *Bispo* o forte peito,
Co' uma grande zumbaia, assim lhe falla:
— « Si crer em abusões he de almas fracas,
» Desprezar portentosos vaticinios

» He de peito obstinado, ensurdecido
» A's vozes com que o Ceo mil vezes falla.
» Si em *Africa*, *Catão*; si em *Roma*, *César*
» Déram fé aos presagios: nem aquelle
» Nas férvidas aréas Africanas
» Acabára infeliz; nem no Senado,
» A's mãos de *Cassio* e *Bruto*, ferozmente
» Este fôra, qual rez nas aras, morto.
» O mesmo digo do temido *Almeida*,
» De quem Vossa Excellencia tem o sangue;
» De *Cambaia* murchar as altas palmas
» Na brutal *Cafraria* elle não víra,
» Si affouto, ou temerario não zombára
» Do batter dos sapatos dos *Menezes* (18).
» Vossa Excellencia tem visto os portentos
» Que lhe têm n'este dia acontecido:
» Ah! si a mente presága não me engana,
» Algum grande desastre pronosticam
» N'este passèio, que fazer intenta.
» Para illudi-los pois, torne a apear-se,
» Ao Paço se recolha: considére
» Que, por grande, a cautela nunca damna.
» Si pois da ociosidade, e seos prestígios,
» Que tanto horror lhe faz, fugir desèja,
» Mande chamar alguns Capitulares,
» E com elles em santa paz jogando,
» O resto passe da calmosa tarde;
» E não queira, com vãa temeridade,

» A seo gosto a razão sacrificando
» Desafiar a cólera dos Astros ».

— A estas vozes, risonho, o gordo *Bispo*,
Lhe responde : « Meo Filho, bem conheço,
» Que o amor que me tens, he quem te dicta
» Essas sábias razões ; mas que diría
» Esta marcial cidade que, admirando
» Meo heróico valor, trazer pendente
» Do bordado talim me viu na guerra
» Uma talhante espada ; e sobre tudo,
» Erguer da cama, n'uma fria noite,
» Por correr, sem temor, suas muralhas ;
» Quando o fogo nas altas atalaias
» Brilhando tristemente, annunciava
» Roubos, assolações, incendios mortes :
» Si hoje soubesse, que eu ficava em casa,
» Assombrado de quatro bagatellas ?
» Eu confio no Ceo, que esses successos
» Nada contenham, que aziago seja :
» Mas, si assim succeder, constante e forte
» Irei por onde os *Fados* me chamarem. »
Isto dizendo ; confiado ordena
Aos Moços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succediam
No Episcopal Palacio, o bom *Gonsalves*
A quem a grande empresa disvellava,

Sendo per seos espias avisado
De que o *Bispo* saía, aproveitar-se
Da occasião que a *Sorte* lhe off'recia,
Comsigo determina; e a toda a pressa
A vestir-se começa: quando a cara
E longeva Consorte, do Cartorio
Nas sórdidas trapaças tam versada,
Como o destro marido, toda chea
D'um pánico terror que dentro n'alma
A feroz *Excellencia* lhe infundíra,
Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla:

« Onde, ó Luz de meos olhos, doce Esposo,
» Assim corres veloz, assim me deixas
» Cercada de receos e tristezas?
» O *Bispo* vas citar? Ah! tu não sabes
» Qual he d'este Prelado a santa raiva?
» Ignoras, que as menores bagatellas,
» Em seo conceito são graves insultos,
» Que castigar costuma sem piedade?
» Tu, ó pobre *Milheiro*, tu o dize,
» Que por zombar da fitta do palmito,
» Na respeitavel face do *Roquête*,
» (Mestre de ceremónias, e Cabálas,
» Com poder de Assistente, junto ao sólio,
» Para insultar, sem termo, os pobres zotes
» Em toda esta Cidade, e seo Bispado)
» A jazer longo tempo na cadéa

» Barbaramente condemnado foste!
» Não sabes, que a pezar das leis sagradas
» Do nosso piedosissimo Monarcha,
» Elle *meirinho* tem de vára alçada,
» Que prende, escorcha e rouba impunemente,
» A' sombra do sagrado Santuario?
» Pois, como a provoca-lo hoje te arrojas,
» Por servir o *Deão?* Crês per ventura,
» Que elle te livrará das suas garras?
» Ou te fias talvez em que es sujeito
» A outra jurisdição? Mas, oh, repara
» A quantos, como tu, leigos izentos,
» Em seo cruel aljube, opprime e vexa!
» Oh! si um raio voraz dos Ceos descesse,
» E todos os aljubes abrazasse!
» Quantas, ó Céo, ó quantas se evitáram
» Vexações, injustiças, e insolencias!
» Olha o que succedeu, ha pouco tempo,
» Ao Charlatão do Medico pequeno
» (Que a hábito perpétuo de Estudante
» Foi, de *Esculapio* em Junta, condemnado,)
» Por não dar alimentos á Consorte
» Em dinheiro corrente, que de balde,
» Os homens e as estrellas attestando,
Allegava não ter o miseravel;
» E em vão, pára paga-los off'recía
» A venda de seos prédios, ou seos fructos:
» A pezar da Razão, e da Justiça,

» Com publico pregão excommungado!
» Bem que dizer-se d'elle se não possa
» Que de *Herodes* á féra tyrannia,
» Não devéra escapar, por innocente;
» Pois só, d'uma pennada, a muitas almas
» Tem feito as margens ver do *Stygio* Lago,
» Onde por elle espéram barregando,
» Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira.
» Pretendes pois que o mesmo te succeda?
» Ah! não, amado Sposo, per aquelles
» Primeiros e suavissimos instantes
» Do nosso doce amor, pela fé pura,
» Que no sagrado laço me juraste;
» Per estas ternas lágrimas que choro,
» Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras,
» A ti mesmo cruel, e a meo socego,
» Roubar-me a triste vida, dar-me a pena
» De ouvir-te excommungar pelas esquinas!
» Ou prezo cruelmente, entregue ás garras
» Do meirinho voraz, qual tenra pomba
» Entre as unhas cruéis de Açor ligeiro.
» Do meo pranto tem dó, e dos cansados
» Longos annos da minha amarga vida.»
Aquî um magoado, e gran' suspiro.
As queixas lhe atalhou; e o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

—Então o grande, e intrépido *Gonsalves*,

Assim, de brio cheo, e de ternura,
A tímida Consorte alenta, e anima.
» Enxuga o bello pranto, ó bella Sposa,
» Que sem causa derramas, pois com elle
» O forte coração me despedaças.
» Eu não vou combatter algum Gigante,
» Nem tenho o *Tamorlão* por inimigo;
» Vou fazer meo officio, e bem conheço
» A quanto me abalanço, e me aventuro.
» Mas que dirá o Mundo, si vir hoje,
» Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
» De mais, que d'este excesso, a que me arrojo,
» Tu a causa so és; pois d'outra sorte
» Mal poderei, meo rico Bem, comprar-te
» A saia, a capa, a fitta, o léque, o pente.
» Os annos estám caros, e eu não devo
» Um gancho desprezar, que raras vezes
» A Ventura depára, e nos off'rece.
» As Censuras, o *Bispo*, e sua vara,
» Vãos espantalhos são, que não me assustam;
» Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja
» O forte raio, sem razão vibrado;
» E para me livrar do *Bispo* ás iras,
» Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
» O susto deixa pois; que brevemente
» Tu me verás tornar sem frio, ou febre,
» A gozar de teos mimos, teos favores. »
Isto dizendo, de seos braços foge;

E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A esperar, se partiu, sua *Excellencia.*

Já, na rica liteira recostado,
Da cidade saía o gordo *Bispo.*
Dous lacaios membrudos, e possantes
Guiavam a compasso os grandes machos;
E dous do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e perguiçosa marcha abriam.
Nos altos Campanarios os Donatos,
E das Freiras as Moças, muito alegres
Davam, como costumam, aos badalos.
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz Caçador, que alégre e féro,
A' porta d'uma mouta a rez espera,
A' liteira se chega, e respeitoso,
Uma Carta ao Prelado logo entrega;
Na qual a *Appellação* descomedida
Em lettra garrafal ia traçada.

O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a santa benção,
Com risonho semblante, péga n'ella,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Entra a lêr com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta Carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cái

O atrevido papel. Não, si cem bocas,
Cem linguas eu tivesse, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo *Bispo*. A *Ira*, a *Impaciencia*,
A *Soberba*, a *Vingança*, e outras *Furias*
O rodeam, o agitam, e o transportam:
O rosto se lhe inflamma; os olhos, tintos
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejam:
Escuma, geme, e brama, range os dentes.
Tam cruel, tam spantoso, tam feroz
Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de cão danado;
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas véas lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devora;
Como o grave Pastor! A vil *Perguiça*
Que a seo lado jazia recostada,
Ao vê-lo, d'ali foge espavorida.
Em fim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacáios, que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lhe castiguem.
Então os insolentes vis mochilas
Arrancam das espadas que, em deprezo
Das leis e Magistrado, á cinta trazem,
E cheos de grande ira, (quaes raivosos,
Arremessados Cães, que ardidos seguem
O féro Javali que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta mouta,)

Correm, sem tino, apoz o bom *Gonsalves*,
Que em seguro já posto, ao pé da *Guarda*,
Os olha, com deprezo, e com insulto.
Não de outra sorte rúbido Podengo,
Que seguindo, fiel e lisongeiro,
O rustico Saloio que á Cidade
Vem, de seos campos a vender os frutos;
Si ao pé d'alguma esquina se demora,
Preso da vista das formosas cores
Da galhofeira cidadãa cadella,
E sobre elle caindo a roaz turba
Dos bairristas cachorros, que a namora;
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre sem se deter, até que chega
Junto de seo Senhor, a cujas abas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado *Gonsalves*, (si meos versos
Alguma cousa podem, si rompendo
A névoa escura dos futuros évos,
Sobre as azas do Tempo se espalharem
Pela terráquea mole) em quanto *Alcaides*,
Quadrilheiros houver, houver *Meirinhos*,
O teo nome será sempre famoso,
Pelo heróico valor, com que abarbaste
Do gordo Bispo a temerosa sanha:

E dos *Leilões na Praça,* em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gran' *Lisboa,*
Entre a terrivel pestilente corja
De Alguazis desalmados e vorazes,
Com inveja e louvor, serás de todos
Polo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a *Senhoria*, que presente
A' esta cómica scena sempre esteve,
Chama a *Fama* veloz, e lhe encarrega
Que a gran' nova ao *Deão* léve ligeira.
Estava então o triste combatido
De alegres esperanças e temores;
Umas vezes confia, outras recea,
Que o escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rápida *Fama*, em seos ouvidos,
A nova espalha do feliz successo.

Vós, *Filhas da Memoria*, que do *Pindo*
Concordes habitaes as frescas selvas,
Qual foi seo gran'prazer, dizei agora.
De *Baccho* nas solemnes *Anthestérias*,
As desenvoltas *Ménades* não correm,
Nyctélio invocando, mais furiosas,
Do *Deus* e da *Alegria* arrebatadas;
Como o farfante *Lara* corre as casas,
Gritando de contente. Os moços chama

E a todos, entre grandes gargalhadas,
Todo o successo narra. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivão a grande astucia,
Ora as vãas iras do cruel Prelado.

O' geração humana, e quanto es fácil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellada má *Fortuna*,
Lúbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, ó farfante *Lara*, em pouco espaço
O viste, por teo mal, tu o provaste;
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria;
Qual leve exhalação, que apenas nasce,
Nos abysmos do Céo desapparece.

Engolfado o *Deão* nas esperanças,
Que este fausto príncipio lhe annuncia,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz caso,
Uma splendida cea se prepare;
E á Vélha, que tambem de gosto salta,
Com risonho semblante intima, e manda
Que não fique, na grande capoeira,
Fólego vivo em tam festivo dia.
Não contente com isto, maior prova
De seo immenso gozo dar pretende:

Que bizarro Concerto, de preludio
Sirva ao farto banquete, determina,
Da Musica melhor, que ha na Cidade:
E por dar mais prazer aos Convidados,
De *Cavallinhos fuscos*, depois d'ella,
Na vaga sala, com soberba pompa,
O galante spectáculo prepara.
Então a convidar, saltando, envia
Do Cléro e da Milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziam,
A despiedosa velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem gallinhas, cem frangãos degolando.
Entre todos havia um velho Gallo,
Páe da grande familia, victorioso
De cem feros rivaes, e respeitavel
Pelo roxo esporão, e roxa crista:
D'este pois nem, si-quer, o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seo sangue,
De seo cruel Senhor honra o festejo.

HYSSOPE.

CANTO VII.

Entre tanto, surdindo a Noite escura
Do *Bósphoro Cimmério*, e despregando
As estellantes azas, envolvia
Todo o nosso Hemispherio em densa treva,
Quando na casa do *Deão* triumphante,
Ajuntando-se vam os Convidados.

Vós, *Deusas* do *Parnasso*, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meo peito;
Regei-me a voz cansada, e o debil canto,
Por que n'elle celebre dignamente
De tam altos varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o moço *Sequeira*, que hombreando
Co'o Páe sagaz, na usura e na trapaça,
Lhe sobre-leva muito de avareza.
D'uma sebenta, desbotada fitta,
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxota do Castello.

Apoz este se segue circunspecto
O *Noventa-cabellos*, conhecido

Por fido *Achates* do pomposo *Lara*;
Homem sisudo e grave, e o mais callado
De quantos pizam d'*Elvas* a Cidade;
Excepto o triste, misero *Tacanho*,
Que gerou, por seo mal, o velho *Torres*.
Muitos d'elle murmuram (Féa Inveja,
Quem de teos dentes ficará izento,
Si não te escapa a simples Innocencia!)
Que não falla, porque fallar não sabe:
Outros porém mais justos o defendem,
E ás estrellas o sobem; pois ao menos
Si não sabe fallar, sabe callar-se,
E (qual lûbrica, negra sanguisuga
Que afferrando-se á pélle, se não solta,
Sem de todo fartar a cruel sede)
Dos que encontra ás orelhas não se agarra;
E não similha o zote do *Sardinha*
Que, sem antes gastar lhe' a paciencia
Com questões importunas, os não larga.

Nas ancas d'este entrou esbaforido
O *Vellozo*, Arithmético affamado,
Capaz de duvidar, até de *Christo*;
E que tem, de loquaz e de harengueiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de *Acclamo* o grande scholio,
De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo,
E á força de *Pae velho*, algum pedaço

Verte, em mao Portuguez, do *Tridentino*.
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa *Jesuítica* Syntaxe,
Passa, entre os seos, por homem consummado,
Bom Juiz de Sermões, e Pregadores,
A pezar do atrevido *Casadinho*,
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao béque dando
Entra o vaidoso mulheril *Perinha*,
Ramo insigne dos *Gatos-Rodovalhos*,
E chefe dos Pelões da sua Terra.
Então de *Senhorias* toda a casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se viu: umas da boca
Em borbotões lhe saiem, outras lhe entram
Pelas grandes orelhas lisongeiras,
E subindo-lhe ao cérebro, a cabeça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.

Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os *Bichos*,
Alegria e prazer da *Elvense* Terra;
O *Leite* e o *Barquilhos*, tam famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande Bode as grandes têtas;
Este, pela piedade com que vendo

Jazer em terra morto o bravo Touro,
Que os calções de camurça lhe rasgára;
Por que o Céo suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes per onde passam, mil apodos,
Mil graças e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutam:
Não de outra sorte viu Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passear suas ruas, hombro a hombro,
O célebre *Dom Félix*, e o *Caturra*.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no engenho, agudeza, brio, e garbo,
Com os dous pode bem correr parelhas.
Affastai, affastai: deixai passa-lo;
Que he o grande *Salgado*, cujo nome
Per todo o *Alem-tejo*, em suas trompas,
Com sonoro louvor publica a *Fama*.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o rol pendurado traz ao collo,
Das moças que, em mancebo, namorára;
Onde, com distincção, se lêm seos nomes,
Suas graças, e dotes. Pelos prados
Que o *Hebro* crystallino corta e rega,
Tantas, de Amor captivas, não seguiram
De *Thracia* o gran'Cantor, que a cara sposa,

Na solitaria praia descansando,
Duas vezes perdida, em vão chamava;
Quantas o rol contem, desde a mais baxa
E roliça fregona, até a Dama
Mais nobre, mais *gagé* (19), e mais xibante.
Hoje porem, que em mais serios estudos,
Os dias gasta, desfrutando a honra
Da rustica curar gente da vargem,
Inda este phrenesi curar não poude;
Nem da empírica sciencia o gran'segredo,
As hervas, cataplasmas têm bastado,
Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos *Venégas*,
Que muitos Infanções por Avós conta.
Este só comerá d'uma assentada,
Sem que papo lhe faça, um boi inteiro;
E como quem um copo bebe de agua,
De café, chocolate, chá, sorvete,
D'um trago, beberá toda uma pipa.
Elle céa não ha, não ha merenda,
A que prompto não vôe, não assista.
Tam rápida, calar das altas nuvens
Nao vê o Passageiro, em largo campo,
A grasnadora gralha, o negro Corvo,
Sobre o triste animal, que de cansado
Em comprido caminho, deu a ossada;

Como correr se vê o bom Fidalgo
A' voz, e cheiro do mais vil banquete.
D'esta canina fome, que o devora,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a Cidade he conhecido.

Nem tu has de deixar de ser lembrado
Em meos versos, Prior da Santa Igreja
Que *Alcáçova* ennobrece; tu, que sendo,
Un tempo, branco e louro, te tornaste
Per artes encantadas, negro e pardo.
Este na Sala entrou de loba e capa,
Mas debaxo do braço, co' a catana,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Si de seo gran'valor não mente a *fama*)
Muitas vezes, com todos os Diabos.

Então, tremendo chega a passos lentos,
O longevo potroso do *Saldanha*,
Que em regras económicas bem pode
Dar sota e az ao Grego *Xenophonte* (20).
Para prova do seo contentamento,
Se adorna do vestido domingueiro;
Sobre uma vestia branca, airoso traja
Casaca que foi negra, ha quinze lustros;
Os calções éram pardos, e os sapatos,
As meias, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziam.

A seo lado marchava o velho *Preto*,
Com a suja panella, em que costuma
Ajuntar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana co'a familia.

Tu tambem, grosso *Silva*, lustre e gloria
Da tua Pátria, antiga *Torres-vedras*,
Doutor em *Anno-histórico*, não foste
Dos ultimos, que a rica sala entráram.

Estes, e outros varões de igual calibre,
Dignos todos de fama e maravilha,
Honraram n'esta noite a grande festa:
Mas da Justiça o amor me não consente
Que eu deixe vossos nomes envolvidos
Entre a treva, que espalha somnolenta
A agua estoffa do sombrio *Lethes*:
Bolorento *Pão ralo*, e tu, que fallas
A lingua da *Mourama*, ó bom *Gonsalo*,
E que os melões e peras almotaças,
Com tanta rectidão ao Povo d'*Elvas*,
Quando empunhas sevéro a rubra vara (21).

Junta emfim a selecta Companhia,
O vistoso Salão em torno c'roam.
Então ao Coro, que esperando estava,
Deu sinal o *Deão*, e uma Sonata

De cravo, de machette, e castanholas,
Da Orchestra strepitosa foi preludio,
A que um Duo se segue, cousa rara!
E que igual nunca ouviu em seos theátros
Milão, Veneza, Nápoles, Florença.
O grande *Eugenio*, e o famoso *Félix*
Foram os dous *Virtuosos*, que o cantaram.

Si tu, ó estremada *Zamperini* (22),
Qu' em Lisboa os Casquilhos embaraças,
Seos suaves accentos escutáras,
Passages, e volatas; bem que as *Graças*
Lisonjeiras te cerquem, e derramem
Em teo peito e garganta, mil encantos,
Com que as tres filhas d'*Achelôo* vences;
Quantos novos encantos aprenderas!

Depois, o *Vidigal* ligeiro toma
Uma bandurra, que na Orchestra estava,
Per mão de insigne Mestre trabalhada:
N'ella se viam, sobre a branca fáia,
De marfim embutidas e páo santo,
As folías do filho de *Semele*;
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia,
Entre lédos tripúdios, se tornava.
Estava o gordo Deus ali sentado
N'um grande carro, que virentes parras,
Contra os raios do Sol todo toldavam;
Uma bojuda pipa, que esparzia

Um largo jorro de liquor vermelho,
De throno lhe servia; e o Moço imberbe
Co'o verde thyrso, de uma mão picava
Os dous accesos mosqueados Tigres,
E co'a outra chegava á secca boca,
De saboroso sumo um cheo vaso.
Apoz elle se via debuxado
O bébado *Sileno*, sobre um russo
E cansado jumento; de verde hera
C'roada a fronte tinha o *Semi-capro*;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêm, se representa,
Que, balançando, o semi-deus caía,
Co' os fumos, que a cabeça lhe toldavam.
De foliões *Silenos* uma tropa,
Quasi para o suster, o rodeava,
E sobre ella lançava o bom *Sileno*,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o carro, desgrenhadas
Mil *Bacchantes*, e *Satyros* lascivos,
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavam buzinas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O *Vidigal*, pegando no instrumento,
Se encommendou ao Deus, a quem amava,
E dando á escaravelha largo espaço,

Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os *Mementos*, nos enterros.
Com tam grande attenção não pendem prontos,
Do novo Batalhão da *Elvense* Terra
Os marçiáes soldados, na parada,
Da voz agallegada do *Malifa*;
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;
Como a festiva Companhia pende
Dos duros berros do Cantor famoso,
Que da Pátria em louvor, assim dizia:
« O' grande *Elvas*, Cidade em todo o tempo,
» Por teos famosos filhos, memoranda!
» Hoje até as estrellas meos accentos
» Teo nome levarão, e tua fama;
» Mas d'onde minha voz a teos louvores
» Dará principio? Tu, ó brincão *Baccho*,
» Como tens por costume, tu me inspira!
» Mil, em silencio deixarei, successos,
» Em mais remotos tempos celebrados,
» Que tua gloria illustram; pois não pode
» Um engenho mortal todas as cousas;
» E a louvar passarei de teo Senado
» A rara, e nunca-vista Economía,
» Com que no velho, já rachado sino,
» Por se acharem as rendas do Concelho,
» Em luminárias, lutos, e propínas,
» Todas (em seo proveito) consumidas,

» Quatro

» Quatro gatos mandou lançar de ferro ». (23)
Com tal arte feria o Cantor destro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as marteladas.
« Que direi, (proseguiu) da subtileza,
» Com que gravar mandaste, sobre a porta
» Que tem de *Esquina* o nome, em negra pedra,
» Por que ninguem a lê-la se atrevesse,
» A famosa inscripção, em negras letras?
» Mais intrincado, mais escuro enigma,
» Que o que nas portas da famosa *Thébas*,
» Por destino fatal, aos peregrinos
» Feroz propunha a monstruosa *Sphinge*. »

Aquí, para tomar maior alento,
Um pouco se calou; e em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas mais profundas,
Os turvos olhos, prega um grande escarro,
Com que assustou os Circunstantes todos;
E de novo começa: « Oh! si eu lograsse
» A grande dita de nascer em *Roma*,
» E alí, na tenra edade, me tivessem,
» Qual misero e novel frangão, castrado;
» Que então só, dignamente, em fino tiple,
» Qual *Achilles* nas Operas d'*Italia*,

» De teo grave Senado cantaría
» A acção maior, que víram as edades!
» Tu, ó Povo miudo, e Povo grosso,
» Que dos Touros ao barbaro combate,
» Presidido dos sérios Magistrados,
» Lá na Praça assistias galhofeiro,
» Tu testemunha foste! e no futuro
» Testemunha serás, que eu não matizo
» Com falsas cores o notavel feito:
» Fallo da profusão, com que lançaram,
» (Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
» Com que a Fama espalhava vagamente
» A noticia dos Régios Desposorios (24)
» Da princeza Real, Real infante)
» Depois de terem feito bem o papo,
» As reliquias da pródiga Merenda,
» Sobre as cabeças da apinhada gente.
» Então (cousa pasmosa!) os Ovos molles,
» Arroz doce, Cidrão, e Leite crespo
» Que o Povo, ás rebatinhas, apanhava,
» De toda a parte a flux chover se viam;
» Cobrindo n'um instante toda a Praça.
» Qual nas tardes de Maio, (quando *Jove*
» Com a rúbida mão dardeja irado,
» Per entre as negras condensadas nuvens,
» Com medonho fragor, torcidos raios)
» Cai a grossa saraiva, alága os Campos;
» Taes, de manjar branco as tostadas pellas. »

Aquí chegava, quando os Convidados,
Aquem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer agua na boca,
Da demora da Céa impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropel se levantam, e lançando
Pela terra cadeiras e instrumentos,
Correram para a mesa, onde scintilla
Nos dourados crystaes, nos finos pratos,
A radiante luz de cem *bougias.* (25)

O primeiro que occupa a Cabeceira
He o tolo *Aguilar*; sem comprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado sumo,
Que desterra a cruel melancholia
Da mesa festival, — reina a Saude! (26)

Mas de todos tu foste, gran' *Gonsalves*,
Quem as primicias colhe; todos brindam
A teo grande valor, á tua astucia;
Em quanto tu, no collo recostado
Da prezada Consorte, entre os seos mimos,
Do *Bispo*, e do *Deão* te estavas rindo.

A Alegria reinava em toda a mesa;
Mil chistes, mil apódos, mil pilhérias

Giravam sem cessar, sua Excellencia
De todos éra o alvo; todos n'elle
Malhavam satisfeitos e contentes;
Posto que éra malhar em ferro frio.
Uns, a brilhante escolha lhe louvavam
Dos Synodaes Theólogos, — do *Arronches*,
Eximio Prégador, (que leu inteiro
O Livro dos *Conceitos predicaveis*,
O *Zodiaco sob'rano*, e outros muitos,
Que na Schola *Capucha* estám em preço)
— Do Guardião dos *Capuchos*, — do *Roquéte*,
Thomista petulante e confiado.
Outros, a prepotencia celebravam,
Com que, *de motu proprio*, um pobre leigo
Despejar, promptamente, fez das casas,
Para n'ellas viver o seo barbeiro.
Este, a grande philaucia encarecia
Com que a *Portuense* mitra na cabeça,
E seo bago reger já se suppunha,
Officios repartindo e Dignidades.
Aquelle, murmurava da arrogancia,
Com que Ministro eleito á grande *Roma*
A julgar-se chegou; e rodeado
De Pages petulantes, e Lacaios,
Do *Tibre* assoberbar as verdes margens,
Em malhados frizões, imaginava.
E todos, sem respeito, blasphemavam
Da fatal ignorancia, ou liberdade,

Com que, a pezar dos Cánones sagrados,
Beneficios-Curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca xita,
(Com que, á grande janella, empanturrado,
Da inutil ociosa Bibliotheca,
Nas noites de Verão, a calma passa)
A's suas tezouradas escapaste.

Entre tantos motejos, só, callado,
Chupando os dedos e roendo os ossos,
Comía, e mais comía o *Dom Alarve*;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo chéo de espanto, recontava
Do *Anno historico*, o grosso e torto *Silva*.

Quando subitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo!)
O velho *Gallo*, que n'um prato estava,
Entre frangãos e pombos, lardeado,
Em pé se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras,
Em voz articulou triste, mas clara:
— « Em vão, cruel *Deão*, em vão celebras
» Com nosso sangue o próspero successo
» Que a futura victória te promette;
» Que por fim cederás a teo contrario. »

Disse : e caindo sobre o grande prato,
Sem mexer-se , ficou. N'este momento
Um gelado suor dos Circunstantes
Banha as pállidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe erriçam; largo espaço
Immoveis ficam , sem dizer palavra.
Mas o perdido spirito cobrando ,
Se levantam tremendo , e pela terra
A recheada mesa baquearam :
Trez vezes se benzeram co' a mão toda ;
Trez vezes, mas em vão , esconjuraram
O fatal *Gallo* que jazía morto;
E , mil, a infausta Céa dando ao Démo,
Se foram, sacudindo os calcanhares.

O HYSSOPE.

CANTO VIII.

Na superior instancia introduzida
A grande *Apellação*, ardía a guerra.
Dous Rábulas famosos trabalhavam
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jaziam
Sepultados em pó, meio-comidos
Da cruel e voraz, maligna traça,
Tornaram outravez a ver o dia!

A *Excellencia*, a *Discórdia*, a *Senhoria*,
Cada uma, de per si, os excitava;
E sobre tudo, a fome devorante
Do luzente metal que o Mundo encanta.
De papel muita resma, em lettra griffa,
Onde, a montões, os Textos, os Doutores,
Sem ordem e sem tempo, se allegavam,
Cada qual, de si pago, tinha escrito.

Quando o *Génio* feroz das *Bagatellas*
Uma fiel balança nas mãos toma,
E n'um dos aureos discos, põe attento

As razões do *Deão*, n'outro as do *Bispo*;
E vendo que estas tinham maior peso,
Tal vez por terem mais papel e tinta,
Per um geral Edicto á Corte chama
Os vaidosos Magnatas, e em senzala,
Com fera continencia, assim lhes disse:
« Nunca a pensar cheguei, que em meos vassallos
» Que do Orbe a estimação, e o ser me devem,
» Tam louco algum houvesse, e tam ingrato,
» Que combater ousasse meos projectos!
» Mas o Tempo que a todos desengana,
» Me mostrou quanto errava, e quam perdidos
» São, com ingratos, grandes beneficios!
» Este enorme attentado merecia
» Um castigo exemplar; mas a *Clemencia*,
» Companheira fiel do meo Imperio,
» A espada me suspende, na esperança
» Da prompta emenda. »

Aqui fitando os olhos
Na pállida, e confusa *Senhoria*,
D'esta sorte prosegue em seo discurso:
« He pois minha vontade, ordeno, e mando,
» Sob pena de incorrer no desagrado
» De meo Real Favor, de abrir os olhos
» Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe
» Que nada têm de real vossas Pessoas,
» Que todos são phantásticas Chimeras:
» Que nenhum de vos-outros se intrometta

» No famoso litigio, que hoje corre
» Entre o *Bispo*, e *Deão* da Igreja d'*Elvas*. »
Severo, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vãa *Senhoria*, que conhece
A quem as ameaças se encaminham,
Vendo, per este modo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado;
A carpir, se retira n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.

Entre tanto o *Deão* confuso, afflicto
Passava as horas, na memoria tendo
Do lardeado *Gallo* o infausto annuncio.
Pouco e pouco, a cruel *Melancholia*
O devora, e consome; não graceja,
Como d'antes usava, co' a familia:
Mas, em seos pensamentos abysmado,
Comía pouco, pouco repousava,
Não joga, nem Café, nem Chá bebía.
No pico d'um rochedo solitário,
Entre as trevas da noite carregada,
Tam lùgubre gemer, de quando em quando,
O feo e rouco Mocho não se escuta,
Como o pobre gemia, retirado
No escuro canto d'uma nua sala.

Então a zelosa Ama, a quem penetra

Do afflicto Patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou, per esta forma:
« Que tem, Senhor *Deão?* que magoa he essa,
» Que tam mudado o traz do que antes era?
» Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
» Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
» Era cara de *Páschoas*, tam alégre,
» Tam gorda, e reverenda, tam affavel,
» (Até para os seos Servos) tam mudada
» Está do que já foi, que hoje parece
» Uma cara de angustias! Não socega;
» Mas em triste silencio sepultado,
» Nem toma o seo Café, nem joga o *Whist!*
» Supponho que lhe déram mal de olhado!
» Ah! si esse for seo mal, prompto remédio
» Em mim encontrará; pois do quebranto
» Sei benzer, e curar per mil maneiras:
» Porém, si a causa he outra, não m'a occulte;
» Que talvez lh'eu descubra algum alivio:
» Pois, mil vezes, na planta desprezada,
» Está de grave infirmidade a cura. »

— « Ama (diz o *Deão*) para que he tonta?
» Per ventura não sabe o gran'litigio,
» Que trago com o *Bispo*; em que meo brio,
» O meo ser, minha gloria se interessam?
» Não se lembra tambem do infausto agouro
» Do lardeado *Gallo?* Que mais causa,

» Em mim pretende pois, de viver triste?
» Oh! si os Astros crueis têm ordenado
» Que eu a demanda pérca, de repente
» Me verá estalar sem frio, ou febre,
» Entre as bárbaras mãos d'este desgosto. »

— « Senhor *Deão* (replica então a Ama)
» Si da sua tristeza he essa a causa,
» Tem por certo razão para affligir-se;
» Supposto, que não he o mal tam grande,
» Que não possa remedio ter ainda.

» Na minha mocidade, instituida
» Fui nas artes da Madre *Celestina*,
» Pela velha *Canidia*; muito trato
» Tive então com o sábio *Abracadabro*, (27)
» Famoso Encantador, que ainda vive,
» Não longe d'este sitio, n'uma gruta.
» Este estupendo Mágico conhece
» Das pedras, e das plantas as mais raras,
» As occultas virtudes; sabe a lingua
» Das Aves, e Animaes; com seos conjuros
» Muda as louras cearas; sobre a terra,
» Mil vezes, faz descer trovões e raios;
» Arranca do alto Ceo a branca Lua;
» Em negro Urso, mil vezes, se converte,
» Mil em Lobo-Cerval, e mil em Touro:
» Este pois mudar pode do Destino

» As Leis, e a Natureza; e mentiroso
» Tornar (si lhe parece) o triste agouro
» Do diabólico *Gallo*. A consulta-lo,
» Si for do seo agrado, iremos ambos. »

Disse : e o *Deão* suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umas vezes se anima, outras recea,
Do Mágico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está carvalho annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente d'um só fio, com a queda
Cem partes ameaça, e a verde copa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.

Finalmente, o desejo da victoria
Vence o frio temor. Tanto em seo peito
Pode a *Raiva*, pode a cruel *Vingança!*
Dando un grande gemido, estas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca :
— « Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;
» E veremos si tem meo mal remedio. »

Era alta noite, e a terra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca Lua;
Quando o *Deão*, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se despem promptamente, e untando o corpo

Com sangue de Morcego e de Toupeira,
Sobre sórdidas pennas se espojáram.
Então o corpo todo agita, e move
Com medonhos esgares, e rosnando
Em baxo som, per entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa Velha,
Ao farfante *Deão* diz açodada :
— « Voemos. » — E n'um ponto (cousa rara!
E que igual nunca fez *Juan de las vinhas*)
Pelos ares voáram livremente,
Procurando do Archímago a morada.

De *Alcáçova* o Prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então á casa,
Do *Nunes* Bacchanal em companhia,
D'um puxativo escalda se tornava, (28)
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante *Durindana*,
E o capote traçando, velozmente,
Põe-se no recto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz; mas tropeçando, acaso
N'um podengo que, á força de pedradas,
Os travessos rapazes tinham morto,
De costas se estendeu na dura terra,
Coberto de vergonha, sterco, e lama.
Então mais furioso se levanta,
E co'um golpe mortal a partir torna.
O Pejo, e o Furor lhe dobra as forças,

Berra , salta , esconjura , põe preceitos ,
Sem descansar , talhando os subtis ventos ;
Mas tudo em vão ; que leves e seguros ,
Nadando pelos ares , se sumiram
Os novos *Anthropógriphos* nas nuvens.

Tu sò , n'esta aventura , infeliz *Nunes,*
Provaste a furia do pesado braço ;
Pois , ao vibrar um talho o *Dom Quixote* ,
Co'o rabo te chegou da rija espada ,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos ,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario ,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte ,
Assiste *Abracadabro ,* a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabála ,
E todas as leis são da *Onomania.* (29)
Mil Globos , mil Compassos , mil Quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue :
Ali *Betyles* ha , ha *Chelonites ,*
Corações de Toupeiras , ha entranhas
De vãos Cameleões , ha pedras *d'Ara ,*
E mágicos espelhos ; ha cabeças
De mortos animaes , *Lameiras* Virgens ,
Hypómanes , Mandrágoras , e outras hervas ,
A' luz colhidas da nascente Lua
Nas campinas do *Ponto ,* e da *Thessalia.*

Aquí *Ama*, e *Deão* descem, a tempo
Que, á mal-accesa luz d'uma lanterna,
Um *Talisman* o Mágico compunha.

— Ao feo aspecto do fatal hospício,
As carnes ao *Deão* se arripiáram.
Começa a vacillar; mas a malvada,
Velha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entram pois onde o Sabio trabalhava,
E prostrada per terra, a vil Carcassa,
D'esta forma, o silencio interrumpia:
« Famoso *Abracadabro*, á cuja illustre,
» Alta sciencia os *Fados* concederam
» Dominar Elementos, e Planetas,
» Este, que vês (eu creio, o não ignoras)
» He o nóbre *Deão* da Igreja d'*Elvas*.
» Pelo arrogante *Bispo* perseguido,
» Do teo grande poder se chega ás abas:
» Com o gordo Prelado, e seo Cabido
» Uma demanda traz; para vence-la,
» Tuas artes procura. Ah! si algum dia,
» Com teo alto favor, benigno honraste
» Esta Serva fiel; per elle mesmo,
» A teos pés humilhada, hoje te peço,
» Que o queiras amparar; Elle o merece
» Por triste e desvalido; e pelo grande
» E profundo respeito, que tributa
» A teo alto Saber, ás tuas barbas. »

— Aquí o Velho Mágico lhe torna :
« Nada do que tu dizes me he occulto ;
» E por elle, e por ti provar intento
» Quanto minha arte pode. »
Isto dizendo,
Todos tres se saíram da caverna,
E á mal-distincta luz da frouxa Lua,
Sobre a rasa campína, *Abracadabro,*
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça :
A estas linhas junta tres fileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas ;
E entre si alguns círculos unindo,
D'elles varias figuras prompto forma :
Umas se chamam *Mães,* as outras *Filhas,*
Testemunhas, e *Arbitros :* isto feito,
Diversas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, ao redor, certas palavras,
Começou a tremer toda a montanha :
Cem espantosas féras, cem serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então na fronte do *Deão* pellado,
Os cabellos, que ainda lhe restávam,
Em espetos se tornam ; pelas véas
Subitamente o sangue se lhe gela.
Mas quando viu sair da rude furna,
Horrendamente uivando, um Cão medonho,

De negro, spesso, retorcido pello,
Que lança pelos olhos triste fogo,
E chegar-se do Mágico ás orelhas,
De todo perde a cor, o alento perde :
Tres vezes quiz fugir, e tres o medo
Os passos lhe embargou; immóvel fica,
E semi-vivo respirar não pode.
Passado finalmente um breve espaço,
Com horrendo fragor, se abre a Terra,
E crepitantes chammas vomitando,
Em seo ardente seio o monstro esconde.

—Então, deixando o Bruxo o féro encanto,
Para o *Deáo* se volta, e n'estes termos,
Com féa catadura lhe responde :
« Em fim não ha remédio : nada podem
» Co'ò Fado inexoravel meos conjuros :
» Nos duros diamantes tem escrito
» Que a lide perderás. »
A estas vozes
Todo o valor cedeu do heroico *Lara* :
Começou a tremer, e sobre a terra,
Sem alentos caiu, e sem sentidos.
Sobre elle se debruça a torpe Velha,
Chorando amargamente. *Abracadabro*
A' gruta corre, d'onde, compassivo,
Trazendo um negro frasco, todo cheo
D'um spirito vital, lh'o arruma ás ventas.

Então um gran'suspiro derramando,
O *Deão* abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdera.

— Por largo espaço, o deixa o Nigromante
Repousar em descanso, até que ao vê-lo,
De todo, do desmáio recobrado,
Com mofa e compaixão, assim lhe falla:
« Não cuidei, que tam pouco esforço tinhas,
» Perguiçoso *Deão*, imbelle e fraco;
» Que uma sentença, contra ti vibrada,
» Te fizesse perder de todo o alento:
» Mas és Cónigo em fim, e tanto basta!
» Ignoras tu acaso, que as desgraças
» Pedras de toque são, onde os quilates
» Das grandes almas sempre resplandecem?
» De mais, que os duros *Fados* tam injustos
» Não são para comtigo, que vingança
» A teos grandes aggravos não permittam. »

— Ao echo da vingança, o antigo esforço
Cobra o pállido *Lara*; e alvoroçado
Esta pergunta faz ao velho bruxo:
« E que vingança he essa, *Abracadabro*,
» Que o *Fado* me promette? »
— Então o sabio,
Com severo semblante, lhe responde:
« Virá a succeder-te no *Deado*

» Um novo Heróe da tua mesma raça.
» Este, sendo tambem indignamente
» Pelo orgulhoso *Bispo* injuriado,
» Por que á porta recusa do Cabido
» Ir, como tu, a off'recer o *Hyssope;*
» Para em salvo se pôr de seos insultos,
» Deixando, sabiamente aconselhado,
» De venáes Magistrados o recurso,
» Refugio buscará nas santas Aras
» Onde Thémis preside, e firme asylo
» Acham contra a violencia os opprimidos.
» Os Ministros da Deusa que zelosos
» De seo altar e culto, attentos seguem
» As pizadas do Principe famoso
» (Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando
» O que he do Sacerdocio, o que he do Sceptro,
» Tem de ambos os poderes felizmente
» As sagradas balizas assignado)
» E defendem, com prompta vigilancia,
» Da Real Jurisdição os justos termos;
» Ao *Bispo* mandarão per seo Decreto,
» Que a razão d'este excesso logo assigne.
» A' fatal vista do imprevisto golpe,
» Ficando consternado o bom Prelado,
» Com fraqueza a mais vil, dolosamente,
» (Acção bem digna só d'um home' indigno!)
» Do Livro mandará riscar as mulctas;
» Negará tê-las feito, e negaria,

» Si necessario fosse, o mesmo *Christo.*
» Então desistirá, cheo de medo,
» Da pertendida posse, e seos direitos:
» E a pelle convertendo, na apparencia,
» De féro Lobo se fará Cordeiro. — »

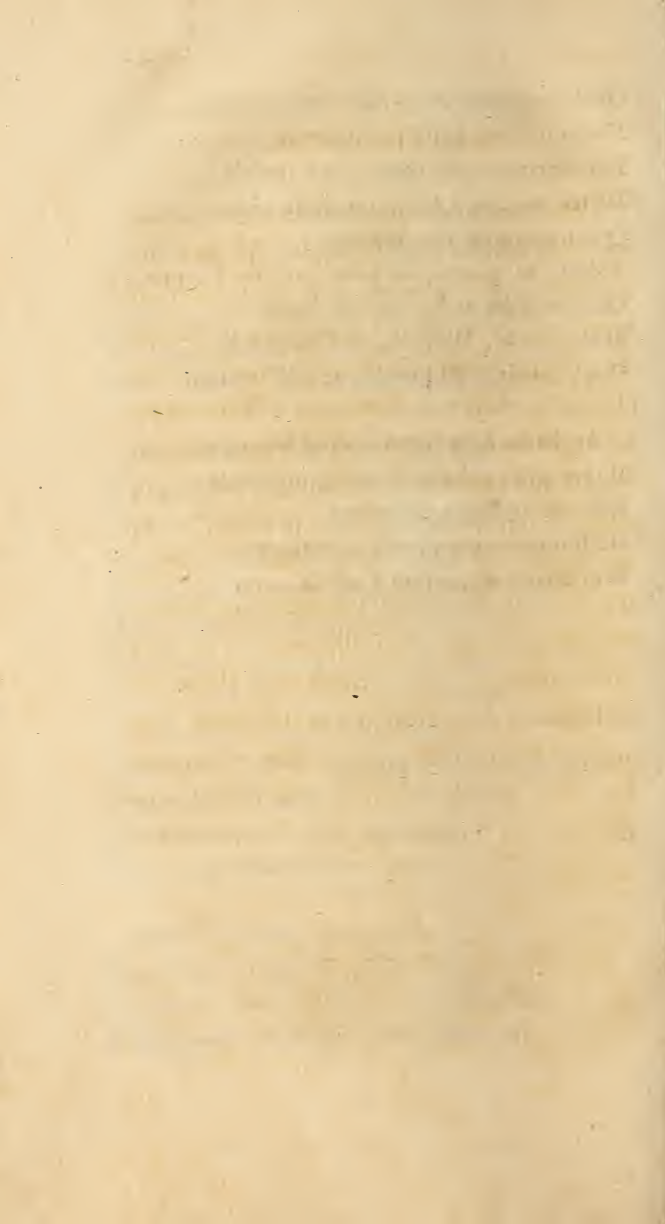
Disse: e o *Deão*, de ouvi-lo satisfeito,
Mil graças dava aos *Fados*, dava ao Sabio,
Mil á Velha, que a vê-lo o conduzíra.

Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titão o frio leito,
Sobre o Carro, de aljofres guarnecido,
Com um molho de rosas excitava
Ao veloz curso as remendadas Pias, (30)
Que os freos mastigando de diamante,
Per ólhos, e per ventas scintillavam
Trémulos raios, que de luz cobriam
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a *Velha*, e o *Deão*, ambos deixando
O grande *Abracadabro*, e sua gruta,
A descansar da longa ameijoada,
Para casa velozes se partíram.

Era já alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques, *Elvas* toda;
Quando o *Deão* accorda ao grande ruido,
E chamando os criados, lhes pergunta,

Qual do grande *Zão-Zão* era o motivo.
Então o Cusinheiro, debulhado
Em lágrimas, lhe conta que a noticia
De ter vencido o *Bispo* o grande pleito
Que trazia com sua *Senhoria*,
Tinha, ha pouco, chegado per um Proprio:
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande, Matráca, ou Campaínha
Que, em sinal de prazer, se não tocasse.

Acabou o bom servo a triste harenga,
De seo peito exhalando um gran'soluço:
Mas sua Senhoria consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nova.

FIM.

ADVERTENCIA.

Proximos a dar ao Publico esta nossa segunda edição do *Hyssope*, foi-nos insinuado, per pessoas que nos honram com seos conselhos e amisade, o desejo de que houvessemos de reimprimir, sem alteração maior, a Prefação e Notas que acompanharam a precedente publicação. Posto que essa não fosse a nossa vontade; antes sim a de refundir no prologo, que vai agora em testa da presente edição, quanto no da outra julgassemos meramente adequado á intelligencia, e ao devido abono d'este excellente Poema; cedemos a esse desejo, e julgamos ser aquí o lugar em que melhor possa caber essa pedida inserção: as notas que fizemos ao Poema seguem immediatamente.

PREFACIO

DA EDIÇÃO DE 1817.

AO BENEVOLO LEITOR.

Achando-se exhausta a primeira Edição que do *Hyssope* se fez no anno de 1802, em *Pariz*, sob a indicação de *Londres*, intentâmos reimprimir este Poema, o melhor sem duvida que, no genero *Heroi-comico*, haja produzido a Musa Portugueza.

Cumpriría dar aquí uma noticia biográphica de seo Autor, o Desembargador *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, e memorar suas outras producções literarias; mas tam difficil nos he descreve-las, exacta e adequadamente, pois as não temos presentes; quam impossivel satisfazer o desejo dos Leitores e o nosso, com a conta fielmente digna de sua vida publica e domestica. Sabe-

mos unicamente que em literatura antiga e moderna, e na lição dos bons Classicos portuguezes e estrangeiros era summamente versado; que na cultura das Boas Artes empregava os instantes, que vagos lhe deixavam os encargos com que o Soberano o havia honrado; e que, com justiça, desinteresse, humanidade, e assinalado proveito do Estado, consagrou constantemente ao serviço da Patria o seo prestimo e recta vontade. A seos amigos, que saudosos ainda choram a sua falta, toca o grato dever de nos instruirem acerca das obras literarias e das virtudes moraes, que tanto lustre e bom conceito grangeáram a seo amigo. A quem melhor incumbe essa obrigação, e para maior gloria da *Themis* e da *Musa portuguezas*, que ao Senhor *Antonio Ribeiro dos Santos* que, entre os poucos, hora existentes, coévos do nosso Poeta, tanto o conversou, com reciproco prazer e satisfacção? Certos da boa vontade de um sabio tam benemerito das letras

e da patria; e persuadidos, por tanto, de que, per carencia de condigno historiador e Vate, não pesará sobre o nome do nosso Poeta e Magistrado o denso véo do esquecimento, e que a sua memoria surgirá resplandecente da, ja mui longa, noite do indifférente desmazelo, passamos a dar ao Publico a devida conta d'esta nova Edição.

Munidos de alguns manuscriptos, e da ja lembrada edição primeira; entre estes poucos elementos achâmos differenças notaveis em sentido; transposições de versos amiudadas; incertas divisões de paragraphos, e orthographia constante em nenhum. Forçoso nos foi recorrer a algumas pessoas de assisada critica, e pedir o auxilio de manuscriptos que gozam da fama de mais correctos, por haverem sido dados pelo Autor: mas poucos foram os homens literatos, que guiar-nos quizéram pelos seos conselhos e com as suas luzes; e d'esses Manuscriptos que haviamos pedido, apenas nos chegou

um ultimamente, ja depois de completa a impressão do Poema, e das notas que lhe temos addido. No fim d'este Prefacio juntaremos as poucas variantes que n'elle achamos e que julgamos dignas de serem aproveitadas, como mais correctas lições: Oxalá o houvéramos nós recebido antes d'esta reimpressão.

Era pouco provavel alcançar-se um Manuscripto autographo do Autor, pois sabemos, que algumas pessoas que brindadas foram per elle com esta Obra, não possuem mais que transumptos nitidos, que mandava fazer per amanuenses, mais ou menos intelligentes. Sabemos tambem que este Poema, a principio, constava de menos cantos, que *Antonio Diniz* o augmentou e corrigiu progressivamente; e que, poucos annos antes de sua morte, ainda o políra e retocára.

Em tanta incerteza, recorrendo ao meio enfadonho de conferencia dos manuscriptos que nos confiaram alguns

amigos e pessoas de respeito, achâmos que a Edição de 1802 era, com pequena differenca, a pesar de sua grande incorrecção, a mais completa, ao menos em numero de versos; e com o fim de não macular e estragar os manuscriptos que nos haviam sido communicados, lançâmos mão d'essa Edição, e a entregâmos ao prélo. Reforçou-se esta resolução, com a consideração da maior facilidade de trabalho na reimpressão de uma Obra em idioma desconhecido dos officiaes typographos que empregâmos.

Para que o Leitor possa ajuizar do merecimento d'esta nova Edição, comparativamente com a primeira, e das lições varias, que colhemos e aproveitamos de alguns dos manuscriptos; seguímos, quasi ate o fim d'ella, a mesma *paginação* da outra. Assim poderá qualquer encontrar as variantes, que achâmos e lhe damos por melhores; e julgar si, com gosto e acerto, procedêmos na escolha a que nos abalançâmos.

Entregando ao prélo, como materia prima, a referida edição de 1802; a pesar de nossa diligencia e esméro, alguns descuidos se acharão n'esta. O maior, sem duvida, he a multiplicidade dos accentos, muitos d'elles excusados, outros contradictorios, e alguns avessos á prosodia de nossa lingua. Em seo methodo de escrever (como o provam os manuscriptos antigos, e os livros impressos em Portugal ate meado do seculo decimo septimo) os nossos Maiores empregavam sim abreviaturas, mas não accentos: quando muito, e em tempos mais chegados ao nosso, alguns accentos agudos encontramos em livros, substituindo evidentemente as vogaes dobradas com que d'antes se notava a prolação maior das syllabas, indicada pela prosodia e etymologia das palavras. Podemos por conseguinte dizer que na lingua portugueza os accentos foram, e ainda são meros signos de abreviaturas.

Com o fim de abonar ésta nossa ob-

servação, e de proscrever a demasiada notação de accentos, poderíamos ajudar-nos da autoridade de *Dumarsais* que somente os considera como indicativos do *modo de pronunciar linguas que já estám fora do uso vulgar* : poderíamos ainda mais, valendo-nos de analogías sophisticas entre as linguas vivas e mortas, appellar para o juizo de muitos e illustres sabios, quaes *H. Ch. Henninius* (1), *Brunck* que ate na lingua Grega, *não dava um seitil por toda a doutrina dos accentos* (2), e outros mais. Com tudo, longe estamos de querer seguir similhantes doutrinas : reprovando o abuso, louvamos e adoptaremos sempre o uso moderado que indica a boa razão, e si n'es-

(1) H. Christiani Henninii Ἑλληνισμὸς ὀρθωιδος, seu linguam Græcam non esse pronunciandam secundum accentus : *pag.* 107 *et alibi passim.*

(2) Universam de accentibus doctrinam non assis facio. Brunck. *Analecta Græca ; Lectiones et emendationes in vol.* 1, *pag.* 13.

ta edição muitos accentos ainda se observam excusados, de certo podemos dizer que, escapando á nossa correcção, não chegam a ser a decima parte dos que contem a primeira.

Mais quizeramos dizer acerca dos caracteres com que se notam a prosodia e o rhythmo de nossa lingua, porém não devemos anticipar um nosso Compatriota que se tem occupado d'estes assumptos, que em breve dará á luz o bem sasonado fruto de seos trabalhos, e a quem sobre tudo devemos sincera amisade, e a communicação leal e instructiva de suas disveladas indagações.

Quanto á Orthographía; visto que não sabemos qual foi o systema que o Autor adoptára; que não possuimos autographo algum d'elle; que nas obras mesmas com que premiava os seos amigos, servindo-se de diversos amanuenses, cada-um d'estes seguia diverso méthodo; e finalmente que não temos ainda regras certas de *orthogaphar* exacta e arazoadamente; accingîmo-nos á da pri-

meira Edição. Por esta causa vê-se n'esta, que o verbo *ser* conserva, na maior parte de seos tempos, a mesma inicial que em tempos identicos tem no *latim*, sem a addição do H, que em Portuguez he antes sinal euphonico ou modificativo, do que letra consoante (1).

Pela mesma razão de analogía etymologica, eliminâmos tambem o H inicial de *um, uns*; e imitando os francezes, conservamos, nas palavras derivadas do Grego, a orthographía de sua origem.

Acerca da conjuncção *condicional* latina SI, que hoje vertemos em SE; observará o Leitor, que em muitos lugares d'este poema, ella se acha impressa SI. Seguimos este modo de a escrever, não so por ser mais etymologico, e adoptado em outras linguas que, como a nossa, derivam da latina; mas tambem por que, em manuscriptos e livros antigos portuguezes, temos encontrado

---

(1) V. o Prefacio d'esta nova Edição.

esta *condicional*, escripta SI, e não SE. Ainda mais, como esta conjuncção SI sempre precede e começa todo o inciso que a pede, he indubitavel que nunca se pode equivocar com o pronome SI, que sempre tem de ser precedido e accompanhado de alguma preposição; a *si*, de *si*, por *si*, per *si*, apoz *si*, etc.

Observará outro-sim o Leitor que o pronome Si, quando regido per verbo, muda-se em SE, e que n'este caso muitas vezes precede o verbo; e, essencialmente, si o inciso he condicional: ora, encontrando-se com a conjuncção SI, si esta se escrevêr e pronunciar SE, e si o verbo que se segue, começa pelas syllabas SE, ou CE; o triplice successivo som de SE será, sem duvida, sobejamente desagradavel: por exemplo, *se se separa*, *se se segura*, *se se segue*, *se se celebra*, *se se semea*, *se se ceifa*, *se se cega*, *se se cêa*, etc.

Observe finalmente o Leitor, que, si a euphonía das linguas modernas pede,

muitas vezes, alguma alteração na prolação de palavras que nas linguas de que são derivadas se pronunciam bem diversamente; em a nossa, como a mais chegada de todas á latina, a mesma euphonía pede tambem em alguns casos, e mormente n'este, que não desvairemos da etymología e da orthographía, e que evitemos tam ingratas cacophonías, como a que fica apontada. As linguas Hespanhol e Franceza, hoje mais distantes que a nossa da fonte latina de que ellas manam, conservaram a orthographía e a pronuncia da condicional SI; os nossos Maiores assim a pronunciaram e escreveram: escrevámo-la pois, e pronunciêmo-la, como Elles. Déclaramos que sempre escreveremos d'esta maneira, e que nos pésa de algumas, e não poucas, *condicionaes* que ainda se acham n'esta Edição, impressas em SE, por haverem escapado á nossa correcção.

Daremos outra satisfacção *orthographica* acerca da desinencia em U da terceira pessoa do singular de alguns

pretéritos, no modo indicativo dos verbos. Os nossos Maiores sempre a terminaram em U, e nunca em O. Hoje algumas pessoas escrevem *léo*, *ouvío*, *ferío*, etc., e carregam a penultima com accentos, ora agudos, ora circônflexos. Os Antigos sempre escreveram *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc., sem accento algum, pois não o precisam estas palavras, cujas desinencias, compostas de duas vogaes, formam duas syllabas.

Diremos mais que, per descuido, tornaram a apparecer n'esta edição alguns Y, de que nossa vontade fôra purga-la, por desnecessarios. A nossa lingua não conhece, como propria, similhante letra, nem precisa d'ella: admitte-a unicamente em algumas palavras derivadas do Grego, com o fim de conservar mais claros indicios de suas etymologías; e dá-lhe, como os latinos, o simples som do I. Portanto em as palavras *mayor*, *lyrios* e outras, que assim se lêem n'esta edição, declaramos que o Y he erro; pois ellas vêm do latim *maior*, *lilium*,

etc., que o não tem. Quanto a *payz* que vem do francez *pays*; onde o Y sôa como i i, dizemos que em portuguez o Y he inutil, e que se deve escrever *paiz*; pois a letra Z, terminando qualquer palavra, tem a propriedade de fazer longa, sem precisão de accento, a vogal que a precede: por ex: *Marquez*, titulo de nobreza, tem pronuncia e significação bem diversas de *Marques*, appellido de homem e nome patronymico que quer dizer, filho de *Marcos*.

O erudito *Moraes*, no seo excellente Diccionario, mostra-se tam apaxonado do Y, que ate chega a faze-lo letra consoante, e a inseri-lo, contra o genio da lingua, e contra a etymología, apoz a vogal *e*, quando seguida das vogaes, *a*, ou *o*. Por motivo de brevidade, somente apontamos, entre muitas, a palavra *teor*, que elle quer, haja de se escrever *teyor*. Indicando esta, como melhor orthographía, parece que não teve outro alvo, que o de amolgar, com os idiotismos *requebrados* de sua patria, a indo-

le varonil e sonora da antiga lingua portugueza d'*aquem mar*. He nos penoso apontar este defeito em obra tam boa, e de pessoa de tanto merecimento; *sed magis amica veritas.*

Latismêmo-nos da infeliz sorte da nossa lingua que, mal falada, mal escrita, e mal pronunciada,

anda envasada
Em mil termos, e phrases Gallicanas:
Como si a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios! (1)

Lastimêmo-nos, ainda mais, da indolencia com que uma Regia Academia, encarregada de manter a pureza da lingua, e de nos dar fixas regras de sua orthographía, postergando tam honrosa obrigação, consente que de seo seio, e da sua officina, saiam algumas obras em que, e com que,

Os novos idiotismos. . . .
A mesclada dicção, bastardos termos,
Entre nós, sem limite, vam lavrando. (2)

---

(1) Hyssope, p. 54. (2) Ibid.

D'estes males, e da ignorancia da lingua nascem outros ainda maiores, quaes sentidos falsos, e ate contradictorios, que se dam a muitas palavras. Convem prova-lo com exemplos:

1°. *Resquicio*, que hoje passa por synonymo de *resto*, *sobejo*, etc., sempre significou a separação que, entre o marco e a hombreira da porta, figura esta, quando aberta. Esta palavra, composta de *rez* e de *quicio*, tem etymologia franceza: *rez*, preposição franceza e tambem nossa, que significa *junto a*, *perto de*: *rez de chaussée*, etc. em portug. *rez da calçada*, *rez* de terra, do chão, etc.: e *quicio*, do francez *huis*, significa *gonzo* et tambem *ferrolho*; em latim *Cardo*, e *vectis*. Como o *h* he fortemente aspirado n'esta palavra franceza, os nossos Maiores o supríram pelo - *q*. Ora como pode resquicio entender-se por *sobejo*, *resto*, etc.? logo he falsa esta accepção.

2.° *Defecar* e *defecado* vem do latim *Defœcare*, *defœcatus*, e he palavra com-

posta da preposição, *de*, e do nome *Faex*, *faeces*; *Fezes*, *borras*: significa em latim, *limpar*, e ainda dizemos *defecar* o vinho, por limpa-lo de fezes, borras. Hoje toma-se, em sentido figurado, por enfezado, et diz-se, mui impropria e contradictoriamente, de uma pessoa doente e carregada de molestias, que está muito *defecada*, em vez de *enfezada*.

3.° A palavra, *caracter*, que, em sentido figurado, indica a propriedade da cousa, ou a qualidade moral da pessoa; e que, quando n'este caso não he accompanhada de epitheto, sempre designa um individuo, qual o pinta o nosso *Sá de Miranda*:

Homem de um só parecer,
Um só rostro, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer, etc.

hoje dá-se a todo o que, atrazado á moda em seo trajo, com bolsa no cabello, ou na cabeleira, espadim á cinta, conserva usos de tempos, ha muito já, preteritos; que, com affectação bem cal-

culada, sabe pelo seo silencio encobrir a sua ignorancia; e que obrigado a falar, tantas parvoíces diz, quantos são os monosyllabos que se lhe podem arrancar. Um figurão d'este lote, sendo admittido em casas de Ministros d'Estado, e de Grandes, posto que a sua indole e costumes, mal acobertados pela mais grosseira e ridicula simulação, sejam tam equivocos como a sua probidade, alcança, com tanto que rico seja, o nome de *homem de caracter*; quando só lhe compete o de *Homem de carranca.*

Muito podéramos dizer acerca dos vicios que tem manchado, e continuam o manchar a belleza de nossa lingua em sua pronuncia, orthographía e dicção: mas occorrem-nos a lembrança e o recéo de podermos cair na censura de haver escrito um tratado sobre esses assumptos, em vez de um prologo a este Poema. Limitemo-nos pois a supplicar á Academia Real das Sciencias de Lisboa, queira obstar a tam graves desordens, cujas in-

calculaveis consequencias são, pelo seo desenfreado progresso, ainda menos damnosas á literatura, que ao trato da vida civil, á Legislação, e ate á mesma Religião. Sendo, ha muito já, devedores a essa sabia Corporação de um grande volume do seo Diccionario da lingua Portugueza, o qual findou em a palavra *Azurrar-*; devemos desejar que não fique n'isso, e esperar que brevemente nos dará, da mésma lingua, uma boa grammatica philosophica, uma prosodia orthographica, um diccionario etymologico, e um bom tratado das palavras homonymas, e synonymas, etc. etc. Com mais facilidade poderá emprehender estes trabalhos, agora que M. Raynouard (1), membro do Instituto Real de França,

---

(1) Elémens de la Grammaire de la Langue Romane avant l'an 1000.

Recherches sur l'ancienneté de la langue Romane.

Grammaire Romane, ou Grammaire de la langue des Troubadours.

Paris, 1816. Firmin Didot.

acaba de publicar os seos sobre a Lingua Romãa, cujos incontrastaveis vestigios são na portugueza, mais que em outra alguma das meridionaes da Europa, constantes e bem assinalados.

O Leitor nos perdoará estas digressões, mas pareceu-nos conveniente fazelas, em abono de um Poema que, pela pureza de sua linguagem, poderá encontrar-se com o desvairado gosto de algumas pessoas avezadas, por menos intelligentes, á insipida e estragada locução do ignorante vulgo.

Sim, Leitor benevolo, este poema goza e sempre gozará das honras de classico. Não tem phrase, nem expressão, que não seja de natural cunho portuguez. Si o Autor adoptou alguns termos estrangeiros; verb. gr. *Cremes, corbelhas, bougías, compotas*, etc. o mesmo fizéram os nossos Maiores de melhor nota. Cousas que em tempos antigos não eram conhecidas, nome não podiam então ter de certo: uma vez admittidas, nome devem ter, e a nossa lingua lh'o deve imprimir,

derivado do que tem no paiz donde as recebemos, e o mais consoante possivel ao genio de nosso idioma. Assim o prescreve Horacio, que bom Juiz he em gosto, lingua, e poesia (1). Em as notas dissemos quanto podiamos dizer acerca d'estas licenças de que devemos antes louvar, que censurar o nosso Poeta.

Grato nos fôra, sinceramente o dizemos, o podermos desculpa-lo, com a mesma facilidade, do emprego que, rarissimas vezes, fez de algumas expressões baxas, e menos acceitas das pessoas praticas no estylo culto das sociedades onde reina, com a decencia, a polida alegria. Mui pequenas são essas nodoas que empanam o terso brilho de alguns versos d'este Poema. Prova esta a mais evidente da difficuldade, que a todo o escritor cabe, de conservar a identidade de estylo, e mormente do Comico, sem

---

(1) Adsciscet nova, quæ genitor produxerit usus.
. . . . . Latiumque beabit divite lingua.
Hor. Epist. lib. 2, *ep.* 2.

descahir sobre o rasteiro (1). Considerando pois que o Leitor embaído nas bellezas d'este Poema, em nada escurecidas per poucos e leves descuidos, não haverá estes em maior conta, ou que n'elles talvez não repare, pareceu nos acerto, não indicar aquí per extenso essas falhas; e, como apaxonados da Musa de *Diniz*, quizemos, mui de proposito, que todo o Critico pouco indulgente só possa exercer a sua censura, a custo de as pesquisar: embóra lhe fique o desvanecimento de haver dado com ellas.

Não ignoramos que apontadas desculpas de leves erros, antes de conhecidos, quasi sempre geram injustas desconfianças e desacertados juizos: mas o voto de alguns Francezes, doutos Juizes de poesia, e assaz intelligentes de nossa lingua, para poderem avaliar o merecimento do nosso *Diniz*, que muito prézam, obriga-nos a este acto de imparcialidade.

---

(1) Pag. 7. v. 15 e seg. — pag. 19. v. 19. — pag. 66, v. 21. — pag. 89, v. 25.

Em esses mesmos Eruditos francezes acha o *Hyssope* a justiça que, pode ser, lhe neguem os nossos *pascasios* (1): pois aquelles sabios nos apontáram, com a *Secchia rapita* e com outros poemas do mesmo genero, o exemplo da liberdade que têm as linguas meridionaes da Europa de serem, em obras de estylo Comico, muito menos melindrosas que a Franceza; e confessam que *Diniz* muito pouco, e somente nos lugares indicados, usou d'esse privilegio.

Ainda mais, satisfeitos e gostosos com o exame que fizerão d'este Poema, acrescentam (o que tal vez não accreditarão muitos portuguezes, fracos entendedores da literatura franceza, e atrevidos ignorantes da sua) accrescentam, e com prazer o repetimos, que o *Hyssope* de nenhum modo simílha o *Lutrin* de seo *Boileau*, em progresso e remate da Acção: que a paridade notavel entre ambos, consiste unicamente em serem nas-

---

(1) V. nota 13.

cidos de ridiculas contendas ecclesiasticas: que a mesma paridade, attendendo ao lugar e ás pessoas, podia e devia motivar identicos incidentes; mas que *Diniz* soube varia-los de maneira a se não equivocarem com as Scenas do *Lutrin*: que o pouco, e muito pouco, que *Diniz* imitou do *Lutrin*, acha-se no *Hyssope*, disfarçado com o talento que requerem a Poesia e o bom gosto (1): que todo o nexo he igual, e facilmente travado ate a conclusão: e finalmente que, não obstante accreditarem que, a não haver existido o *Lutrin*, não existiría o *Hyssope*, entendem que estes dous lindos e correctos poemas tem, entre-si, a mesma dessimilhança que as duas linguas, que se acham per elles enriquecidas; e que o *Hyssope* talvez tenha sobre o *Lutrin* o realce de unidade em a sua *vis comica*; pois comicamente acaba o seo outavo canto, com a engenhosa invenção do Bruxo *Abracadabro*,

---

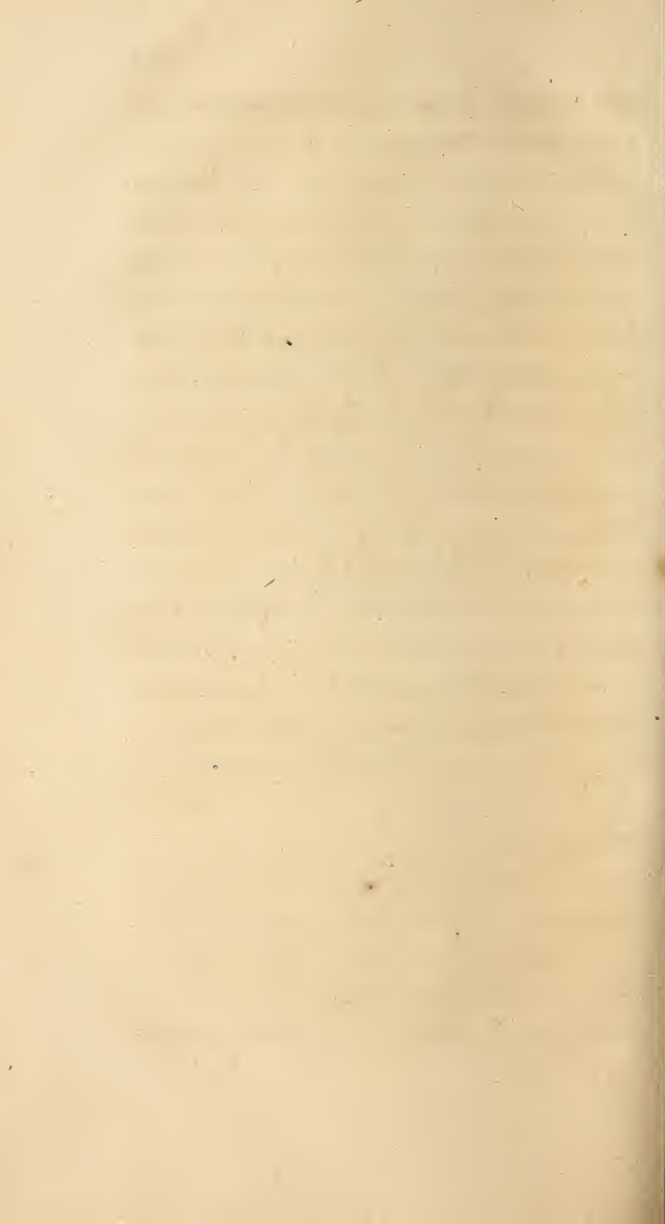
(1) V. nota 16.

e dos successos que este vaticina ao *Deão :* quando o sexto canto do *Lutrin* só contem longas e serias conferencias entre a *Piedade Religiosa* e a *Justiça*, com um elogío ao Presidente de *Lamoignon.* Simillhante remate a um Poema Heroi-Comico, qual o *Lutrin,* he muito frouxo, nada comico, e não corresponde ao *Genio* joviál que presidíu aos cinco precedentes cantos. Estas opiniões que referimos, e a que assentímos com satisfacção, não são nossas, são de Francezes; e, por vergonha dos nossos pascasios, diremos que tal he a desgraçada sorte de nossa literatura, que entre estranhos, e em França, acha maior numero de elogiadores, e de rectos juizes, que em Portugal.

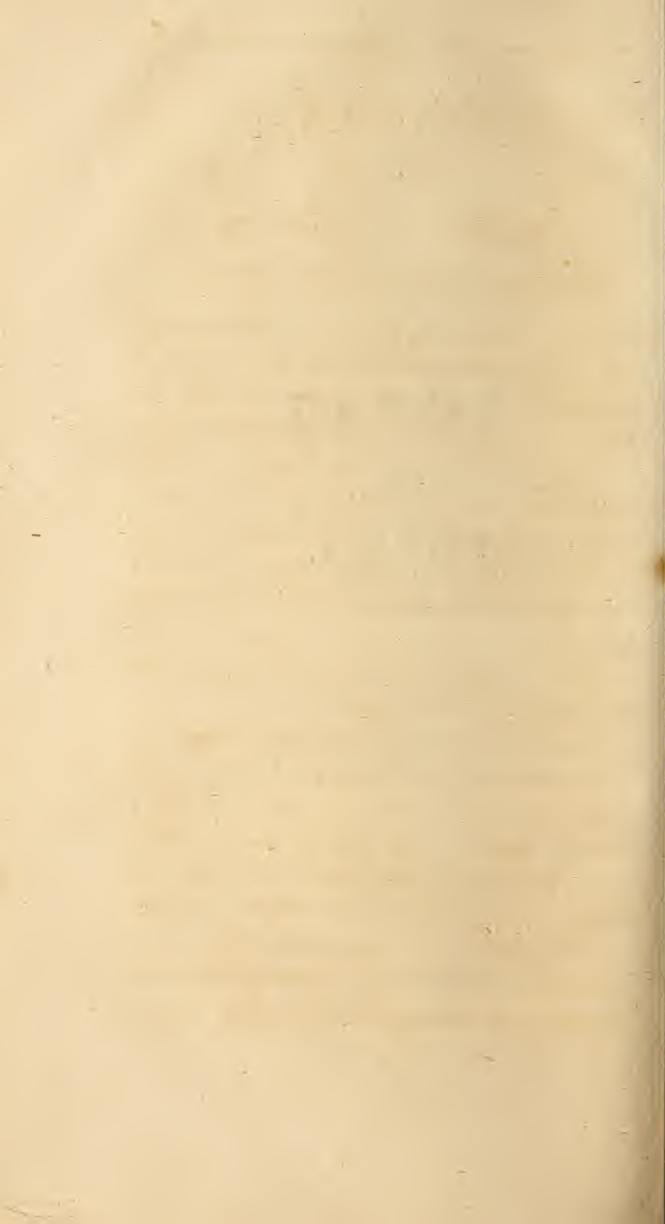
Darêmos fim a este prefacio, offerecendo ao Leitor as *variantes* de que ja falàmos; e pedimos lhe de observar que, existindo alguns manuscriptos com notas respectivas unicamente a familias e a contos menos interessantes que maliciosos, muito de proposito as suprimos

per

per outras, si não mais instructivas, de certo menos causticas.

Do empenho, com que nos disvelâmos em dar uma Edição completa do *Hyssope* do nosso *Diniz*, poderá ajuizar qualquer pessoa, si quizer reflectir no trabalho que nos coube, longe da nossa Patria, para adestrar typographos, ignorantes de nossa lingua, á composição material d'este opusculo. Afora os leves descuidos ja indicados n'este prologo, e os poucos erros, que se acham correctos no fim d'este Livro, não encontrarás, BENEVOLO LEITOR, falhas outras de maior monta; e todas, facilmente e de bom grado, poderá corrigir e perdoar-nos a tua indulgente sagacidade.

NOTAS

AO

POEMA.

NOTAS.

Nota (1) pag. 1. Verso 10.

Nos vastos *intermundios* de *Epicuro.*

D'esta palavra *intermundios* somos devedores a Cicero que n'ella verteu literalmente a expressão grega *μετακοσμια*, com que Epicuro em sua carta a Pythoclés designou os espaços entre os astros. A esses espaços allude o nosso Diniz, e com muito acerto estabelece em tam aerias regiões o imperio do *Génio tutelar das Bagatellas*: pois Epicuro os havia considerado como cheos de átomos improductivos per si; mas per contacto, penetração ou mixtura, susceptiveis de novas formas, e até de productiva organisação.

Si não devemos applaudir aos desvarios de Epicuro acerca da Physica, e si Diniz com razão escarnece d'elles; não deixaremos porém de louvar as suas maximas moraes. Epicuro, summamente modesto e tolerante, foi calumniado per alguns de seos contemporaneos, e ainda o he per alguns dos nossos: mas entre estes e aquelles tambem achou defensores e até panegyristas do maior credito.

A sua opinião sobre o *prazer*, claramente precisa e justa, quam diversa he da que lhe imputou e ainda imputa a ignorancia! « Sem » moderação, honra e justiça, diz Epicuro, » não se vive com prazer; e impossivel he que » haja prazer na vida, sem ser accompanhado » d'essas virtudes. » *Adeo ut cui non contingit sapienter, honestè et justè vivere; illi nec jucundè vivere contingat.* As suas outras maximas sobre os deveres do homem em sociedade, deduzidas d'esse principio, não são menos dignas de meditação.

Quanto ás suas opiniões sobre a Divindade, Cicero nos diz que d'ella sentia e falava nos termos os mais sublimes e respeitosos; e que a seos discipulos recommendava todo o acatamento devido ao Ente supremo. Dir-se-ha talvez que por não contrariar as ideas do Vulgo, Epicuro assim procedesse; mas na sua carta a Menoecio temos a expressão de seos pios sentimentos: «Os Deuses, diz elle, » não são quaes os crê o Vulgo: impio não » he o que não acredita nos Deuses do Vulgo; » mas sim o que lhes imputa opiniões do Vul- » go. » Si entre nós vivesse Epicuro, agora mais que d'antes, seria tido em conta de *libertino* quanto á moral, e de *atheo* quanto á religião! pois vivemos em tempos, onde as

consciencias são julgadas com summa leveza, e tanto custa calumniar os actos mais evidentes de virtude, como suppôr nas expressões honestas, sentidos obliquos e tenções as mais perversas.

Epicuro vivia trezentos annos antes da vinda de Christo: e Diogenes Laercio, a quem devemos quanto sabemos d'esse philosopho, he um autor grego do terceiro seculo de nossa era, o qual escreveu dez livros das vidas e maximas dos philosophos da antiguidade; obra incompleta, mas util, por ser a unica que nos transmittiu assumptos taes, e de tempos tam remotos. No X.^mo^ livro de D. Laercio he que vêm alguns fragmentos dos principios philosophicos de Epicuro, que Gassendi, ecclesiastico de virtude e saber, commentou e defendeu, como apaxonado que se inculca de tam insigne Mestre.

---

(2) pag. 2. Versos 12 e 13.

; e que abraçáram
Até a morte os perfidos *Solipsos.*

Solipso, palavra composta das duas latinas *Solus* e *ipse*, que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome de *egoísta*. *Melchior Inchofer*, *Jesuita* allemão, he o inventor d'essa expressão que produziu, para designar per

ella os Padres, Geral, Chefes, e Regentes da Companhia de Jesú. Havendo tomado a roupeta d'essa Sociedade na edade de 23 annos, conheceu, pouco tempo depois, o espirito de ambição e de prepotencia antichristãas, com que, per intrigas internas e externas, se regía, de longe e ao perto, a sua extensa e numerosa corporação. Compoz em latim, e publicou em 1648, com o titulo de — *Monarchia Solipsorum*, um livro em que descobre e desenvolve todo o systema de Governo dos *Jesuitas*. Excusado he dizer-se que este livro não se acha facilmente, e que a primeira edição he rarissima; pois os *Jesuitas* que á sua disposição tinham tantas e tam *Grandes* consciencias, empregáram todo o seo poder e influencia para conseguir, si não a total extincção d'elle, ao menos a sua raridade. Apesar de suas multiplicadas e constantes diligencias alguns exemplares d'esta primeira edição se acham em varias Bibliothecas; e 12 annos depois d'ella, em Veneza se publicou uma segunda edição do mesmo livro, a qual não he menos rara.

Deixo a todo o *Religioso* de boa fé a obrigação de inquirir e publicar quaes fóram as perseguições e os trabalhos que *Melchior Inchofer* teve de soffrer de seos irmãos; de nos

instruir acerca dos gráos em que os *frades* repartem a extensão do que chamam *correcção fraterna*; e de nos declarar si, quando offendidos, elles costumam pôr em rigorosa praxe os preceitos de caridade, prescriptos per N. S. J. C. no Evangelho.

Voltando a este livro de *Melchior Inchofer*, devo apontar o Doutor *Arnauld*, que em dous lugares de sua Obra intitulada — *Moral pratica dos Jesuitas* — faz menção d'elle. Em o 3ro. tomo, a pag. 86, diz: « sabe-se que o » vosso caracter vos conduz a fazer o bem com » ardor, com tanto que sejais os unicos em » obra-lo, e que ninguem participe comvosco » á gloria de uma boa acção. Si quereis ser sin- » ceros, convireis que um dos vossos Padres, » autor do livro — *Monarchia Solipsorum* — » mui bem vos conhecia. » — E no mesmo tomo a pag. 686. accrescenta o Doutor *Arnauld*: — « He certo que esta *Monarchia* » *Solipsorum* he de um *Jesuita* allemão, cha- » mado *Melchior Inchofer*; pois sabe-se onde » existe a carta original de outro *Jesuita* es- » panhol que assim o confessa, e que muito se » lastima d'isso. » —

He curiosa tambem a observação do *Jesuita Papebroch*; (*Elucid. histor. actor. in Controversia Carmelitica*, *Cap. X.*) pois nos dá

7.

uma boa definição da palavra *Solipsus*, e da expressão grega *Monopantos*, de que se servia o Papa *Innocencio* XII, para designar um *Jesuita*.

Penso haver justificado o nosso Poeta acerca do epitheto — *perfidos* — que elle uniu ao nome de *Solipsos*; e em abono d'essa qualificação, podéra eu aquí accumular infinitos documentos, não lembrados na *Deducção Chronologica*, si a Caridade christãa me não embargasse a vontade. Desculpado o Poeta, passo a pedir venia do delicto que se me podéra imputar por estas lembranças.

Estranhará, sem duvida, o benigno Leitor o comprimento d'esta nota, e a sua impropriedade em um poema Heroi-comico: accusar-me ha, pode ser, de adverso aos *Jesuitas*: — dou-me ja por culpado; e si he crime, tenho a honra de ter por complices S. M. Fidelissima, O Senhor D. João VI. Rei do Reino unido de Portugal — Brazil — Algarves, etc. SS. MM. o Imperador de todas as Russias, o Imperador d'Austria, e mais alguns Monarcas que não querem *Jesuitas* em seos Estados; pois estou persuadido que têm muita razão.

Mas aos Sñres Jesuitas, e a seos apaxonados pouco deve importar a aversão de todos estes Soberanos, e ainda menos a minha: quando

têm por apologista um Inglez, qual o Senhor R. C. *Dallas*, que tambem fez já a apologia dos Cães adestrados, pelos seos compatriotas da *Jamaica*, em o exercicio, (muito humano e christão!) de devorar os negros fugitivos.

Estas duas producções de um Inglez, o Senhor R. C. *Dallas*, merecem ser conhecidas; aquí vam seos titulos:

« The History of the *Marroons*, from their origin, to the estabelishment of their Chief Tribe at *Sierra Leona.* 2 vol. in 8º. London 1803. »

« The new Conspiracy against the *Jesuits*, detected and exposed by R. C. *Dallas* Esq. 1. vol. in 8.º London 1815; — *e dedicado* — to the Right Honourable *George Canning.* M. P. His Majesty's Ambassador Extraordinary to the Court of Portugal, etc. »

Observe-se 1.º a data d'este Livro: 2.º a que pessoa he dedicado: 3.º a qualidade d'esta pessoa: 4.º o emprego que ella occupava então em Portugal: 5.º que n'este mesmo tempo S. M. Fidelissima ordenava a seos Ministros, residentes nas Cortes Estrangeiras, de não admittir proposta alguma, nem mesmo dar ouvidos a qualquer communicação que, a favor dos Jesuitas, lhes podesse ser feita, per parte dos Soberanos a que elles são enviados.

Observe-se finalmente que o Senhor *Dallas*, logo na primeira pagina de sua Introducção, declara ser Realista *Inglez e protestante*; pois ahi professa o seo *attachment to the Monarchy, and to the Church of England*: donde se segue que tambem ha *Jesuitas protestantes*, ou *Protestantes Jesuitas*, bem como ja houve na China *Jesuitas Mandarins*, que soubéram combinar o *Padre Nosso* e o *Credo* com a crênça dos *Chins*. —

No prefacio, na dedicatoria, e em varias partes d'esta obra do Senhor *Dallas*, mormente no Cap. IV. pag. 229 a 236, vêm indecorosas calumnias contra El Rei D. José, e injuriosas fabulas contra o seo Ministro, o Marquez de Pombal.

Annunciou-se, ha pouco, uma traducção franceza d'esta Obra, que sem duvida será seguída de outras em Italiano, e nas mais linguas da Europa. Existindo já, como me asseveram, uma versão d'ella em Castilhano, provavel he que não tardará a apparecer outra em Portuguez.

Ah! si houvesse liberdade de imprensa em Portugal, de certo lá surgiria algum *Pascal*, para comprimentar o Senhor *Dallas*, em novas *cartas Provinciaes*.

(3) a paginas 3. Verso 18.

Não bastam a curar tres *Anticyras.*

Anticyra, ou Ilha *d'Eubêa*, hoje chamada *Negroponto*, éra celebre entre os Antigos, em razão do *Helléboro* que produzia, e a que elles attribuíam a grande virtude de desterrar a melancholia, e de restituir a seo siso os que eram affectos de loucura; fosse qual fosse o genero, ou o gráo d'ella. Horacio na Satyra 3ra. do 2o Livro, falando de avarentos diz :

Danda est Hellebori multò pars maxima Avaris:
Nescio an Anticyram ratio illis destinet omnem.

E, na sua Arte Poética, prasmando o desalinho e a falta de limpeza com que alguns poetas aspiravam aos creditos de estudiosos, e ao nome de sabios, appellida todo o que he iscado de tam nojenta loucura —

Tribus Anticyris caput insanabile.

Cujo sentido he fielmente vertido em o Verso que aqui fica commentado.

---

(4) a paginas 5. Verso 2.

E os outros génios da subtil *cabála.*

A Cabála he uma d'aquellas Loucuras que,

com o nome de sciencia, tem accomettido, em diversas épocas, a triste humanidade. Os Judeos Hellenistas, querendo reforçar a autoridade de suas tradições oraes, com alguns princípios dos Philosophos gregos, foram os inventores d'essa especie de *Giria* a que déram o sublime nome de sciencia occulta: e com bem razão assim a appellidáram, pois no conhecimento e progresso d'ella tam intelligentes e adiantados se mostráram os Inventores e Mestres, como o éram os simplices iniciados. Nomes, figuras, numeros, movimentos dos Astros, etc. etc, singular ou simultaneamente calculados, e analysados per subtís analogias tam absurdas quanto inintelligiveis, formavam a base d'essa Arte. Desgraçados e inuteis esforços da memoria, captivada pelo mais ridiculo fanatismo, passavam por infinda erudição, e supríam as Leis da logica a menos subida. Da Cabála, ou antes abuso da arte de raciocinar, pode dizer-se que grandes forças cobráram a Superstição, a Philosophia escholastica, a Astrologia Judiciaria, a Alchymia, etc. assim como o quebranto, os feitiços; e o remédio d'estes, quaes os Cintos das Crianças recem-nascidas, as figas de azeviche, as meias-luas, e os signos *samãos, salomonicos*, ou de *Salomão*, a quem imputam, ainda hoje, al-

guns embusteiros a invenção de tam estupendos despropositos.

---

(5) paginas 5. Verso 25.

Do famoso *Martin* o verniz brilha.

Martin éra um torneiro em Pariz, nomeado pelo verniz e burnimento que dava ás caxas de tabaco, carruagens e outros trastes, que saiam de sua fabrica. Esse modo de envernizar, que ha 40 annos ainda éra um segredo, e por isso se denominava Verniz de *Martin*, hoje he vulgarmente sabido e applicado per qualquer artifice que tem de o empregar.

---

(6) pag. 9, Verso 12.

Junto da boca do cruel *Averno*.

Averno, lago do reino de Napoles, muito conhecido dos poetas, e per estes considerado como o proprio inferno, em razão das mortiferas exhalações de suas aguas: pois até os passaros, que voando alto, tentavam atravessa-lo, n'elle caíam mortos. O subido e espesso arvoredo que o cercava, entretinha seos damnosos effluvios. Agrippa genro de Augusto conseguiu tornar sadio e agradavel esse, d'antes

triste, lago que hoje tem o nome de *Tripérgola:* mas nem por isso os poetas se déram então, nem ainda agora se dam, por desapossados no uso d'esse synonymo de inferno. Com quanta razão põe Diniz a provincia da *Dependencia* na raia e alçada *do cruel Averno!!!*

---

(7) pag. 15, Verso 4.

Nas entranhas de *Rhódope* escabrosa

Rhódope, monte alcantilado da *Thracia*, e nome de uma Rainha d'esse paiz, a qual foi convertida pela Deusa *Juno*, em o monte que, como ella, se appellida. — Veja-se *Ovid. metamorph.* —

---

(8) pag. 30, Verso 13.

A Roda da fortuna e crystaes d'alma:

Este Verso allude a dous dos muitos Livros mystico-moraes, de que a nossa literatura nacional he tam sobejamente abundante, em desdouro da boa razão, da Religião christãa, e da boa Moral. Somos devedores d'essa praga, em maior parte, aos *Jésuitas*, e á sua eschola.

---

(9) Pag. 31, Verso 24.

Que a moda já ridiculos tornára.

Em os primeiros manuscriptos que apparecéram, este Verso não vinha; o seo lugar éra occupado pelos tres seguintes:

Que de balde proscriptos, per malvados
Imposta, a vil e escandalosa alcunha
De-*mulas com gualdrapas*-nos deixáram.

O Autor quando revía, e emendava de sua mão algumas copias que se lhe apresentavam, encontrando estes versos, costumava supri-los pelo que vai impresso n'este edição. Gracejando dizia, que as capas ficando aos Cónigos, ficáram lhes as gualdrapas; que a reforma do Bispo abrangéra somente os atafáes, bem significados pelos *franjados alamares;* e que riscava estes tres versos, como faltos de exacção historica e descriptiva. Accrescentava depois, com mais sisudas razões, que os lembrados versos não só continham um sentido contradictorio, mas que até éram de stylo summamente improprio e baxo, na lisongeira narração que das grandezas de seo Bispo fazia um Cónigo agradecído.

Com a mesma razão de impropriedade, apagava tambem o Autor outro verso, que a prin-

cipio interposéra entre o decimo nono e o vigesimo que n'esta edição se leem a pag. 8, onde falando o *Genio tutelar das Bagatellas* assim dizia:

Eu a escrevi, eu mesmo, em meo canhenho,
Nem menos que Pilátos eu me julgo,
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro.

O motivo, que dava o Autor para riscar o segundo d'estes tres versos, he que vinha aqui *Pilátos* mettido, não como no *Credo*, antes sim muito mal accomodado. Acertava sem duvida o Poeta em excluir de seo poema este verso com tal nome, que lembra um facto, muito serio e digno de nosso respeito, para ser apontado, em obra jocoseria, pelo *Genio das Bagatellas.*

Faço esta nota para precatar o Leitor contra estes e outros versos que poderá encontrar em alguns manuscriptos, e que, depois de engeitados pelo Autor, devem ser tidos por incorrectos e nullos; assim como por espurios, alguns outros que curiosos lhe tem addido.

---

(10) Pag. 33, Verso 15.

Que de Santo *Thomas* tem lido a summa.

Alguns Francezes que têm estado em Por-

tugal, e que de lingua, literatura e costumes d'esse paiz tanto sabem, quanto lhes bastou e basta, para negociarem com Portuguezes, dizem que o *Hyssope* não passa de um rasteiro e insipido transumpto do *Lutrin* de *Boileau*; em prova de seo recto juizo, citam sempre o seguinte verso do seo Poeta: (Lutrin, Canto IV.)

Qui de Bauny vingt fois a lu toute la somme.
Supondo que o nosso Poeta haja tido a lembrança da *summa* de Santo *Thomas*, porque *Boileau* se lembrou d'a de *Bauny*, não se segue, que este poema seja traslado do *Lutrin*: e ainda mesmo, quando tivéra pretendido imitar o dito verso, acharia desculpa, e até louvor, em todos os que entendem alguma cousa de poesia; pois *Boileau* imitou os antigos poetas latinos, e estes a *Homero*, e a outros Gregos que talvez imitaram outros que não conhecemos: imitar em fim, tanto em literatura, como em Poesia, não he copiar, nem trasladar.

---

(11) Pag. 37, Verso 18.

Entre as rochas do *Bosphoro Cimmério*

O Bosphoro *Cimmério* he um estreito que fica na costa do Reino de *Napoles* junto a

Baias. Os antigos poetas estabelecéram n'esse sitio o palacio do *Somno*, e a lapa onde começava o caminho dos infernos.

---

(12) Pag. 59, Verso 14, e 15.

Tens de *Serpa* o Ouvidor que o velho *Accursio*,
E *Bartholo* o famoso só despréza,
Etc.

Certo Ouvidor, freire de *Avis*, e juiz ecclesiastico da villa de *Serpa*, em uma sentença que deu, regeitou a autoridade de *Accursio*, e de *Bártholo*, com o fundamento de serem autores Romanos, idolatras; e condemnou o Advogado a uma mulcta, por ter produzido os nomes de similhantes autores, em causa seria, e do fôro ecclesiastico.

No manuscripto de que falâmos a pag. 124, lê-se — *Ouvidor*; e nos outros — *Auditor*: preferimos — *Ouvidor*, por ser mais conforme á nota que achâmos, e que acima temos dado resumida. *Ouvidor* he, ou magistrado secular em terras de Donatarios, e per estes nomeado; ou ecclesiastico, com jurisdicção quasi episcopal em terras de Ordens militares. *Auditor* he magistrado em corporações militares: temos tambem, posto que ecclesiastico, um

Auditor da Nunciatura. *Auditor* he a voz latina da portugueza *Ouvidor.*

---

(13) Pag. 53, Verso ultimo.

He pasmar ver, Senhor, como um *pascasio.*

O erudito *Moraes*, em seo diccionario da lingua portugueza, nao indica o numero singular d'este substantivo, e traz « *Pascasios*,
» s. m. pl. lingua de *Pascasios*, i. *é.* affectada,
» por ser alatinada, pedantesca. *Leão*, Or-
» thogr. pag. 277. »

Os que, lendo este poema, não tiverem á mão as obras de *D. N. do Lião*, me perdóarão este, acaso excusado, offerecimento que lhes faço, em abono do emprego que o nosso Poeta fez no *singular* da palavra *pascasios.*

Ora não tendo á vista a Orthographia de *Duarte Nunes do Lião* que, ha dous seculos, trabalhava em purgar a lingua portugueza dos vicios que a deslustravam, e que ainda a deslustram; e não sabendo adivinhar o mais que elle disse sobre esta palavra, passo a dar a sua etymologia: pode ser que nada mais diga, nem tam acertadamente como Elle.

Pascasio, palavra composta e, bem como outras muitas singularmente nossas, derivada das Gregas : πᾶς, α, ᾶν. adj. que significa *to-*

do, e do verbo σκάζω que em sentido physico e moral, lembra o defeito de *coxear*, *claudicar* etc. *Pascasio* quer dizer, quanto a mim, homem que *todo*, ou em *tudo* coxéa, manqueja, ou claudica; seja de corpo, seja de juizo, ou seja emfim, em mesclar a sua lingua com expressões excusadas, e quasi sempre improprias, que per affectação vai buscar a idiomas que mal conhece: o que he prova incontestavel de cabal tolíce, o verbo σκάζω significando tambem — *ser tolo* —: logo *Pascasio* he synonymo de *todo-tolo*, *em tudo tolo*, ou *rematado tolo*; e bem podia o nosso Poeta fazer uso d'esta expressão em numero singular; pois de ser, per *Lião*, e per *Moraes* somente indicada em *plural*, nada mais se colhe, que o triste juz que a muitos, ou a mais de um, compete de tam desgraçado epitheto.

---

(14) Pag. 54, Versos 6 e 7.

Que tanto fez suar ao grande *Scoto*,
Aos *Bacónios*, aos *Lullos*, e a mim proprio.

N'estes dous versos memora o *Padre jubilado* tres grandes doutores da Ordem Franciscana: cumpre dizermos alguma cousa de tam distinctos varões.

Scoto, assim chamado por ser escossez, nasceu perto de Berwick n'uma pequena villa que tem nome de Dunstan, ou Duns: por isso tambem he appellidado *Joam Dunstan* ou *Joam de Duns*. Foi contemporaneo de S. Thomas de Aquino, frade Dominíco. Como este houvesse alcançado o epitheto de *Doutor angelico*, justo era que os Franciscanos dessem ao seo Doutor *Scoto* a alcunha de *subtil*; bem como ja haviam dado a S. Boaventura a de *seraphico*, a outro seo frade a de *irrefragavel*; etc., etc. Este doutor *Scoto* brilhou no começo do 14.° seculo, e morreu em Colonia no fim do anno de 1308. Em philosophia *Scoto* pugnava então pelo systema do *universal à parte rei*, em quanto S. Thomas defendia o do *universal à parte mentis*. Eis as diversas e opostas bases das duas escholas, *Dominica* e *Franciscana*, que tantos annos se não poderam conciliar e que agora, graças a Deus, per methodos mais arazoados, caminham unanimes em alcance das verdades uteis, e dignas do estudo e applicação da mocidade.

Roger, ou Rodrigo *Bacon* nasceu em 1214 no condado de Sommerset em Inglaterra. Foi na verdade homem superior ao seculo em que viveu, e merece a attenção do nosso. Buscando o sossego que requer o estudo da Natureza,

julgou que na ordem de S. Francisco o alcancaria, e n'ella fez seos votos. A Bacon se devem muitos descobrimentos em Physica, Optica, e Chymica: he reputado inventor da pólvora e outros productos chymicos, de maquinas uteis, e dos oculos de ver ao longe; ou quando menos, da theoria d'estes instrumentos, da qual no seo *Opus majus* dá uma demonstração que, si não posta em pratica per elle, bem podia encaminhar á sua execução quem depois effeituou tam util invento. Bacon era sabio e menos dado ás argucias da Dialectica que á invenção de cousas uteis. Como entre frades vivesse estudioso e retirado, e conseguisse de seos estudos resultados que espantavam a ignorancia, foi victima de intrigas claustraes, e apregoado por magico. Valeulhe algum tempo a protecção do Papa Clemente IV; mas pelo successor d'este, Nicolao III, tornou a ser vexado, e outro-sim pelo Geral de sua Ordem que depois foi papa com nome de Nicolao IV. Si Bacon morreu menos presado, e perseguido pelos seos coevos, a posteridade tem vingado o seo nome da injustiça de seo seculo. Em 1733 se publicou em Londres o seo *Opus majus*; onde se acham cousas de que alguns modernos se dam por inventores.

Reimundo

Reimundo Lullo nasceu em 1235 na cidade de Palma, capital da ilha de Maiorca. Não se sabe se foi frade, ou meramente irmão terceiro da *Seraphica* : escreveu innumeraveis volumes sobre diversas materias, em estylo cabalistico : e por isso no seo tempo considerado foi como um grande Doutor.

As obras que nos ficaram d'elle, sendo ininteligiveis agora, deviam então ser consideradas como sublimes. Per analogias disparatadas e metaphoras extravagantes explicava tudo, até mysterios da nossa Religião. Correu terras, e foi em varias cidades da Europa admittido a professar o que nem a elle, nem a seos discipulos era dado perceber. Pretendeu pela força de sua logica converter os Mouros da Africa: estes premiaram o seo zelo, com tanta pedrada, que deixado por morto foi recolhido a bordo do navio que á tam santa expedição o levára, e n'elle morreu antes de chegar á sua patria, na edade de mais de outenta annos. Os Maiorquinos o veneram como santo; e pelos sabios he tido em conta de louco.

---

(15) pag. 57, Verso 10.

Cansados rogos de importunos procos,

Em dous dos manuscriptos que tenho pre-

sentes achò a palavra — *porcos* em lugar de *procos*, e n'um d'elles a seguinte nota á margem — *companheiros de Ulysses.* — O annotador não se lembrou, que *Ulysses*, havendo perdido todos os seos companheiros, em a sua longa perigrinação, chegou sosinho á sua ilha de *Ithaca*, e que não podia encontrar la os seos defuntos amigos, requestando a sua mulhèr *Penélope.* Quam curiosos haveriam sido os requébros d'esses amantes com visos de *porcos!*

Cicero e outros Classicos latinos fizéram emprego da palavra *Procus*: mas o nosso Poeta a tomou certamente de *Horacio*, e applicou-a, como este, aos que sollicitavam a mão e o throno de *Penélope* (Hor. L. 3, od. 10.)

> *Non te Penelopen, difficilem* procis,
> *Tyrrhenus genuit parens.*

A palavra *Procus* vem da grega, προὶξ, κος que significa *dote, presentes, dadivas nupciaes*; e acha-se muito bem adaptada a todo o que procura casar-se, levado pela cubiça do dote da noiva, ou pela ambição de possuir os seos bens, estado, ou grandeza.

Faço esta nota para provar que os manuscriptos d'Autores tanto antigos, como modernos, ainda os de melhor letra, encerram ás

vezes muitos erros que não devem ser imputados aos ditos Autores. Essas falhas provindo ou da ignorancia dos amanuenses, quanto aos transumptos, ou até mesmo de descuidos nos autographos, podem dar lugar e desculpa a longos commentarios, como este, que somente versa sobre a transposição de uma letra.

---

(16) pag. 59. Versos 23 e seg.

Alem d'isso *Apuleio* nos informa
Que, per malicia de uma certa *Fotis*,
Em asno, etc.

Apuleio, philosopho da escola *platonica* viveu no segundo seculo de nossa éra, e sob o imperio dos Antoninos. Era natural de Africa, viajou per muitos paízes, e veiu a Roma, onde depois de aggregado ao collegio dos sacerdotes da Deusa *Isis*, advogou causas suas e alheas, professou philosophia e eloquencia, e escreveu varias obras, umas em grego, outras em latim. N'esta ultima lingua compoz a fabula ou metamorphorse a que deu o nome de *Asno de ouro*, (Asinus aureus). Postoque o enredo principal d'esta fabula seja identicamente o mesmo que o do Ὄνος de *Lucio de Patrás*; comtudo *Apuleio* a ampliou com muitos incidentes e

episodios que não se acham no conto grego de que logo diremos algumas palavras.

A *Fotis* de que fala Diniz, e de cujo nome nos dispensamos de dar a etymologia, he no *Asino aureo* a feiticeira agente, em seo prol e prazer, no decurso de toda a metamorphose.

Quanto ao Ὄνος de Lucio de Patrás; annunciamos aos que se deleitam no estudo da lingua grega, a edição que, ha pouco, acaba de publicar M.r P. L. Courier, um dos mais distinctos hellenistas da Europa. Ao texto grego, mui correcto e illustrado com escholios, variantes e excellentes notas, emparelhou o douto editor uma versão em francez antiquado, que tanto pelo desuso do estylo, como pelo archaismo dos significados, disfarça a nimia liberdade do original, e venda, em certo modo, mas sem mingua alguma do exacto e genuino sentido, a descomposta jovialidade de conto tam disparatado.

Os contemporaneos de *Apuleio* tivéron-o em conta de grande obreiro de milagres: e entre os modernos, uns acham no *Asno de Ouro* todos os mysterios e receitas do *Opus magnum* em que tam fadadamente trabalham: Outros uma satyra bem explicita da Arte magica, das superstições, e da devassidão a que eram dados os sacerdotes do paganismo: e nós,

como dotados de menor perspicaçia, somente n'elle vemos um montão de obscenidades.

. . . .

---

(17) pag. 69, Verso 15.

. . . .

Eram o *Potosí* da *Franciscana.*

Potosí, nome de cidade no reino do Perú, e tambem da provincia de que ella he capital. Em 1545, foi descoberto este rico paiz assaz conhecido como o mais abundante em minas de prata: por isso, em estylo figurado appelida-se *potosi* todo o manancial de grandes lucros ou rendimentos, e Diniz põe na boca do P. Guardião a mesma expressão, com a qual este inculca ao Deão os grandes redditos de que as *novas leis testamentarias* haviam desapossado o seo convento.

N'este ultimo discurso do P. Guardião, vê-se que Diniz, versado, como ja dissemos a pag. 122, na lição dos bons classicos antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros, imitou alguns lugares do *Franciscanus* de Jorge Buchanan, e mormente os seguintes.

> Illa tamen patribus seges olim uberrima nostris,
> Fingere nocturnos lemures, manesque vagantes
> Lustrali compescere aqua, magicisque susurris,
> Frigida nunc tota est: postquam nasuta juventus
> Pectora crassorum male credula ridet avorum.

Estes versos não dariam origem aos de Diniz?

> Algum dia foi rico este convento —
> . . . .
> He verdade que os santos *exorcismos*,
> O benzer dos feitiços e lumbrigas —
> Etc. . . . .

E os quatro ultimos versos d'esta fala do mesmo Guardião não seriam imitação d'estes do *Franciscanus?*

> Nec minus horrendos purgatrix flamma vapores
> Evomat, æterno nisi quod non æstuet igne;
> Sed precibus vinci queat, et lustralibus undis
> Extingui, Bullis minui, Missisque levari.
> Hic ager est dives, nostrique colonia Papæ.
> Nectaris hic fons est, hæc vectigilia nostri
> Ordinis : . . . . etc.

Reconhecemos a nossa falta de capacidade para commentar uma composição tam classica como o *Hyssope* do nosso Diniz : notando as bellezas que elle colheu de varios autores, e soube fazer suas proprias, si lembrâmos aquí estes versos de Buchanan, menos foi como commentario, que como estimulo que haja de excitar pessoas sabias, eruditas e apaxonadas de nossa lingua a fazer, com mais acerto e talento, um trabalho que não cabe em nossas forças.

Diremos em tanto, acerca de Buchanan, que este poeta era escossez, que sendo amigo

dos *irmaos Gouveas, de Diogo de Teive*, e de outros portuguezes, porcionistas do collegio de *S.ta Barbara* em Pariz, foi com elles chamado per elRei D. Joam III; e que professou humanidades e philosophia na Universidade de Coimbra, no começo da reforma de estudos que o dito Rei havia estabelecido n'essa cidade. Buchanan havendo, muito tempo antes, composto em França (mas não publicado), o seo *Franciscanus*, foi por esta satyra denunciado á Inquisição, e per ordem d'ella, preso durante 18 mezes nos carceres do castello do convento de Thomar, sendo Inquisidor geral fr. *Antonio de Lisboa*, frade Jeronimo, filho bastardo (1), segundo dizem, d'elRei D. João III, e reformador dos Freires capellães da Ordem de Christo; os quaes de *freires* elle tornou em *frades*, bem como ha poucos annos foram de *frades*, outra vez, tornados em *freires* (2); e sempre, *ad laudem et majorem Dei*

(1) Buchanan diz de fr. *Antonio de Lisboa*:

Nec ipsa mater novit Antonì patrem.

Fratres Fraterr. in Ant. Tomar. Abbat.

(2) *Frade*, e *Freire* têm a commum etymologia latina *Frater*: a differença que hoje se nota entre estes dous appelidos, he que o número de *frades* em qualquer convento pode ser indeterminado; mas o dos *freires* he

gloriam, ad utilitatem quoque nostram, totiusque Ecclesiæ sanctæ !! No dito convento de Thomar completou Buchanan, com mais seis mezes de penitencia e de exercicios espirituaes, dous annos de perseguição fradesca; n'esse tempo verteu em rhythmo latino todo Psalterio: sendo livre, retirou-se á Inglaterra, e morreu em 1582 na cidade de Edimburgo, em edade de 74 annos.

---

(18) pag. 75, Versos 13 e 14.

Si affouto, ou temerario não zombára
Do batter dos sapatos dos *Menezes.*

Não podemos adivinhar, e inda menos apontar com alguma certeza a origem d'esta quigila: por tanto, ate que alguem no-la dee mais exacta e positiva, não teremos outro meio que o de navegar, em seo alcance, pelo vasto mar das hypotheses, e demandar o porto de incertas informações.

---

restricto á certa quantidade de rações e meias rações, em que repartem e aproveitam o rendimento annuo de seo convento, sem deixarem sobras. Bem podem de sí dizer os *freires :*

Nos numerus sumus et fruges consumere nati.

Horat. lib. 1. Epist. 2.

1.º Dizem-nos que um fidalgo da familia dos *Menezes*, amo, ou aio do filho d'elRei D. Joam II, (o infeliz principe D. Afonso, morto de uma queda de cavallo em Santarem) costumava tomar-se de grande e mao agouro, vendo ou ouvindo a qualquer seo familiar batter, sola contra sola, os sapatos que limpava; que havendo sido acommetido d'essa zanga poucos instantes antes do principe montar a cavallo, trabalhára muito, mas inutilmente, em dissuadi-lo de cavalgar n'esse dia; e que depois de acontecida a lembrada desgraça, ficou cada vez mais capacitado da realidade de tam infausto prognostico, que elle deixou em substituição, como pia herança, a seos descendentes.

2.º Dizem outros que, indo o mesmo principe D. Afonso passando per *Alfange*, um homem movido da curiosidade de ver o cortejo, saira á sua porta tendo nas mãos uns sapatos que estava limpando, e que battendo-os, no instante em que o principe passava, o cavallo montado per este se espantára, e tomando o freo nos dentes, fora causa da desgraça que narram os nossos historiadores. Accrescentam mais que como este amo Menezes fosse da comitiva, ficou lhe para sempre uma decidida zanga contra esse *batter de*

sapatos. Esta anecdota parece-nos mais natural e melhor fundada em razão; pois a precedente, per carencia de origem, nos não ensina cousa alguma.

Mas o que não podemos entender, he a relação que tem esta historia de *batter dos sapatos dos Menezes*, com o triste caso de D. Francisco d'Almeida, aqui apontado per Diniz, e ha muito, referido pelo nosso Camões (Lusiad. C. v, Est. 45; e C. x, Est. 38). Antes de sua infeliz morte, D. Francisco d'Almeida acaso ouviria *batter alguns sapatos?* Acaso algum Menezes que com elle estivesse, apontou lhe esse agouro? Os Menezes d'esse tempo tinham alguma connexão de familia co'os Almeidas? etc. Deixamos aos curiosos Doutores em genealogias o cuidado de deslindar pontos tam interessantes; pois achamo-nos faltos de livros d'essa sciencia, e mormente dos de nossa historia, onde pode ser que se encontre o motivo do agouro que Diniz figura lembrado pelo mordomo do Bispo.

He certo que entre as familias de nossos fidalgos, bem poucas são as que não tenham herdado abusões de seos avoengos, e que algumas ate fazem timbre de as acatar. Finalmente acerca de agouros, quigilas, grimas, zangas, e todo o genero de antipathia, dire-

mos que a imaginação he, e sempre foi, a fonte d'esta molestia da razão humana; e não menos entre os Antigos, que entre os modernos. O que mais nos admira he que em corporações religiosas esse mal haja grassado e seja inda hoje mui vulgar: citaremos um só exemplo.

Em certo mosteiro de Portugal, (cujos frades mui religiosamente déram calções a S. Sebastião, e um grande cágado, por escudo, ao diabo vencido e calcado per S. Miguel) no claustro, do lado e perto da casa do capitulo vimos, e ha bem poucos annos, um pedaço mui grosso de madeira com 3 palmos de comprimento e 2 de largura, pouco mais ou menos, pendurado a um prego per uma corda presa nos angulos superiores da dita tábua, que nos pareceu ser instrumento de penitencia, ou de castigo monachal. Mas os Frades que summo respeito tem a esse traste, logo nos desenganaram, e certificaram que, 24 horas antes da morte de todo e qualquer religioso de seo convento, a dita tábua espontaneamente battia contra a parede tres grandes pancadas mui fortes e bem distinctas. Muitas tem ella que batter em dias do S.to Patriarcha e mais Santos da Ordem, e nos de primeira classe, que todos tam solemnisados são no refeitorio!

(19) pag. 91, Verso 5.

Mais nobre, mais *gagé*, e mais xibante.

Gagé, palavra adoptada, em estylo de boas e honestas Sociedades, mormente pelas Damas, para se designar per ella uma Menina ou Senhora esbelta, agil e decentemente engraçada nos movimentos de seo corpo e cabeça. Vem do adjectivo francez *degagé*, que rigorosamente significa *desembaraçado*: más este epitheto *desembaraçàdo* não se pode unir em portuguez ao nome de Dama, sem se dar uma idéa pouco favoravel de seos costumes; pois a expressão de mulher, ou Senhora *desembaraçada*, equivale em estylo culto, e supre, com civil modificação, á de mulher desenvolta. O nosso Poeta, como bom conhecedor de estylos, e bom pratico dos preceitos de *Horacio*, fez uso aquí da liberdade que concede este Mestre aos homens de gosto apurado, e de atilado discernimento; e si adoptou esta expressão franceza, os usos de seo tempo, a ironía talvez, o estylo Héroi-comico de seo poema, e o exemplo de muitos Classicos portuguezes lh'o permittiram, e com louvor o desculpam: tanto mais que esta licença sempre foi per elle *sumpta pudenter*.

O mesmo podemos dizer da palavra — *xi-*

bante — que remata este verso, e que he hoje mui bem acolhida nas melhores sociedades.

Quanto á de *fregona*, que se acha no verso antecedente, parece-me ser expressão *provinciana*, e com especialidade, do *Alemtejo*. Tenho já ouvido appellidar *fregonas*, ou *fragonas*, as criadas que em qualquer casa se empregam nos trabalhos mais grosseiros, como cusinhar, amassar, esfregar, etc. D'esfregar, supponho eu, deriva a palavra -*fregona*.

---

(20) pag. 92, Versos 18 e 19.

Que, em regras economicas, bem pode
Dar sóta e az ao Grego *Xenophonte*.

Somos devedores ao historiador grego *Xenophonte*, alem de outras muitas obras que compoz, de um tratado sobre o regime caseiro, ou gouverno domestico; o qual vem no quinto Livro dos *aphorismos memoraveis* que d'elle temos, como proferidos per *Socrates*, de quem fez tambem a apologia. Este quinto livro he intitulado Οἰκονομικὸς λόγος, *Discurso economico*, e a elle allude o nosso Poeta em estes dous versos.

Quanto a expressão—*dar sôta e az* — Sabe se que he rifão muito corrente, e derivado do

jogo das cartas, o qual significa *grande avença*, que pode dar um habil jogador a seo adversario menos habil; e figuradamente, a superioridade que, em algum assumpto, tem qualquer sobre um, ou muitos antagonistas.

---

(21) pag. 93, Verso 21.

Quando empunhas severo a rubra vara.

A vara rubra, ou vermelha, he em *Portugal* o Symbolo das jurisdicções, ou justiças ordinarias, quaes as dos Almotaceis, Juizes ordinarios, Vareadores, etc.: bem como a Vara branca distingue d'elles os Ministros, ou Juizes, que occupam lugares chamados de *letras*, por isso que devem ser occupados per pessoas que, moços, hajam ido a *Coimbra* apprender a ler, mal ou bem, o que depois provam muitas vezes não saberem soletrar. A Justica administrada em *Portugal* per um infindo numero d'essas bitolas vermelhas e brancas, e com distinções que sempre são motivos de renhidas contendas, quando o não são de odios e de desordens, talvez seja uma das principaes causas de nossa infelicidade. Bom fôra que se indagasse de que cor éra a Vara que empunhou *Lopo Martins*, aquelle mercador que El Rei D. *João* primeiro fez corregidor do

Civel e Crime, em toda a Cidade e termo de Lisboa. (V. *as Chron. de D. João* 1. *per Fernam Lopes, e per Duarte Nunes do Lião.*)

---

(22) pag. 94, Verso 8.

Si tu, o estremada *Zamperini,*

Zamperini Comica cantora, Veneziana, que veiu a Lisboa em 1770, com a qualidade de *prima Donna,* e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazídos de Italia pelo S.r *Galli,* notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da Curia *Romana.*

Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua *dos Condes.* Como havia tempos que não se ouvíra *opera italiana* em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos,* mormente da Senhora *Zamperini,* que logo com sua familia foi grandiosamente alojada. Esta familia *Zamperini* compunha-se de tres irmãas, e de um Páe, homem robusto e bem apessoado que, a pezar de uma enorme cabeleira com que debalde pretendia dar quináo aos espertos alvidradores de edades, mostrava todavia no semblante poder exigir da Senhora *Zamperini* menos alguma cousa, que piedoso e filial respei-

to, ou dever lhe outorgar alguma cousa mais que a sua paternal bençāo.

Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os Agentes, interessados n'ella, lembraram-se de recorrer ao filho do Marquez de *Pombal*, o *Conde d'Oeiras*, então Presidente do Senado da Camara de *Lisboa*, que, já prezo e pendente da encantadora voz da Sirea *Zamperini*, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seos auspicios, ideou-se uma sociedade, com o fundo de 100 mil cruzados, repartido em 100 acções de 400 mil reis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantìa, lançou-se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes e estrangeiros que, em dia assignalado e a horas fixas, sendo juntos no Senado, sem saberem a que eram chamados, ouviram da boca do Conde Presidente as condições d'essa nova Sociedade theatral. N'uns, o receo de serem malvistos do Governo, n'outros, a vontade de agradar ao filho do primeiro Ministro, foram as poderosas considerações que os arrastráram todos a assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preenchêram.

Parece que os inventores e agentes d'esta Sociedade tivéram por alvo singular, o de mulctár a austera sisudesa de alguns negociantes

velhos; pois no rol dos Assignantes, a maior parte dos nomes éra de pessoas edosas, que nunca haviam sido vistas em publicos divertimentos. N'essa mesma Junta foram logo nomeados quatro Administradores inspectores do theatro, os quaes, com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se déram por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. *Ignacio Pedro Quintella*, Provedor da Companhia do *Gran'Para e Maranhão*, e tio do Ill.mo Barão de *Quintella*, *Alberto Meyer*, *Joaquim José Estolano de Faria*, e *Theotonio Gomes de Carvalho* foram os nomeados Inspectores Administradores, *nemine discrepante*.

Poucos mezes depois da abertura d'este theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado Pae da Senhora *Zamperini*: a Administração fez lhe um sumptuoso funeral, e no trigesimo dia apoz o obito, magnificas exequias na Igreja do Loreto onde fora sepultado. Alguns criticos de ma lingua haviam espalhado o boato de que, n'essas exequias, havia de recitar a Oração funebre o Padre *Macedo*, a esse tempo muito bom, e justamente accreditado pregador, e poeta que já comprimentára a *Zamperini* com varios Sonetos;

Odes, etc. O Patriarcha D. *Francisco de Saldanha*, receando que assim succedesse, mandou vir á sua presenca o Padre *Macedo*, prohibiu lhe de orar em taes exequias; de ir á *Opera*; de fazer versos a *Zamperini*; e ordenou-lhe de substituir per uma cabeleira o cabello que trazia, *á italiana*, bem penteado, e muito apolvilhado. Em vão allegou o P. *Macedo* com o exemplo dos clerigos da Nunciatura, que todos usavam de pomada e pós; e que a cabeleira offendia os canones: pois até os Padres, que d'ella usavam por causa de molestia, éram obrigados a impetrar *Breve* de *Roma*, que na Núnciatura éra taxado em um quartinho, por tempo de um anno de indulto. O Patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da Cabeleira, e somente moderou a ordem de não ir á *Opera*, com o preceito unico de não apparecer na platea, e com a faculdade de acantoar-se em fundo de algum camarote, ou em frizura pouco aparente, como a do Auditor da Nunciatura, *Antonini*, e do Secretario do Card. *Conti*, o P. *Carlos Bacher*, e outros P. P. italianos que, como elle, frequentavam a *Opera*, e a casa da *Zamperini*.

Não foi o P. *Macedo* o unico apaxonado admirador da *Zamperini*; muitos Poetas nacionáes e estrangeiros tributáram lhe obsequio-

sas inspirações de suas Musas. Entre elles distinguiu-se o Encarregado dos negocios de França, O *Chevalier de Montigny*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a edade, encontrou essa Sirea rendidos e rendosos adoradores. Em Dias Santos, á ultima Missa a que ella costumava assistir, na Igreja do Loreto, éra o concurso que apoz si chamava, numeroso e luzidissimo.

Antes de findos dous annos, e logo depois da morte do administrador *Ig. P. Quintella*, o fundo da Sociedade theatral achava-se exhausto, e as receitas montando a tam pouco, que mal cobriam as despezas indispensaveis do serviço mais ordinario, os Administradores deixáram de pagar os salarios dos Comicos e dos musicos da Orchestra. Entre os primeiros havia um chamado *Schiattini*, tenor acontraltado, homem jovial, e poeta que, por haver pedido o que lhe era devido, em estylo que não agradou aos Administradores, foi per estes aquartelado na casa dos Orates, donde éra conduzido ao theatro, todas as vezes que havia Opera. *Schiattini* valendo se então do privilegio analogo á residencia a que fôra condemnado, vingava-se em parodiar sobre a scena a parte, que no Drama lhe tocava, com

satyras recitadas e cantadas que divertiam os espectadores á custa dos Agentes da Administração. Recresceu a provocada raiva d'estes, e o pobre *Schiattini*, vendo-se em maior aperto, recorreu a El Rei D. José que, informado da injustiça com que era tratado, o admittiu na sua Capella.

Excusado he, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meado de 1774, que o Marquez de *Pombal* fez sair de Lisboa a *Zamperini*; e ainda mais excusado relatar as causas d'esta Ordem do Governo; direi somente que os Accionistas não colhéram cousa alguma d'essa empreza; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

Convenho que esta nota he sobejamente extensa; mas julguei necessario dar aos Leitores um fragmento, tal qual, da historia de nosso theâtro, e d'esta Senhora *Zamperini*, tão louvada n'estes outo versos do nosso Poeta, que não perdia a occasião de admirar as prendas de tam celebre *virtuosa*; pois, como amigo

intimo de *Theotonio Gomes de Carvalho*, éra admittido e frequentes vezes visto no Camarote da Administração.

---

(25) pag. 97, Verso 1.

» Quatro gatos mandou lançar de ferro. »

He muito original este methodo de restituir a voz e o som a um sino rachado, e bem celebrado fica per estes versos de nosso Poeta. Menos celebre não he a logração em que tambem caiu certa Corporação Religiosa, que ainda conserva rachado o seo sino maior. Um Charlatão roubou-a de quantidade de marcos de prata fina, sob o pretexto de fazer uma solda partícular com que havia de soldar o dito sino. Depois de sustentado á custa da Communidade, e de ter recebido algum dinheiro, á conta do promettido milagre, deixou sobre a eiva do sino um emplastro de chumbo, e, levando comsigo à prata, desapareceu.

---

(24) pag. 98, Versos 13 e 14.

A noticia dos Regios desposórios
Da Princeza Real, Real Infante.

Estes desposórios, diz a nota de um manuscripto que nos foi communicado, são os cele-

brados em 1785 entre o Senhor D. Joam, e a Senhora D. Carlota Joaquina, hoje Reis do Reino-unido de Portugal-Brazil-Algarves, etc. : mas he erro manisfesto, pois o *Hyssope* ja estava composto, e era conhecido muito tempo antes de 1776, e os desposorios de que fala o nosso Diniz são e devem ser os da Princeza então successora immediata ao throno, e depois Rainha de feliz memoria, a Senhora D. Maria I, com seo tio o Infante D. Pedro.

---

(25) Pag. 99, Verso 10.

A radiante luz de cem *bougías*.

Esta palavra, *Bougía* he definida per *Moraes* — vela de cera fina. — *Bougie*, na lingua franceza donde a trouxémos á nossa, vem do antigo francez *bouge*, que significa pequeno *aposento*, *quarto*, em Latim *cellula*; por conseguinte *bougie*, vela proporcionada ao pequeno aposento que ella allumia; e *bougeoir*, pequeno castiçal em que se poem essa pequena vela. Os francezes hoje distinguem a *bougie*, do *Cierge*, da *Torche*, da *Chandelle*, etc. — em portuguez cirio, tocha, vela de sebo etc.

Alguns dizem que *bougie* e *bougeoir* vem do verbo neutro *bouger* — mover-se; — por se-

rem de feitio e tamanho mui maneiros e azados para transporte de uma para outra parte. Venham donde vierem! — desejára somente que, visto termos adoptado a palavra *bougía*, tivessemos conservado a completa orthographia de sua origem, afora á desinencia, e que escrevessemos *bougia*; pois temos muitas palavras em que o diftongo *ou* se pronuncia *u*; e assim haveria differença, ao menos na escrita, entre uma pequena vela de cera, e *bugia*, fémea do *bugio*, ou *macaco*.

---

(26) Pag. 99, Verso 10.

, — reina a Saude.

Esta locução significa—*ha muitos e repetidos brindes*; e não se deve entender da saude individual dos circunstantes. Faço esta observação, porque algumas pessoas tropéçam aquí no sentido que dou, e que me parece ser o genuino.

---

(27) Pag. 107, Verso 14.

— muito trato
Tive então com o sabio *Abracadabro.*

O nosso Poeta, com acertada invenção, *pessoalisou* em Magico, Encantador, ou Bruxo,

o sabido *Talisman* ABRACADABRA, palavra magica que, dizem os Embusteiros, tem a virtude de curar febres, de perveni-las, e de obstar a todas as molestias, ate á mesma morte. Esta palavra, gravada em algum metal, e em forma de triangulo, de modo que dous de seos lados a repitam por inteiro, e que o terceiro conste só da letra A, onze vezes igualmente repetida, tem infindas virtudes. (V. Encyclopedia.)

Em a nota que sobre a palavra—Cabála—dei a pag. 157 d'esta obra, ja disse quanto podia dizer acerca de taes loucuras, que todas têm a mesma origem; convem a saber: na ignorancia de uns, dominada pela má fé de outros.

---

(28) pag. 109, Verso 15.

D'um puxativo *escalda* se tornava,

Escalda he, conforme nos asseveram pessoas da provincia do Alemtejo, comida apimentada e muito adubada com que os devotos do Deus Baccho costumam excitar sua devoção á frequencia das libações: em outras provincias dá-se lhe o nome de *isca*, de *escápola*, etc. No mesmo Alemtejo appelidam-se outro-sim *escaldas*, as tavernas ou bodegas

onde

onde se vendem essas comidas, e tambem as refeições em que, entre amigos, se comem as taes iscas *puxativas*.

Na precedente edição, haviamos seguido a lição *co'um puxativo escalda* — que nos offereciam alguns manuscriptos; e per ignorancia d'esse significado *Alemtejano*, o démos em nota como synonymo de espada que, em estylo chulo tem os variados nomes de *ferrumpea*, *ferrusca*, ou *farrusca*, *tarasca*, *ferrugenta*, *Maria-Francisca*, *timebunt*, *etc.* Mas reconhecendo este enganno a que fomos induzidos per incertas conjecturas, e cedendo a mais exactas informações, adoptamos a lição do manuscripto de que temos feito menção a pag. 24; o qual concorda com a edição de 1802.

Rectificada porém a falsa definição que haviamos dado da palavra *escalda*, indifferente nos parece, n'este lugar, o emprego das preposições *de*, ou *com*; pois importa pouco que o Prior da Alcáçova se tornasse á sua casa *com* um puxativo *escalda* no estomago, ou viesse *de* um *escalda*, onde, em companhia do Nunes bacchanal, comêra essas iscas *puxativas*, que ambos se não haveriam descuidado de rebater e regar com o costumado sumo.

Ut fuit in *Sextis* jam pridem perdita Roma ;
Semper et in *Sextis* perdita regna ruunt.

Porém si tam infeliz agouro se verificou nos reinados de Carlos *sexto* em França, de D. Afonso *sexto* em Portugal, de Pio *sexto* em Roma, e de outros Reis, nos seos reinos, *sextos* per numero de nome; agora não somente se desvanecerá; mas o nosso Augusto e amado Rei, o Senhor D. Joam *sexto* até saberá torna-lo, de presente e para o futuro, o mais certo presagio de geral felicidade, annuindo aos justos votos de sua Nação, e correspondendo, com a restituição dos Direitos constitucionaes, ao bem provado amor dos Portuguezes: estes rehabilitados então na sua nobre e antiga liberdade, ditosos poderão mudar o *pentametro* d'este triste distico no seguinte:

At nunc in *Sexto* Lysia tuta manet.

Lembraremos outro genero de *Onomancia*, muito vulgar entre os antigos, qual a que elles costumavam praticar em seos banquetes, brindando ás pessoas de seo affecto com tantos copos de vinho, quantas eram as letras dos nomes d'ellas. Varios epigrammas de Martial provam-nos este uso, principalmente o epigr. 72. do L. 1. onde se leem os seguintes versos:

Nævia sex cyathis, septem Justina bibatur,
Quinque Lycas, Lyde quatuor, Ida tribus.
Omnis ab infuso numeretur amica Falerno;
Et quia nulla venit, tu mihi, somne, veni.

Observamos que os diftongos, posto que só valham em poesia tanto quanto uma simples vogal, n'essa sorte de Libações se contavam sempre por duas letras bem distinctas; como se prova tambem do Epig. 95 do L. 9, onde o nome *Cæsar* requer 6 brindes. Temos outrosi uma duvida que não sabemos resolver, a qual versa sobre a medida do *Cyathus*. Quantos *Cyathos* eram contidos na *Hemina* de vinho? Qual seria a capacidade d'essa *Hemina*? Por ser assumpto competente a devotos do Deus Baccho, e a Eruditos, deixamo-lo aos RR. PP. Benedictinos que nos saberão dizer, com certeza, quantos *quartilhos* leva a hemina de vinho que lhes outorga a Regra de seo Santo Patriarcha, tanto nas suas refeições, como para sua Socega. (V. no Dicc. de Moraes a palavra — *Socega*).

Resta darmos a definição e etymologia que promettêmos da palavra — *Onomania.* — Parece-nos que vem de ὄνος, asno, burro; e de μανία, furor, mania, loucura, tolice, etc. Por tanto *Onomania* poderá significar *tolice*

muito asnatica ou *asneira muito tola*; e este novo vocabulo he sem duvida o mais proximo synonymo de Onomancia.

---

(30) pag. 166, Verso 13.

. . . . as remendadas Pias;

Pia, em termos de *Coudelaria,* he o nome que se dá ao cavallo de cor branca e preta; esta palavra vem do francez *pie*, que significa *Pega,* passaro malhado de branco e preto. Os Francezes dam o nome d'esta ave aos cavallos que, com as cores d'ella, são betados; e *Voltaire*, pela mesma razão, o deu tambem aos frades *Dominicos.* (Puc. Canto IV).

O adjectivo, *remendadas*, significa que as malhas são maiores, ou menos symmetricas (Vid. *Moráes*, no seo diccion. pal. *Remendado*).

Por tanto, *Remendadas Pias* significam Cavallos, ou Eguas malhadas de branco e preto: e assim pintáram os antigos poetas os Cavallos do Carro da *Aurora*, com o fim de mais claramente indicar que a Aurora he, em tempo, o estado medio, participante das trevas da noite e da luz do dia.

FIM DAS NOTAS.

ERRATA.

PAGINA.		ERROS.	EMENDAS.
xxix. l. 2 da not.		Lancén-o	Lancen-o
9. verso	1.	gosto	gesto
11.	18.	vãos	vîs
44.	4.	depedia	despedia
63.	20.	vem per fim	vem no fim
73.	5.	convidada :	convidava :
88.	13.	E (qual lubrica	(Qual a lubrica

Estes são os erros que temos achado, avessos á intelligencia do Poema, e á lição do ja lembrado Manuscripto : Os seguintes vam notados, em obsequio dos Estrangeiros estudiosos de nossa literatura; e não de Portuguezes, que facilmente os podem corrigir e desculpar.

17. verso	15.	será lido	será lido ;
19.	1.	cado ronco	cada ronco
25.	10.	tom a ndo	tomando
42.	23.	malevelo	malévolo
	27.	baforinh as	baforinhas
58.	2.	có m	com
62.	14.	O *Lara,* proseguiu :	O *Lara* proseguiu :
79.	3.	tyrannia ,	tyrannia
85.	27.	temer osa	temerosa
92.	9.	Un tempo	Um tempo
94.	20.	embu tidas	embutidas
108.	7.	*Deáo*	*Deão*
125. linh.	3.	differenca	differença
137.	17.	o manchar	a manchar
142.	14.	fizerão	fizeram
161.	12.	n'este edição	n'esta edição
175.	1.	*irmaos*	*irmãos*
176.	6.	todo Psalterio	todo o Psalterio :
192.	19.	assevaram	asseveram

A *Lynces*, chatinantes em critica de trabalhos alheos, cedemos a proveitosa pesquisa das mais falhas que haverão escapado a nosso exame. Azando lhes fornimento para a abastança obrigada de suas atarefadas sentenças, esperamos que se não descuidem de multiplicar sua gandaia pela formula costumeira de seo mao grado, e de offerecer ao Publico, em soado estylo, tam interèssante producto, com a expressão hyperbolica de *bastante* ou *infinito*.